

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELISA MARCHESE

O INTELLECTUAL FARIS MICHAELE (1940-1977) E SUA DIMENSÃO
REGIONAL: QUESTÕES DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO

CURITIBA
2014

ELISA MARCHESE

O INTELLECTUAL FARIS MICHAELE (1940-1977) E SUA DIMENSÃO
REGIONAL: QUESTÕES DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Leziany Silveira Daniel

CURITIBA
2014

Catálogo na publicação
Fernanda Emmanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Marchese, Elisa

O intelectual Faris Michael (1940-1977) e sua dimensão regional :
questões da cultura e da educação / Elisa Marchese – Curitiba, 2014.
110 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leziany Silveira Daniel

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da
Universidade Federal do Paraná.

1. Educação e cultura. 2. Intelectuais. 3. Modernidade. 4. Michael, Faris
Antonio S. (Faris Antonio Salomão), 1911-1977. I. Título.

CDD 370.19



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Dissertação de **ELISA MARCHESE** para obtenção do Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, DR^a LEZIANY SILVEIRA DANIEL, DR. CARLOS EDUARDO VIEIRA, DR^a DULCE REGINA BAGGIO OSINSKI e DR. NEVIO DE CAMPOS, arguiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: "**O INTELECTUAL FARIS MICHAELE (1940-1977) E SUA DIMENSÃO REGIONAL: QUESTÕES DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO**".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR ^a LEZIANY SILVEIRA DANIEL		Aprovada
DR. CARLOS EDUARDO VIEIRA		Aprova m
DR ^a DULCE REGINA BAGGIO OSINSKI		Aprovada
DR. NEVIO DE CAMPOS		Aprovada

Curitiba, 21 de março de 2014.

Profª Drª Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Profª. Dra. Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação
Matrícula: 125750

Aos meus amados pais, Ivo e Elena (in memoriam)...

AGRADECIMENTOS

Ao final de mais uma etapa da minha trajetória acadêmica, só tenho a agradecer. Por isso, nas próximas linhas expresso a minha gratidão a todas aquelas pessoas que compartilharam comigo os momentos de alegrias e tristezas que permearam esses anos de estudo.

Primeiramente, agradeço à Prof.^a Dr.^a Leziany Silveira Daniel que com muita sabedoria, competência e paciência me guiou em todas as etapas desse trabalho.

Aos professores Carlos Eduardo Vieira, Névio de Campos e Dulce Baggio Osinski por terem aceito avaliar esse trabalho e pela criteriosa leitura que me ajudou no amadurecimento da pesquisa e dos escritos.

De modo especial, agradeço ao Prof.^o Dr. ^o Névio de Campos pelas inúmeras oportunidades que me proporcionou nos tempos de Iniciação Científica e por ter acreditado em mim, incentivando-me a alçar vôos mais altos.

Às professoras Gizele de Souza, Nádia Gaiofatto Gonçalves e Liane Maria Bertucci, pelas disciplinas ao longo do curso.

À professora Joselia Maria Loyola de Oliveira Gomes do Centro de Documentação e Pesquisas em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, por ser tão solícita e atenciosa.

Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná – Cínthia, Fábio e Patrícia – pela atenção, competência e solidariedade.

Às minhas queridas amigas que conheci nesta jornada - Carina, Franciele, Letícia, Raquel e Vanessa - as quais compartilharam comigo as intempéries dessa batalha exaustiva e, também, as doces alegrias das pequenas conquistas.

À Amanda e Franciele, amigas de longa data que mesmo de longe também se fizeram presentes de alguma forma.

Ao querido Paulinho pela amizade solidária, pelas palavras certas e pelas orações.

Ao Eduardo pelas suas gentilezas que facilitavam a logística dos deslocamentos.

À Daniele pelas conversas intermináveis que dividiam o peso da farda que, às vezes, era pesada demais.

Ao Thomaz, companheiro há quase uma década, pelo amor, compreensão e incentivo.

Às minhas amadas irmãs Cristina e Eluisa, o meu porto seguro, que estiveram sempre ao meu lado sem medir esforços para que eu chegasse até aqui.

Aos meus afilhados, Mateus e Lívia, que com sua inocência infantil tornaram os meus dias mais leves e me fizeram redescobrir a beleza da infância.

À tia Ana pelos telefonemas preocupados, pelas orações, incentivo e amor incondicional.

À minha mãe Elena, exemplo de força e coragem, a sua falta fez com que os rumos mudassem, mas não impediu que eu tivesse forças para realizar aquilo que sonhávamos. Sou grata pelos seus sacrifícios que lhe custaram a vida

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Finalmente, agradeço a Deus por me amparar nos momentos difíceis e me dar forças para vencer os obstáculos, mostrando os caminhos a serem seguidos nas horas incertas.

Muito obrigada!

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava.

Guimarães Rosa

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar questões sobre a cultura e a educação no pensamento de Faris Antônio Salomão Michael (1911-1977), buscando compreender o projeto moderno de sociedade idealizado por este personagem, que se articulava com as discussões em voga no cenário nacional e regional. Faris Michael nasceu no município de Mococa, interior do Estado de São Paulo, e nos primeiros anos da sua infância veio com a sua família residir na cidade interiorana do Estado do Paraná, Ponta Grossa. Iniciou sua formação no Colégio São Luiz (Ensino Primário), seguiu para o Ginásio Regente Feijó (Ensino Secundário) e formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Paraná. O intelectual ficou conhecido pela criação e participação em inúmeras instituições culturais e educativas locais, regionais, nacionais e internacionais. Nesse sentido, o envolvimento intenso deste personagem com instituições e outros intelectuais em prol da cultura e da educação, bem como suas obras e escritos são alvos de investigação do presente trabalho de pesquisa já que se busca reconstruir e reinterpretar a produção e a ação do intelectual, articulando textos e contextos. A análise privilegia o período circunscrito entre os anos 1940 a 1977, pois representam o auge da produção e da ação do intelectual desde a sua primeira publicação até a sua morte quando ainda presidia o Centro Cultural Euclides da Cunha. O referencial teórico que rege e dá suporte às análises são os conceitos de *campo*, *intelectual* e *trajetória* de Pierre Bourdieu. No que concerne aos conceitos de moderno, modernização e modernidade, tomamos como principais referências, Marshall Berman, Marcus Vinicius Carvalho, Allan Touraine, Anthony Giddens; além das contribuições teóricas sobre a história intelectual de Helenice Rodrigues da Silva e Carlos Eduardo Vieira. A dissertação estará dividida em dois capítulos. No primeiro, a discussão está voltada para a análise da trajetória escolar e profissional do intelectual, bem como as ações do intelectual em ambientes educativos e culturais. No segundo, apresentam-se os escritos de Faris Michael, os quais guiam a reflexão para a compreensão do seu pensamento acerca do projeto moderno. As fontes pesquisadas são as obras, artigos, correspondências, periódicos, documentos e manuscritos que fazem parte do Acervo Faris Michael que encontram-se no Centro Documentação e Pesquisas em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Dessa forma, pretende-se com esta investigação indicar sinais da própria história cultural e educativa da cidade de Ponta Grossa visto que ao percorrer o pensamento e as ações do personagem, esbarramos na história de instituições que foram cruciais no processo de constituição da cidade ao longo do século XX.

Palavras-chave: Cultura. Educação. Faris Michael. Modernidade.

ABSTRACT

This research intends to analyse the issues about culture and education according to the concept of Faris Antônio Salomão Michaelé (1911-1977) and it also searches for understanding the modern society project idealized by Michaelé. He was connected with debates in vogue of the national and regional scenario. Faris Michaelé was born in Mococa, a county located in the countryside of São Paulo state. During his early childhood, accompanied by the family, he moved to a town in the countryside of Paraná state called Ponta Grossa where he began going to school at Colégio São Luiz, accomplished high school at Ginásio Regente Feijó Paraná and graduated in law at Faculdade de Direito do Paraná. As a theorist, he was known by creating and attending several local, regional, national and international institutions of culture and education. In this sense, the profound relation among him, institutions and other theorists in favor of culture and education as well as his masterpiece and writings are issues to be investigated in this study due to the pursuit of rebuilding and reinterpreting his production and action relating both with texts and contexts. The analysis privileges the period from 1940 to 1977 because it has represented the apogee of his work since his first publication until the day of his death when he was still presiding at Centro Cultural Euclides da Cunha. The theoretical background of this research is guided and based on concepts which are related *field, intellectual and trajectory* developed by Pierre Bourdieu. Regarding the concepts of modern, modernization and modernity, we take as main references, Marshall Berman, Marcus Vinicius Carvalho, Allan Touraine, Anthony Giddens; addition to the theoretical contributions to the intellectual history of Helenice Rodrigues da Silva and Carlos Eduardo Vieira. The dissertation is divided into two chapters. At first, the discussion is focused on the analysis of the educational trajectory of the intellectual as well as the actions of the intellectual in educational and cultural environments. Then, we present the writings of Faris Michaelé, which guide the reflection to understand their thinking about modern design. The main sources of investigation are books, articles, letters, scientific magazines, documents and manuscripts. All of them are included in Acervo Faris Michaelé, a library located at Centro Documentação e Pesquisas em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Center of Data and Research about History at Universidade Estadual de Ponta Grossa). According to the shown ideas, this project has as its goal to seek for and indicate signs of the own cultural and educational history of Ponta Grossa recalling the fact that Michaelé's thought and acts were experienced, it was able to be noticed while studying the history of institutions which played a critical role during the process of the city constitution over the XX century.

Key-words: Faris Michaelé. Culture. Education. Intellectual. Modernity

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	RELAÇÃO DAS EDIÇÕES DO <i>TAPEJARA</i>	54
QUADRO 2 -	RELAÇÕES DE AUTORES E OBRAS ESTRANGEIROS QUE COMPÕEM A LISTA DE LIVROS CONSULTADOS NAS OBRAS DE FARIS MICHAELE	64
QUADRO 3 -	RELAÇÕES DE AUTORES E OBRAS BRASILEIRAS QUE COMPÕEM A LISTA DE LIVROS CONSULTADOS POR FARIS MICHAELE	64

LISTA DE SIGLAS

CCEC	- CENTRO CULTURAL EUCLIDES DA CUNHA
FFCL – PG	- FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE PONTA GROSSA
UEPG	- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MODERNIDADE NA AÇÃO INTELECTUAL	28
1.1 FARIS MICHAELE, “O PACATO PROFESSOR PROVINCIANO”: TRAJETÓRIA ESCOLAR E PROFISSIONAL.....	31
1.1.2 O “MESTRE PONTA-GROSSENSE” NO GINÁSIO E NA UNIVERSIDADE.....	42
1.2 O CENTRO CULTURAL EUCLIDES DA CUNHA	47
1.2.1 TAPEJARA, “A VOZ DO BRASIL INTERIOR”.....	53
2 MODERNIDADE NA PRODUÇÃO INTELECTUAL	58
2.1 PERCORRENDO AS LINHAS EM BUSCA DA MODERNIDADE	63
2.2 A BRASILIDADE NA OBRA DE FARIS MICHAELE: APROXIMAÇÕES E TENSÕES NO CAMPO INTELECTUAL.....	71
2.3 CULTURA E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE FARIS MICHAELE.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
FONTES	93
REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICES	103

INTRODUÇÃO

A presente dissertação visa analisar alguns aspectos do pensamento de Faris Antônio Salomão Michaelle (1911-1977), buscando compreender o projeto moderno de sociedade idealizado por este personagem pelas vias da cultura e da educação, expressos nas páginas de suas publicações, na sua ação como fundador e partícipe de ambientes culturais e educativos, bem como nas relações de interlocução com outros intelectuais e instituições nacionais e internacionais. Assim, percorremos o pensamento desse intelectual *regional* com o intuito de desvendar pistas de uma possível articulação entre o seu pensamento de e o que estava sendo pensado e produzido no restante do país e era redimensionado na sua realidade.

O conceito de intelectual *regional* mencionado aqui é apropriado do campo sociológico a partir dos estudos de Luís Rodolfo Vilhena (1996, 1997) que privilegiam o *movimento folclórico*¹ nacional e a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil.

O intelectual *regional* para esse autor é aquele que, mesmo afastado do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, buscava se unir aos seus pares para promover discussões, ações e produzir bens simbólicos que difundissem a cultura da sua região nos moldes científicos com vistas para a construção da identidade nacional. Os intelectuais que emergiam dessa realidade a partir da década de 1930, eram autodidatas e polígrafos que se dedicavam à literatura, à poesia, ao direito, ao magistério com uma rotina intensa de trabalhos.

O caso de Faris Michaelle não era diferente, o intelectual que adjetivamos como *regional* se autodenominava “pacato e provinciano professor” (MICHAELLE, 1968, p.11); era bacharel em Direito, jornalista, escritor, poeta, professor, indianista, lingüista, sociólogo, antropólogo, ou seja, autodidata e polígrafo² de uma cidade no interior do Estado do Paraná que

¹ O movimento folclórico é tratado no livro *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1967)* de Luís Rodolfo Vilhena, abrange uma série de empreendimentos de um grupo de intelectuais que almejava o reconhecimento do folclore como saber científico.

² Sérgio Miceli (2001) utiliza o termo polígrafo para designar a multiplicidade de tarefas ligadas à intelectualidade.

mesmo afastado dos grandes centros se engajou na construção da identidade nacional, promovendo a cultura e a educação.

Dessa forma, destacamos que neste trabalho voltamos nosso olhar para um teórico talvez desconhecido no restante do país, mas que nos traz elementos para a compreensão dessa geração de intelectuais que estavam pensando o Brasil em meados do século XX.

A aproximação com tal objeto de estudo decorreu das experiências obtidas na Iniciação Científica sob a orientação do Prof. Dr. Nívio de Campos na Universidade Estadual de Ponta Grossa. A investigação intitulada *Redes de sociabilidade e concepções de educação de Faris Michaelé*³, pautada na análise das correspondências que compõem o acervo pessoal do Michaelé, nos mostrou o seu intenso diálogo com personagens importantes no cenário nacional, a saber: Gilberto Freyre, Érico Veríssimo, Roquete Pinto, Valfrido Piloto, Erasmo Pilotto, Cândido Rondon, Luís Câmara Cascudo, Roger Bastide e Raul Gomes, entre outros.

Outra investigação denominada *Diálogo de Faris Michaelé com a Escola Nova*⁴, que se constituiu na busca pelas obras de temática educacional que compunham o acervo da sua própria biblioteca, nos revelou a presença significativa e curiosa de obras e autores da Pedagogia Moderna⁵. Os autores estrangeiros que se destacaram foram: Émile Durkheim, Jean Jacques Rousseau, John Dewey e Willian Heard Kilpatrick. Já no cenário nacional, encontramos obras dos três principais pioneiros da Educação Nova: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho.

Os resultados apresentados nas investigações mencionadas acima nos mostraram que o vínculo entre Faris Michaelé e diferentes instituições culturais mantidos por meio de cartas, publicações e obras fortalecia a sua ação intelectual, instigando a criação de novas instituições, grupos, projetos e outros;

³ Pesquisa financiada pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) desenvolvida no período 2009 a 2010.

⁴ Pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo CNPq desenvolvida no período de 2010 a 2011, sob a coordenação do Professor Doutor Nívio de Campos.

⁵ A Pedagogia Moderna assumiu diferentes denominações, como, por exemplo: Escola Ativa, Escola Progressista, Pedagogia Contemporânea, Escola Nova. Essa concepção pedagógica renovadora ancorada na visão filosófica baseada na vida, na existência e na atividade nasceu em contraposição à concepção tradicional. Inspirada nos métodos de experimentação das ciências fontes da educação, assumiu características variadas e sua popularização e difusão se deu pelo conhecido Movimento pela Escola Nova (ROBALLO; VIEIRA, 2007, p. 258)).

isso o guiava a acumular capital e poder simbólico, estes, por sua vez, lhe conferiam o reconhecimento no campo intelectual e cultural. No que diz respeito a essa situação, Pierre Bourdieu (2008, p. 59) justifica que “[...] o peso dos diferentes agentes depende de seu capital simbólico, isto é, do reconhecimento institucionalizado ou não, que recebem de um grupo”.

Entretanto, as pesquisas citadas anteriormente não privilegiaram as obras publicadas por Faris Michaele, o que deixou certas lacunas em nossas investigações, já que “a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos” (SILVA, 2002, p. 12).

Partindo destes princípios, apontamos que o objetivo central, que difere a presente pesquisa das demais já concluídas, é identificar e analisar o pensamento revelado por meio das produções e das ações de Faris Michaele no campo cultural e educacional, enfatizando sua intervenção em centros culturais e instituições formativas. Para tanto, recorreremos a dois objetivos específicos: problematizar no conjunto de obras, artigos e correspondências de Faris Michaele o seu pensamento cultural e educacional a partir do local de produção e, por fim, perceber a postura do intelectual *regional* participante de uma rede de trabalho em torno de temáticas discutidas em todo o território nacional em uma ação integrada. Optando por esse viés, iniciamos essa empreitada com a hipótese de que Faris Michaele, assim como muitos dos intelectuais do seu tempo, mesmo declarando-se “apolítico”, revela em seus escritos uma obra política de cunho cultural e educacional sintonizada com as discussões que ocorriam no cenário nacional.

As obras⁶ de Faris Michaele que serão alvos desta pesquisa são: *Ensaio Contemporâneo* (1940), *Titãs de Bronze* (1943), *Manual de Conservação da Língua Tupi* (1951), *Breve Introdução à Antropologia Física* (1961), *Arabismos entre os africanos da Bahia* (1968), *Tupi e Grego* (1973), *Biografia de Vila Velha* (1975), *Gauchismo no Prata e Gauchismos no Brasil* (1976), *O Direito entre os Índios do Brasil* (1979) e *Cepa Esquecida* (1983), além de outras publicações em parceria com outros autores, bem como outros

⁶ Uma breve apresentação desse conjunto de obras está organizada nos apêndices do presente trabalho.

materiais impressos (periódicos, revistas) que tragam informações a respeito de Faris Michaelle. Essas obras são, na sua maioria, relacionadas às disciplinas que lecionava, com temáticas sobre cultura, índios, línguas estrangeiras e indígenas, Antropologia, História, entre outros. A intensa ligação de Faris Michaelle com as Ciências Humanas e Sociais revelada nestes estudos e pesquisas que resultaram nas obras também se mostra como um ponto fecundo de investigação.

Portanto, com essa proposição, revisitaremos as fontes já consultadas em outras pesquisas, como por exemplo, as correspondências enviadas e recebidas, os artigos publicados nos jornais *Diário dos Campos*, *O Tapejara* e *Jornal do Paraná* e acrescentaremos as obras publicadas por Faris Michaelle que, no nosso entendimento, serviam como meio de sistematização e difusão das suas crenças, ideias e críticas⁷. Parafraseando Silvia Pizzetti (2003), tais multiplicidades de fontes nos dão a possibilidade de reconstituir as mil faces do intelectual em estudo que foi antes de tudo mestre, depois, advogado, filólogo, antropólogo, poliglota e escritor.

A possibilidade desta investigação torna-se possível, em grande medida, por conta da disponibilidade das fontes arquivadas junto ao Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, desde 1998, ano em que a esposa de Faris Michaelle, Amélia Oberg efetuou a doação do acervo pessoal e da biblioteca particular de seu marido.

Ainda em relação às fontes, compartilhamos as premissas de Ragazzini (2001, p. 15) “de que a relação do historiador com as fontes é uma das bases, um alicerce fundamental da pesquisa. A relação com as fontes é a base sobre a qual se edifica a pesquisa historiográfica”. O historiador Le Goff (1996), também nos alerta para a análise cuidadosa e minuciosa dos documentos, pois “todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, des-montado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é ‘falso’, avaliar a credibilidade do documento, mas também

⁷ O Centro de Documentação e Pesquisas em História (CDPH), local que abriga o acervo alvo das investigações, possui duas salas: a Sala do Acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC) e a Sala da Documentação Judiciária. O acervo do CCEC está disposto por séries, sub-séries e dossiês, segundo critério funcional ou tipológico. O acervo pessoal de Faris Michaelle possui aproximadamente 7 mil livros, centenas de revistas, fotografias, correspondência e coleções.

saber desmistificá-lo” (LE GOFF, 1996; p. 110, grifos do autor). Frente a essas perspectivas, reconhecemos a necessidade de se conhecer o local e o contexto de produção de tais documentos a serem investigados, além do modo de reunião, seleção e conservação desses materiais.

Pelo exposto, nosso trabalho tem como premissa problematizar o pensamento de Faris Michaele sobre as questões culturais e educativas sintonizadas com as ideias da modernidade. De modo a investigar de determinados aspectos de sua trajetória tidos como cruciais nessa proposição, pois

(...)a qualidade da produção histórica depende do questionário elaborado pelo historiador; a validade das respostas obtidas remete, para além dos procedimentos empregados, à pertinência da documentação mobilizada em relação às questões propostas (BOUTIER, 1998, p.38).

Nesse olhar, a originalidade deste trabalho dar-se-á na articulação com os trabalhos já publicados e no avanço nas questões que tangem ao projeto de sociedade pensado por Faris Michaele e revelado em seus escritos, principalmente, no conjunto de obras de sua autoria que privilegiam a educação e a cultura como elementos decisivos na organização da sociedade e na construção do sentimento de pertencimento e identidade nacional. Vale ressaltar que a análise de seu pensamento e suas ações como intelectual ocorrerão de modo articulado e indissociável ao entendimento dos contextos intelectuais, culturais, educacionais, políticos e sociais numa tensão contínua entre texto e contexto.

Sobre a produção historiográfica existente destinada à investigação do pensamento de Faris Michaele, contamos com a colaboração de Jonathan de Oliveira Molar (2011) com o artigo intitulado *Faris Michaele, do regional ao panamericanismo: o ir e vir de um intelectual*, que nos traz as concepções sócio-culturais presentes em sua vida e nas suas obras durante período de 1940 a 1970.

Outro trabalho é a dissertação de Carmencita de Holleben Mello Ditzel (1998) denominado *O arraial e o fogo da cultura: os euclidianos pontagrossenses*. A autora dedica o terceiro capítulo ao “homem que escrevia cartas” com o objetivo de expor a experiência pessoal do professor Faris

Michaele e sua contribuição histórica ao grupo do Centro Cultural Euclides da Cunha. Ditzel também faz algumas menções e reflexões sobre os intelectuais e o CCEC no terceiro capítulo da sua tese intitulada *Manifestações autoritárias: o integralismo nos Campos Gerais (1932-1955)*. Esse estudo remonta e analisa as repercussões do Movimento Integralista de 1930 na cidade de Ponta Grossa, a qual é vista como uma cidade plural, onde conviveram projetos diferentes em disputa de poder. O estudo de Ditzel é fundamental para nossos escritos, pois a partir dele conseguimos pistas sobre o contexto histórico da cidade de Ponta Grossa, algumas concepções do Centro Cultural Euclides da Cunha e informações sobre o homem que escrevia cartas.

Caroline Gonzatto e Claudio DeNipoti (2007) no artigo *Horizontes de expectativas: leitores e continuadores de Euclides da Cunha nas páginas do jornal Tapejara em Ponta Grossa, 1952*; buscam compreender as apropriações dos euclidianos da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Esse estudo nos é revelador, pois foca-se sobre as diversas compreensões das temáticas que nos são caras em nosso estudo: identidade nacional, raça e nação.

Nesse mesmo viés, encontramos o trabalho de Ancimar Teixeira (2010) *Imagens da leitura: os significados de Os Sertões na leitura dos integrantes do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa/PR (1948-1952)*, o qual também se preocupa com a leitura da obra de Euclides da Cunha pelos euclidianos ponta-grossenses, analisando os artigos escritos no *Tapejara*.

Em outro artigo de Caroline Gonzatto (2009), intitulado *A arte de alcançar em conjunto o alvo das aspirações comuns: a filosofia de “comunidade” de Jean-Luc Nancy no discurso de Faris Michaele*, a autora analisa a inserção de Faris Michaele na comunidade literária, traçando um diálogo entre o que o intelectual lia e escrevia sobre raça.

Também encontramos um estudo sobre o jornal do CCEC, o *Tapejara*. Patricia Augsten e Marianna Lays Bueno da Silva (2005) analisam a história e a significação do impresso. Seguindo o conceito cultural do periódico apolítico e independente⁸, as autoras fazem uma espécie de breve biografia de Faris Michaele, idealizador do jornal.

⁸ O *Tapejara*, jornal do Centro Cultural Euclides da Cunha, se autodenominava como apolítico e independente, assim como o CCEC. Vejamos uma nota de esclarecimento publicada no referido periódico em julho de 1957: “Repetimos: APOLÍTICO E INDEPENDENTE, promove a

Luciana Cristina Pinto e Cláudio DeNipoti (2009) analisam as dedicatórias dos livros doados à biblioteca do CCEC no artigo *O livro como dádiva: as dedicatórias manuscritas nos livros do centro cultural Euclides da Cunha – Ponta Grossa – 1950-1960*. O estudo, apesar de não tratar especificamente de Faris Michaelle, traz o intelectual à cena, pois era ele que mais investia em permutas devido à grande rede de sociabilidade e ao contato com inúmeras instituições e polígrafos.

Névio de Campos e Elisa Marchese (2010) analisam a trajetória intelectual de Faris Michaelle problematizando sua concepção de educação. Os autores buscam, no acervo da biblioteca pessoal do intelectual, evidências da aproximação dos ideais do personagem com as matrizes teóricas e filosóficas do pensamento moderno que mobilizaram o debate educativo contemporâneo, tanto com autores estrangeiros quanto nacionais.

Além disso, temos a biografia póstuma de Faris Michaelle escrita por Eno Theodoro Wanke (1999). Sobre este trabalho, que percorre toda a cronologia e os fatos vividos por Faris Michaelle, notamos certo grau de mitificação e exaltação do personagem, atitude típica que faz com que “certas categorias de escritores sejam propensas a escrever em suas memórias e que outras se prestem como objetos de um culto póstumo através de biografias” (MICELI, 2001, p. 83). Portanto, é preciso relativizar algumas afirmações de Wanke, amigo de longa data do estudioso em questão, principalmente algumas adjetivações e metáforas que buscam eternizar, edificar e blindar a memória de Faris Michaelle.

Nossa investigação dialoga com os trabalhos citados acima, entretanto o objeto de pesquisa se mostra particular aos demais. Como já apontamos, olharemos Faris Michaelle pelas faces da cultura e da educação ao longo da sua trajetória intelectual. Não temos a pretensão e sabemos das impossibilidades de reescrever a vida com todas as suas contradições e conflitos em poucas linhas. Contudo, cercados pelas fontes e ancorados pelo referencial teórico, permitindo a tessitura do texto e contexto, buscamos apreender as intenções contidas nas suas ações, compreender a sua produção

cultura pela cultura, procurando aproximar os povos e intensificar o intercâmbio de ordem intelectual, ao mesmo tempo que estuda os mais complexos problemas brasileiros. Já é tempo dos ambiciosos políticos de certos credos se compenetrarem de que o Idealismo ainda existe e não deve ser dificultado em suas aspirações morais e espirituais” (TAPEJARA, jul 1957).

teórica, tornando-se assim possível o entendimento das colocações e deslocamentos desse produtor de conhecimento no espaço social.

A partir daqui, o presente trabalho de pesquisa insere-se no âmbito da História da Educação, particularmente na História Intelectual da Educação, pois tem como propósito a reconstituição de idéias situando-as em seu contexto de produção. Mas afinal, o que seria uma história intelectual? Como afirma Helenice Rodrigues da Silva (2002) em seu texto *História Intelectual: condições de possibilidades e espaços possíveis* tal pergunta possui respostas ainda imprecisas e insuficientes, pois ainda é um terreno a ser desbravado.

Apresentado com um campo indeterminado por Helenice Rodrigues da Silva (2002), as discussões sobre a História Intelectual e a História dos Intelectuais surgem a partir dos anos 80 do século XX, impulsionadas pela crise de representação do intelectual.

A autora buscou apreender os significados e as diferenças entre tais campos de estudo. Para isso, elegeu duas obras representantes dessas duas modalidades. A primeira foi a obra do historiador Christophe Charle, *Naissance des "intellectuels" – 1880-1990*. Tal obra, focada a desvendar os enigmas do Caso Dreyfus, serve-se dos métodos e procedimentos das ciências sociais à luz dos conceitos de *campo*, *habitus* e *bens simbólicos* de Pierre Bourdieu. A segunda obra do historiador Jean-François Sirinelli, *Intelectuais e paixões francesas: manifestos e petições no século XX (1990)*, compreendida como representante da História dos Intelectuais, é um estudo sobre os 100 anos da existência dos intelectuais a partir da análise dos manifestos escritos por estes. O livro de Sirinelli apresentou fatos, gênese dos acontecimentos, lista de assinantes, interpretações de cada manifesto, buscando mostrar as redes de sociabilidade que se elaboram ao longo dos tempos no meio intelectual.

A partir desses exemplos discutidos por Helenice Rodrigues da Silva (2002), compreendemos que a História Intelectual, com a qual trabalhamos, está recortada a partir dos contextos de produção das ideias e das correntes de pensamento dos intelectuais, enquanto a História dos Intelectuais está ligada às ações dessa camada social, seus espaços de sociabilidade, seus manifestos, suas petições, dedicando-se ao estudo da constituição dos grupos intelectuais e suas relações com o campo.

Ainda segundo a autora, a História Intelectual tem um caráter pluridisciplinar, ou seja, está “situada na interseção de diferentes disciplinas (história, filosofia, sociologia) (SILVA, 2002, p.12). Além disso, “[...] a história intelectual deve privilegiar a leitura de um texto em relação ao seu contexto” (SILVA, 2002, p.12). E ainda, tem o “[...] papel fundamental o posicionamento de idéias, situando-as em seu contexto (intelectual e histórico) de produção” (idem). Portanto, a História Intelectual nos permite a reconstituição de idéias nos possibilitando “uma melhor apreensão dos universos intelectuais” (idem, p.13); e fazendo esse novo campo de investigação diferir-se da tradicional História das Ideias francesas e da nova História Cultural.

A tradicional História das Ideias, a qual Helenice Rodrigues da Silva (2002) refere-se, estava ligada à crônica de ideias organizada em uma justaposição cronológica fruto de resumos de textos políticos ou filosóficos. Por outro lado História Cultural, herdeira da Nova História, inaugurada com a revista *Annales*, possui pressupostos teóricos e metodológicos distintos das demais correntes como, por exemplo, a abertura para o diálogo com outras ciências e a diversidade de objetos e fontes.

Peter Burke (1992), na obra *A escrita da história*, discute sobre a chamada Nova História, trazendo algumas considerações sobre o que foi esse movimento, como ele começou e quais os pontos; segundo ele, são fortes e fracos nesta perspectiva. O autor escreveu que “a nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional [...]” (BURKE, 1992, p.10, grifos do autor).

O termo paradigma tradicional é entendido pelo autor como a tradicional história do historiador Leopold Von Ranke e, até mesmo, como a visão do senso comum de se fazer história, isto é, a nova história se contrapõe àquela história essencialmente política contada através da narrativa dos acontecimentos, centrada nos grandes homens, baseada e firmada pelos documentos oficiais, apresentando aos leitores os fatos de forma mais objetiva possível.

Parte integrante e, também, resultado desse movimento, a História Cultural é definida pelo seu principal representante, Roger Chartier, como aquela que “tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada,

dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16-17). Em meio a esse contexto, a História Cultural é reconhecida pelo uso dos conceitos de representação, apropriações, práticas e imaginário, além das inúmeras possibilidades de pesquisa que seus aportes teórico-metodológicos têm descortinado.

Nossa proposta se difere das duas perspectivas apontadas acima: História das Ideias e Nova História Cultural. Afastamo-nos do paradigma tradicional, pois, apesar de ser imprescindível trabalhar com alguns dados biográficos de Faris Michael, o trabalho não seguirá o viés típico das biografias que obedecem linearmente à cronologia dos fatos, narrando-os somente, mas buscará

[...] estabelecer nexos, as relações entre os intelectuais, as correntes de pensamento e seu meio social. Investigamos os intelectuais porque consideramos que as suas idéias e suas trajetórias são testemunhos privilegiados dos diversos projetos formativos que demarcaram disputas em torno do processo de formação das novas gerações (VIEIRA, 2001, p.55).

Diante dessa perspectiva, podemos afirmar que a construção do presente trabalho de pesquisa é sustentada pelos conceitos de *intelectual*, *trajetória intelectual*, *campo* e *modernidade*, que permeiam todos os processos investigativos.

Sobre o conceito de *intelectual* compartilhamos as premissas de Pierre Bourdieu (1996), que afirma que o intelectual é um ser paradoxal que se constitui historicamente pela superação da oposição entre a autonomia e o engajamento. Para o autor, o intelectual também é um personagem bidimensional, ou seja, aquele que atua como produtor cultural e como um líder moral-político que intervém no campo político em nome da autonomia e dos valores do campo de produção intelectual, manifestando perícia e autoridade específica nas atividades políticas e culturais exteriores ao campo que integra, mais especificamente, ao campo intelectual autônomo. Nota-se que a autonomia é a grande “arma” do intelectual.

O intelectual é um personagem bidimensional que só existe e subsiste como tal se (e apenas se) for investido de uma autoridade específica, conferida por um mundo cultural autônomo (quer dizer, independente dos poderes religiosos, políticos, econômicos) cujas leis específicas respeita, e se (apenas se) cometer essa autoridade específica em lutas políticas. Longe de existir, como correntemente

se pensa, uma antinomia entre a busca da autonomia (que caracteriza a arte, ciência ou a literatura ditas “puras”) e a busca da eficácia política, é aumentando a sua autonomia (e, por isso, entre outras coisas, a sua liberdade crítica perante os poderes) que os intelectuais podem aumentar a eficácia de uma acção política cujos fins e meios encontram seu princípio na lógica específica dos campos de produção intelectual (BOURDIEU, 1996, p.380).

Observa-se sob esse ponto de vista que o conceito de *trajetória intelectual*, também de Pierre Bourdieu, se mostra como um meio de compreensão dos inúmeros papéis, posições e eventuais contradições na carreira intelectual, pois diferentemente das biografias comuns, a trajetória é capaz de descrever os

estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. É evidente que o sentido dos movimentos que levam de uma posição a outra (de um editor a outro, de uma revista a outra, de um bispo a outro etc.) define-se na relação objetiva entre o sentido dessas posições no momento considerado, no interior de um espaço orientado. Isto é, não podemos compreender uma trajetória, a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vinculam o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes do campo – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis (BOURDIEU, 1996, p. 82).

Ao nos apropriarmos do conceito de *trajetória intelectual* de Bourdieu, recorreremos também ao conceito de *campo* que se refere a certos espaços de posições sociais onde se produzem, consomem e classificam determinados tipos de bens. O interior de tal espaço é caracterizado por força e luta e define-se pela incessante busca do controle da produção, do direito de legitimidade da classificação e hierarquização dos bens produzidos (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Nas palavras de Bourdieu (1983, p. 197) “campo é um espaço de relações objetivas entre indivíduos, coletividades ou instituições, que competem pela dominação de um cabedal específico”.

Ao trazermos este conceito para análise do nosso objeto é preciso deixar claro que falamos de um campo literário e educacional ainda em formação no período estudado, o qual era extremamente dependente de outras esferas, principalmente da esfera política. Portanto, estes espaços careciam de autonomia.

Tendo em vista a trajetória e a cronologia dos acontecimentos na vida do intelectual em questão, a delimitação temporal desta pesquisa privilegia o período circunscrito nos anos de 1940 até 1977, pois esse recorte marca um período desde a primeira publicação bibliográfica que o projeta no mercado editorial até sua morte, quando ainda dirigia o Centro Cultural Euclides da Cunha. O referido período abarca o auge da ação e da produção intelectual de Faris Michaelle, visto que é ao longo desses anos que ele publica uma série de livros, funda instituições culturais, dedica-se ao magistério, dialogando com as temáticas da ciência, modernidade, cultura, raças que estavam em grande discussão no cenário nacional.

O contexto histórico que perpassa a trajetória de Faris Michaelle está marcado pela efervescência e períodos de crise vividos nas décadas de 1920 e 1930, a “Revolução de 30”, o regime autoritário do Estado Novo, o entusiasmo pela educação como a “salvadora da Pátria” movido pelo Movimento pela Escola Nova, o período de Kubitschek com seus planos e metas decorrentes do lema “50 anos em 5” e, mais tarde, os anos de ditadura civil militar. Na turbulência desses momentos, a sociedade brasileira preocupava-se com a tarefa de modernizar o país, ajustando-se às exigências da modernidade sem esquecer-se do sentimento de nação e identidade nacional, tão importante para a unidade do país. Isto é, o processo de modernização implicava principalmente o processo de industrialização que demandava a organização das atividades sociais com funções objetivas (DAROS, 2012). Dessa forma, a racionalização científica, o desejo do progresso, do desenvolvimento e da inovação regiam a política desenvolvimentista e aceleravam processo de crescimento vivido nestes períodos.

Faris Michaelle, semelhante aos intelectuais do seu tempo, pensava a nação e o povo brasileiro, principalmente a temática do índio, negro e o caboclo alertando a necessidade de integração dos povos. Nas palavras de Ali Bark (1977, p.1) em homenagem póstuma, “[...] acontece que Faris Michaelle transpirava o Brasil por todos os poros. Estudava e analisava minuciosamente tudo que dissesse a respeito do Brasil e à sua gente”. A biografia escrita por Manoel Grotti publicada na edição número 7 de junho de 1952 do Tapejara também evoca a dedicação de Faris Michaelle as coisas do Brasil.

A sua brasilidade vai a tal extremo que se êle pudesse transmutaria a nossa gente e a nossa cultura à vida simples dos indígenas, para a beira dos lagos e para a sombra dos bosques. Tem uma como que adoração pelos ameríndios. Muito culto, porém modesto, não alardeia sabedoria; foge às discussões estéreis (p.6)

Sobre essas características, Daniel Pécaut (1990) denomina em seus estudos sociológicos duas gerações de intelectuais, as quais podemos aproximar algumas características do intelectual em questão com as analisadas pelo autor. A primeira dos anos 1925/1940 (período de formação de Faris Michaelle) e, a segunda 1954/1964 (período de extensiva produção e atuação de Faris Michaelle).

A primeira geração, de acordo com o autor, estava preocupada com os problemas da identidade nacional e com as instituições (criação da Associação Brasileira de Educação, Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, Instituto Geográfico Brasileiro), já a segunda lutava pela defesa dos interesses nacionais exaltando a Pátria.

Para esse grupo de intelectuais da primeira e segunda geração, estar em sintonia com a modernidade e mobilizar-se em prol do progresso intervindo no mundo e na sociedade são características comuns que unem até mesmo grupos com ideias contrárias ou distintas.

Como apontamos anteriormente, *modernidade* também é um conceito que move nosso trabalho de pesquisa, pois inserido em um período de efervescência das ideias modernas, Faris Michaelle revelou em seus escritos debates típicos da modernidade que, por vezes se mostram, e, às vezes, se encontram diluídos em meio a trama tecida pelo autor. Ao longo do texto também aparecerão os conceitos de *moderno* e *modernização*.

A discussão de Marcos Vinicius Carvalho (2012) no texto *Moderno, modernidade e modernização: polissemias e pregnâncias* nos apresenta um breve histórico das apropriações e aplicações de tais termos em diferentes contextos. Para o autor

[...] a definição desses termos deve ser delimitada por um momento determinado no tempo, circunscrevendo-os em uma situação histórica e cultural específica, de forma a favorecer a percepção e o entendimento acarretado por relações contextuais, a partir das quais surge uma ampla gama de possibilidades de pensar e definir o que seja moderno, modernidade e modernização (CARVALHO, 2012, p. 32).

O autor nos alerta da necessidade de reconhecer a condição dinâmica de tais conceitos ao operá-los, afastando-se dos riscos de tecer interpretações que desconsiderem o contexto de seus usos, esquecendo-se da trajetória milenar do termo moderno, centenária da modernidade e a utilização recente do termo modernização.

O conceito de *moderno* assumiu várias conotações durante o decorrer dos séculos, primeiramente entendido como algo atual e bom, depois como sinônimo de aperfeiçoamento, mais tarde como restauração do antigo. Entretanto, para os nossos estudos cabem as conotações assumidas e delineadas nos séculos XIX e XX. Se anteriormente o termo guardava o sentido de novo, atual, recente erguendo-se no contraponto ao antigo; nos séculos seguintes adquire significados mais subjetivos ligados à inovação, ao progresso, ao ineditismo, à novidade, à superação. Para Carvalho (2012, p. 25)

[...] o mundo moderno teve a experiência de si mesmo como o mundo do progresso e, ao mesmo tempo, como do espírito alienado, acarretando que a primeira tentativa de elevar o moderno ao nível do conceito se desse por meio de uma crítica da modernidade.

A partir desse entendimento do ser moderno, o cenário dos grandes centros passa a irradiar e concretizar o sentimento da modernidade nos fins do século XIX e início do século XX . Marshall Berman (1986, p. 17) ilustra a imagem desse novo mundo.

Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras conseqüências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de *mídia*, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização de baixo para cima; um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estorrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade.

A paisagem descrita pelo autor que questiona o caráter virtuoso da modernidade, apontando que ela trouxe progressos, mas também ocasionou

guerras, explorou o trabalho, colonizou povos, ignorou culturas e línguas, modificou radicalmente o ritmo de vida das pessoas, isto é, nas palavras de Anthony Giddens (1991) a modernidade é um fenômeno de dois gumes.

Allan Touraine (1994) destaca que a *modernidade* marca a passagem da subjetividade para a objetividade, mas sem o desaparecimento dos sujeitos.

A modernidade rompeu o mundo sagrado que era ao mesmo tempo natural e divino, transparente à razão e criado. Ela não o substituiu pelo mundo da razão e da secularização devolvendo os fins últimos para um mundo que o homem não pudesse mais atingir; ela impôs a separação de um *Sujeito* descido do céu à terra, humanizado, do mundo dos objetos, manipulados pelas *técnicas*. Ela substituiu a unidade de um mundo criado pela vontade divina, a Razão ou a História, pela dualidade da *racionalização* e da *subjetivação* (TOURAINÉ, 1994, p. 12).

A *modernidade* representou um movimento de racionalização e objetivação em todas as esferas, assim o mundo moderno só poderia ser compreendido por meio da razão, da ciência. Faris Michael compartilhava dessa premissa, pois afirmava constantemente que o seu compromisso era com a ciência e com a objetividade.

Educação e cultura, elementos-chaves da *modernidade*, são temáticas recorrentes nos seus escritos e na sua trajetória de Faris Michael. Desde a juventude até o fim da sua vida, ele criou e participou de ambientes culturais, além de se dedicar ao magistério.

Vivenciando esse ambiente de intelectualidade, a produção e a ação do personagem em questão revelam os anseios dos intelectuais modernos que acreditavam na sua missão de organização e divulgação de visões de mundo que expressassem os valores da filosofia e da ciência moderna.

O conceito de *modernização* que também aparecerá no texto refere-se ao processo de transformação ideológica, política, econômica, social e cultural ocorrido devido, principalmente, à industrialização e à urbanização impulsionados a partir da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Para Jürgen Habermas (2000, p. 5)

O conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos

direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização de valores e normas etc.

Entendemos assim que a modernidade indica uma racionalidade normativa, enquanto modernização o desenvolvimento e uma racionalidade instrumental.

Em síntese, pretendemos investigar o problema aqui apresentado a partir dos conceitos-chave da teoria bourdieusiana, dos postulados da modernidade e do *corpus* documental disponível a pesquisa, tendo em vista a produção da escrita da história intelectual da educação.

Com base nesses critérios, acreditamos na relevância da investigação que problematizará e discutirá questões da trajetória intelectual de Faris Michaelle que possibilitarão perceber algumas facetas da própria história cultural e educativa da cidade de Ponta Grossa, visto que ao percorrer o pensamento e as ações do personagem, esbarramos na história de instituições que foram indispensáveis no processo de constituição da cidade ao longo do século XX.

Diante das pretensões, objetivos e opções de investigação e pesquisa, organizamos o trabalho da seguinte forma:

O capítulo primeiro, intitulado, *Modernidade na ação intelectual*, está voltado para a análise da trajetória escolar e profissional do intelectual, bem como as ações do personagem tanto nas atividades do ofício de ensinar, quanto na criação e fomento de ambientes culturais e educativos.

O segundo capítulo, intitulado *Modernidade na produção intelectual*, é o espaço de reflexão e discussão dos escritos de Faris Michaelle. Guiados pela obra do intelectual, percorremos as linhas de suas produções em busca da compreensão de seu pensamento, na tentativa de apreender e enxergar para além das superfícies suas concepções, entendimentos e eventuais contradições acerca do seu projeto moderno.

É válido destacar que apesar de termos feito essa divisão entre os capítulos, eles não serão estanques pois, ao lançarmos o olhar sobre a *trajetória intelectual* de Faris Michaelle, a ação e a produção são indissociáveis. Entretanto, como nos propomos investigar o projeto moderno de sociedade idealizado pelo intelectual, a divisão foi necessária didaticamente. Não obstante, o fio condutor das nossas discussões será a *modernidade*.

1 MODERNIDADE NA AÇÃO INTELECTUAL

A presença de um gigante intelectual como Faris Michaelle (1911-1977) em Ponta Grossa foi fundamental. Acho mesmo que podemos dividir a História Cultural da cidade em duas fases: *a.F. e d.F. – antes de Faris e depois de Faris*. *Antes de Faris*, a cidade era toda voltada para as atividades comerciais e industriais, entreposto entre o interior e o porto de Paranaguá ou São Paulo e Rio Grande do Sul. Acanhada, interiorana, provinciana. Sem biblioteca pública, sem memória, sem literatura... Os poetas, minguaquíssimos, os escritores, os oradores agindo por conta própria, isolados e dispersos, sem objetivos... *Depois do advento de Faris*, quer por sua ação direta, ou simplesmente catalisadora, começou a época de fastígio cultural da cidade, *seus anos de ouro* (WANKE, 1999, p. 7, *grifos do autor*).

A linguagem metafórica utilizada por Eno Theodoro Wanke (1999) ao escrever a biografia de Faris Michaelle nos chama a atenção para os elementos de enaltecimento e consagração do intelectual como um mito na cidade de Ponta Grossa. Comparar o advento do seu nascimento ao de Jesus Cristo, o qual divide o período histórico em *antes de Cristo (a. C.)* e *depois de Cristo (d.C.)*, e reconhecer o personagem como o único responsável pelo fastígio cultural da cidade são questões para as quais buscamos estabelecer contrapontos ao longo do trabalho, desnaturalizando esse discurso ufanista.

Não podemos negar que Faris Michaelle, unido aos seus pares, contribuiu significativamente para o desenvolvimento cultural e educacional da cidade de Ponta Grossa com seus projetos e instituições. Entretanto, *antes de Faris*, como propõe Wanke, a cidade já tinha instituições culturais consolidadas. As evidências estão nas próprias datas de fundação de alguns estabelecimentos e registradas na história de Ponta Grossa: Cine Recreio (1906), teatro (1873), biblioteca (1876), jornal O Progresso (1907).

Fundada às margens do Caminho do Viamão, Ponta Grossa adquiriu ao longo do século XIX uma configuração urbana, tornando-se no início do século XX um importante centro da região sul do Brasil, destacando-se pela ligação ferroviária, luz elétrica, telefone e desenvolvimento econômico (SOUZA, 2011).

A condição de cidade assumida por Ponta Grossa movimentava não só o setor econômico, mas também o setor cultural. Segundo registros da Casa da Memória, em 1906, surge o *Cine Recreio*, iniciativa de Augusto Canto. Mais

tarde, em 1911, foi inaugurada a *Casa de diversões cinematographicas Holzmann & Cia*, conhecida como o *Cine Renascença*, iniciativa de Jacob Holzmann, o qual também foi o fundador do jornal *O Progresso* em 1907. Além dos cinemas, os espetáculos circenses também passavam pela cidade, privilegiada pela sua localização (CHAVES, 2001).

Na obra *Cinco histórias convergentes*⁹ de Epaminondas Holzmann (1966), na qual o autor remonta histórias cotidianas das primeiras décadas do século XX que retratam fatos da cidade de Ponta Grossa, Holzmann escreve a memória pessoal deixada pelos espetáculos que movimentaram a cultura ponta-grossense.

[...] Ponta Grossa tinha a suprema honra de hospedar a 'Companhia Dramática Italiana', em que era protagonista uma das maiores glórias da cena mundial- a brilhantíssima Clara De La Guardia, considerada a Sarah Bernhardt da Itália. E a temporada de 1912, qual a de 1908(...) foi um acontecimento social de envergadura. Era de ver-se o desfile de modas das senhoras e senhoritas do passado: *toilettes* primorosas, chapéus moderníssimos, leques de plumas, brincos de brilhantes, anéis de alto preço, colares vistosos e outros adereços ornavam, com apuro e bom gosto, as distintas freqüentadoras dos teatros da época, querendo cada uma suplantar as outras em elegância e parecendo tôdas destinadas a brilhar no 'Municipal' do Rio de Janeiro, jamais nas cadeiras coloniais do 'Recreio' ou nos grotescos camarotes do 'Sant'Ana'. Os cavalheiros não lhes ficavam atrás: compareciam envergando seus fraques bem talhados e portando luvas de pelica. E dizer-se que isso acontecia há meio século atrás, quando Ponta Grossa não tinha mais do que quatro quadras revestidas de calçamento, na rua 15! É possível que hoje muita gente se recuse a acreditar nos hábitos refinados dos bisavôs e bisavós pontagrossenses; garantimos, porém, que não se trata de lenda: é a expressão da mais genuína verdade (HOLZMANN, 1966, p.325-326, *grifos do autor*).

Os hábitos refinados citados por Holzmann dos homens e mulheres que frequentavam os teatros e cinemas assemelhavam-se aos daqueles que iam ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, embora os ambientes culturais ponta-grossenses não desfrutassem de tanto luxo e requinte quanto ao *Municipal do Rio* como menciona o autor. Tal comportamento dos cidadãos ponta-grossenses reflete o clima de progresso e desenvolvimento, o "clima urbano", que pairava pela cidade, modificando, inclusive, o lazer. O padrão de vida burguesa transformava os moldes de vida na cidade.

⁹ Publicada em 1966 e reeditada em 2004.

Guacira Lopes Louro (2003) ao escrever sobre o lugar ocupado pelo cinema na vida das comunidades urbanas e o uso dessa instância educativa como pedagogia, afirma que “[...] o cinema, passou a ser, desde as primeiras décadas do século XX, uma das formas culturais mais significativas. Surgindo como uma modalidade moderna de lazer, rapidamente conquistou adeptos, provocando novas práticas e novos ritos urbanos” (LOURO, 2003, p.423).

Em Ponta Grossa, segundo Eliezer Félix de Souza (2011, p. 63)

Os cinemas, o teatro e os espetáculos, representaram, de certa forma, um desenvolvimento cultural significativo. Com eles a vida noturna ponta-grossense tornou-se movimentada. Ponta Grossa, no início do século XX, foi uma cidade que possibilitou divertimento aos seus habitantes da classe alta, da classe média e também reservou espaços para as classes menos privilegiadas.

As evidências mencionadas nos parágrafos acima nos deixam claro que, até mesmo antes do nascimento de Faris Michael, Ponta Grossa vivia um período próspero de efervescência cultural.

Partindo desse pressuposto, nossa tarefa nesse capítulo é investigar e problematizar as ações culturais e educativas promovidas por Faris Michael, estabelecendo nexos com aspectos do projeto moderno empreendido pelo estudioso, bem como as contribuições e também as consequências de seus feitos para a constituição de uma Ponta Grossa que atendesse os padrões do chamado mundo moderno. Destacamos que elegemos para estudo as seguintes instituições: Ginásio Regente Feijó, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa e o Centro Cultural Euclides da Cunha.

Escolhemos o Ginásio Regente Feijó pela singularidade da instituição na formação e na trajetória profissional do magistério do intelectual, pois Faris Michael, além de aluno da primeira turma da instituição, foi também participante do Grêmio Estudantil e, mais tarde, iniciou sua carreira docente até sua aposentadoria em 1967. A universidade também ganha destaque na trajetória do intelectual por ser o lócus da sistematização e produção do saber científico, a qual confere reconhecimento do intelectual no campo acadêmico. Por fim, justificamos a escolha do CCEC devido à ação cultural empreendida por um grupo de intelectuais, encabeçada por Faris Michael, e por ele presidida desde a fundação até a sua morte, com o propósito de promover o

intercâmbio cultural e difundir a cultura brasileira, questões estas que nos são caras em nossa empreitada.

1.1 FARIS MICHAELE, O “PACATO E PROVINCIANO PROFESSOR”: TRAJETÓRIA ESCOLAR E PROFISSIONAL

Faris Michael se autodenominou como o “pacato e provinciano professor” na obra *Arabismos entre os africanos na Bahia* (1968, p.11). Tais adjetivos também eram utilizados pelos seus colegas quando se referiam à personalidade e ao trabalho intelectual. Vasco José Taborda (1977, p. 8) escreveu “modesto, tímido até, falava quase sussurado. O bom senso sempre em foco, suas afirmativas eram fruto seguro de pesquisa e meditação”.

As características tímidas e discretas de Faris Michael não se aplicam às suas ações, pois como veremos ao longo desse item, seus empreendimentos do intelectual foram capazes de congrega inúmeros intelectuais e dialogar com diversos deles e instituições estrangeiras e nacionais, discutindo questões que estavam sendo tratadas nos grandes centros brasileiros.

No entanto, mostraremos alguns fatos relevantes da trajetória intelectual de Faris Michael que são imprescindíveis para a compreensão das ações empreendidas pelo mesmo. Apesar de citarmos alguns dados biográficos do personagem, nos afastamos da produção de uma biografia propriamente dita, pois compartilhando das premissas de Bourdieu (2003, p. 184)

[...] a teoria da biografia enquanto integração retrospectiva de toda a história pessoal do artista em um projeto puramente estético ou a representação da “criação” enquanto expressão da pessoa do artista em sua singularidade, somente podem ser compreendidas inteiramente se forem recolocadas no campo ideológico de que fazem parte e que exprime de uma forma mais ou menos transfigurada a posição de uma categoria particular de escritores na estrutura do campo intelectual por sua vez incluído em um tipo específico de campo político, cabendo uma posição determinada à fração intelectual e artística.

Logo, buscamos romper com os limites das biografias tradicionais que elencam os acontecimentos da vida intelectual como dados estanques e, por muitas vezes, não admitem as contradições e tensões que permeiam os fatos. Diante disso, é preciso analisarmos a trajetória intelectual atrelada à posição do intelectual no campo onde ele está inserido que lhe confere reconhecimento e legitimidade às suas ações e produções.

O personagem em destaque nesse estudo, Faris Antônio Salomão Michaelae, nasceu no município de Mococa, interior do Estado de São Paulo, em 03 de setembro de 1911. Filho de Antônio Salomão Michaelae¹⁰ e Hada Michaelae. Aos seis anos de idade, Faris Michaelae veio com a sua família residir na cidade de Ponta Grossa, interior do Estado do Paraná (WANKE, 1999).

A família Michaelae, oriunda do Líbano, instalou-se no município e dedicou-se ao comércio¹¹ como fez a maioria dos imigrantes sírio-libaneses da época. Sobre a imigração dos sírios-libaneses para o Paraná, Storti (2011, p.35) afirma que

[...] a chegada de um maior número de sírios e libaneses aconteceu no início do século XX com o desenvolvimento da economia cafeeira. A atuação dos imigrantes ocorreu nas fímbrias do sistema econômico, realizando comércio a miúdo. Por terem origem urbana, o sucesso deles foi no estabelecimento em cidades, participando de atividades comerciais ou industriais. Essa chegada de imigrantes ocorreu tanto por um processo de migração interna, com contingentes vindos de outros estados como São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso entre outros, como externa.

Com a família Michaelae não foi diferente. Wanke (1998) escreve sobre os antepassados da família descrevendo a trajetória dos parentes de Faris Michaelae desde a saída da região de Akar no extremo norte do Líbano até percorrerem países como a Venezuela, Peru e Colômbia e, mais tarde, aportarem no Brasil em meados do século XIX distribuindo-se pelo Estado de São Paulo e, finalmente, chegarem à cidade de Ponta Grossa.

Ponta Grossa vivia um período próspero de crescimento econômico e social no início do século XX, principalmente após a construção da estrada de ferro que ligou São Paulo ao Rio Grande do Sul. Segundo Carmencita de

¹⁰ Faris Michaelae recebe o nome de seu pai depois do seu primeiro nome como manda a tradição do Líbano, pois assim sabemos que Faris Antônio Salomão Michaelae: Faris, filho de Antônio Salomão. Para saber mais ver Khatlab (2006).

¹¹ O estabelecimento comercial do ramo das confecções da família Michaelae, denominado Casa Verde, situava-se na rua Coronel Cláudio.

Holleben Mello Ditzel (2007, p.49) “Ponta Grossa respirava um ‘clima urbano’, havia bandas musicais que disputavam o espaço para apresentações, cinema, luz elétrica, associações beneficentes e hospital”. Assim, “a região de Ponta Grossa passou a configurar um centro de atração não só para aqueles advindos do meio rural, como para outros migrantes, nacionais e estrangeiros” (ZULIAN, 1998, p.42).

Percebemos pelas descrições das autoras que o sentimento de modernização, revelado pelos feitos modernos (ferrovia, luz elétrica, efervescência cultural), tornava real os sinais da modernidade que pairavam sob o aglomerado urbano, lembrando o cenário descrito por Marshall Berman (1986) do novo mundo moderno em crescente desenvolvimento, trazendo pontos positivos e negativos a serem analisados.

A Ponta Grossa moderna adequava as atividades comerciais iniciadas ao tropeirismo¹² seguindo as exigências do mundo moderno, beneficiando-se da sua posição geográfica estratégica: entroncamento rodo-ferroviário que fez a ligação do interior do Estado do Paraná com os principais centros políticos e regiões comerciais. No início do século XX, a cidade se tornou um pólo atrativo para os engenhos de erva-mate, olarias, indústrias de couro e madeireiras.

Da mesma maneira que as atividades econômicas adquiriam feições modernas¹³, a quantidade populacional também crescia significativamente. Nas quatro primeiras décadas do século XX, Ponta Grossa foi a segunda cidade paranaense com crescimento populacional expressivo. No estudo populacional da cidade de Ponta Grossa realizado por Pinto (1980, p.62) em 1890, o município era povoado por 4774 habitantes; em 1900 a população já somava 8335 habitantes e, em 1920, o total de 20117 habitantes.

Para Carneiro e Oliveira (2005, p. 99) a configuração urbanística de Ponta Grossa ampliou-se devido à

¹² Assim como a maioria das cidades que formavam a região dos Campos Geraes, Ponta Grossa também nasceu com o movimento do tropeirismo. Essas pequenas localidades que foram se formando as margens da rota dos tropeiros, serviam de pouso para os mesmos que seguiam com suas tropas do Rio Grande do Sul com destino à feira de Sorocaba no Estado de São Paulo.

¹³ A cidade nascida sob a hegemonia das fazendas vai modificando o cenário econômico ao longo do século XIX. Se, anteriormente, Ponta Grossa vivia do campo, nos fins do século XIX e início do século XX pequenas indústrias se instalam no centro urbano, que já contava com a ferrovia e algumas largas avenidas. Para Pinto (1980, p. 48) “[...] A economia gerada pela erva-mate, madeira, gado e outros produtos comercializados, juntamente com a presença de migrantes nacionais e estrangeiros, aceleraram o desenvolvimento urbano”.

[...]estrada de ferro oferecer a vantagem de colocar em comunicação a cidade de Ponta Grossa com o Porto de Paranaguá por meio do transporte, mais rápido, da economia da erva-mate e da madeira; instalação de novos elementos imigrantes em Ponta Grossa, em virtude da abertura da estrada de ferro, cuja população passou a trabalhar como operários da ferrovia surgindo, então, o bairro de Oficinas.

Ao longo desse processo populacional (migratório/ imigratório) e econômico (ervateira/madeireira) se verificou que, ao final da década de 30, Ponta Grossa contava com 862 casas comerciais e 263 indústrias, bem como, ocorreu o investimento da gestão da “coisa pública” de Albary Guimarães em torno de 1.000:000\$000 (um milhão de contos de réis) em arborização, retificação, nivelamento, abertura e conservação de ruas, estradas e indenização a proprietários de terrenos urbanos para a realização de construções públicas.

Os jornais da cidade não poderiam deixar de evocar e difundir o *ethos* moderno¹⁴, disseminando os novos modos de ser e estar na sociedade, pois “os impressos de forma geral e os jornais de maneira particular representaram meios privilegiados para a ação do sacerdócio modernizador” (VIEIRA, 2007, p. 19). A título de ilustração, Raul Gomes apresenta em crônica escrita no jornal O Progresso um panorama da cidade no início do século XX.

A cidade abrange um perímetro formidável e cortam-na em todas as direcções largas ruas. Ponta Grossa desconhece viellas e beccos. A rua mais estreita que vimos deixa à distância a de S. Francisco. Existem na cidade 74 ruas, rectas, longas e largas, parecendo quase todas vastas avenidas. Há seis praças: Rio Branco, Floriano Peixoto, S. João, Largo Municipal, Santos Andrade e Benjamin Constante e três avenidas commendador Bonifácio Villela, coronel Villela e Fernandes Pinheiro. Acha-se a construção da Avenida Carlos Cavalcanti que ligará, em linha recta, a cidade ao bairro de Uvaranas, onde o quartel do 5º regimento de infantaria. Ponta Grossa conta 3.800 casas, sendo quase todas de tijolos e de feitura solida e resistente. A população da cidade é calculada em 15.200 almas e a do município em 20 mil espalhadas por uma extensão aproximada de 36 léguas quadradas (O PROGRESSO, 20 jul. 1912).

O cronista relata em poucas linhas o despontar da cidade moderna. É possível notar certo tom ufanista nas palavras de Raul Gomes, pois o mesmo faz questão de destacar as novidades no cenário urbano, apresentando o

¹⁴ Aqui nos referimos à Ponta Grossa narrada pelos cronistas: a cidade das largas avenidas, da movimentada vida noturna, dos teatros, da banda, da biblioteca, do comércio, mas também à Ponta Grossa da marginalidade, do crescimento rápido e desordenado, da falta de saneamento básico. O dilema em que se encontrava a cidade que despontava retrato pelos cronistas, nos faz recordar o personagem do *flâneur* de Baudelaire, o qual dedicava seu tempo vagando pelas ruas, sentindo e interpretando o ritmo da vida urbana, buscando uma nova percepção da cidade sem inserir-se no novo cenário.

moderno como uma novidade, ideia de avanço, demonstrando o processo de modernização sendo concretizado ancorado nas ideias da modernidade.

O mesmo periódico que publicava as exaltações da cidade civilizada e moderna, também denunciava as mazelas e as contradições que revelavam outra face do processo de modernização.

A mendicância em Ponta Grossa constitui problema digno de merecer a atenção dos poderes públicos e de toda a população. O Diário dos Campos já o focalizou por diversas vezes. Não faz muito tempo, este jornal estampou uma serie de locais enaltecendo a necessidade de ser cicatrizada essa chaga social entre nós. Várias pessoas de destaque em nossa sociedade, atendendo ao apelo que então fez esta folha, chegaram a se reunir com o fim de tratar do assunto [...] Encetamos mais uma cruzada: em prol dos desfavorecidos da sorte. Imitemos Curitiba. Criemos também a nossa Sociedade de Socorro aos Necessitados. Parece ser obra difícil a construção de um asilo para indigentes e inválidos, mas a boa vontade e os sentimentos fulcros de nossa gente vencerá a essa empreitada altruística, como já tem vencido a muitas outras (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1 mai. 1938).

Os problemas de ordem econômica, social e de infra-estrutura apareciam em mesma proporção ao acelerado processo de urbanização. Chaves (2011), ao tratar dos problemas citadinos da Ponta Grossa civilizada, afirma:

A partir da percepção de que, em Curitiba e em Ponta Grossa, cidades que melhor sintetizavam e materializavam o discurso paranista de progresso, ordem e civilidade, também são encontradas situações contraditórias, tensões e problemas de diversas naturezas que confrontavam o ideal do paranismo (CHAVES, 2011, p. 88).

As situações contraditórias mostradas na crônica jornalística e nas reflexões de Chaves (2011) deixam evidentes o lado sombrio trazido pela modernidade. Giddens (1991) aponta que autores como Marx e Durkheim já percebiam a era moderna como uma era turbulenta, embora acreditassem que as possibilidades benéficas superavam as características negativas. Dessa forma, o retrato de Ponta Grossa desapontando para a modernidade traz à tona tais características que por um lado promovem o progresso e a inovação da cidade, mas por outro surgem novos problemas sociais e de infra-estrutura que não existiam anteriormente com tanta frequência.

Em meio a esse contexto, Faris Michaelle trabalhava apenas no comércio da família, pois como afirma Wanke (1999, p. 26) “foi poupado e destinado a estudar”¹⁵.

A trajetória escolar do intelectual foi marcada por instituições educativas relevantes na história de Ponta Grossa. No ensino primário, Faris Michaelle estudou no Colégio São Luiz da Congregação Verbo Divino, fundado em 1906 pelo Padre João Lux. Tal instituição de ensino primário atendia exclusivamente meninos e mantinha a “fama” do rigor e da disciplina. Em nota biográfica sobre Faris Michaelle escrita por Valfrido Piloto no jornal Diário do Paraná em 7 de março de 1974, o autor menciona que “[...] o piá nascido em Mococa (SP) passou pelas aulas do padre Lux, no “São Luiz”, cujos rigores eu também aguentara noutros tempos”.

Desde a infância Faris Michaelle dominava três línguas completamente distintas: o árabe, o alemão e o português, bem como alguns conhecimentos da língua francesa, a qual era falada em sua casa (DITZEL, 2007). O contato de Faris Michaelle com diversas línguas estrangeiras por meio da convivência na sua família e pelo autodidatismo ampliou seus horizontes, pois permitiu que o intelectual se comunicasse com intelectuais e instituições estrangeiras, publicando alguns trechos de suas obras em outras línguas o que nos parece uma estratégia de afirmação e consagração no campo intelectual e literário, além do intercâmbio cultural tão prezado por ele.

Sem dúvida, isso se deve ao acúmulo de capital cultural nos seus três estados: estado incorporado, estado objetivado e estado institucionalizado (BOURDIEU, 2007). O primeiro estado perpassa toda a formação de Faris Michaelle desde o início dos seus estudos, visto que lhe assegurou um tempo livre para dedicar-se à cultura. Quanto ao segundo estado, o estudioso possuía um número expressivo de bens culturais que lhe serviram de instrumentos de estudo e trabalho intelectual. E, por fim, o último estado do capital cultural conferiu ao personagem certificados e diplomas que garantiram o

¹⁵ Faris Michaelle era o filho mais velho da família Michaelle. Depois dele, nasceu uma menina chamada Salma (1916-1977). Salma estudou o ensino primário no Colégio Sant’Ana, estabelecimento de ensino feminino fundado pelas Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo, depois estudou piano. Segundo Eno Theodoro Wanke (1999, p. 229) a irmã de Faris Michaelle “Sempre ajudou no balcão da loja, ao contrário de Faris, que era preservado em nome do estudo”. Salma casou-se em 1946, teve duas filhas e faleceu dois meses antes do irmão (WANKE, 1999).

reconhecimento da competência de Faris Michael e lhe proporcionou a entrada no mundo do trabalho.

As línguas também fizeram parte da trajetória profissional de Faris Michael. No Ginásio Regente Feijó ele assumiu as aulas de inglês e português e na FFCL – PG o tupi, o grego, o espanhol e o inglês foram objetos de estudo das suas pesquisas e produções, bem como temáticas das disciplinas ministradas pelo intelectual.

Ainda sobre este aspecto, destacamos a fundação por Faris Michael em 1944 do Centro Cultural Inter-Americano/Centro Cultural Brasil-Estados Unidos. O centro criado como um prolongamento do mesmo com sede em Curitiba mantinha aulas de inglês para a comunidade. A Edição de número 23 de dezembro de 1970 do *Tapejara* traz na décima segunda página a seguinte nota sobre o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos

O Centro Cultural Brasil-Estados Unidos (Interamericano) de Ponta Grossa, é a entidade cultural mais antiga da cidade. Fundada em 1944, foi graças à sua permanente atividade que se tornou possível o aparecimento de outras associações, centros, institutos, grêmios e, mesmo, estabelecimentos de Ensino Superior. Tal não pode sofrer constatação, porque foram os intelectuais unidos que fundaram o Centro Cultural Euclides da Cunha e Museu Campos Gerais, “Tapejara”, as primeiras bibliotecas, etc, o que tornou muito mais viável a criação da primeira escola superior do Interior do Estado: A Faculdade de Filosofia, seguida das demais.

Embora seja necessário relativizarmos a nota acima que está permeada de honras e mitificação do grupo de intelectuais que compunham o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos e outras entidades culturais como os únicos pioneiros culturais na cidade de Ponta Grossa, a mesma nos mostra a importância de tal instituição no fomento de projetos posteriores que promovessem não só a cultura americana, mas a cultura brasileira.

Imbuído pelo espírito pan-americanista, o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos aliado ao CCEC comemoravam “o dia pan-americano” com palestras, como mostra a nota na sessão de notas e notícias culturais do *Tapejara* de 20 de julho de 1956. O dia da independência dos Estados Unidos também foi pauta de uma matéria escrita por Faris Michael em julho de 1957 no mesmo periódico. Ainda na edição de 4 de setembro de 1959 foi noticiada a comemoração do *Independence Day* em Ponta Grossa.

Na obra *Titãs de Bronze* (1943), Faris Michaelle fez uma homenagem ao índio e à América. Na parte inglesa da obra, na qual o autor escreve poesia em inglês, ele destaca no prefácio sua intenção

Finalmente, na parte inglesa, tôda a nossa admiração e tôda a nossa amizade para com os Estados Unidos, a Querida Terra de nossos sonhos, a Grande Pátria dos ideais e do humanitarismo, refugio do Saber e da Dignidade, aí se acham, traduzidas num acróstico e num verso, singelos ambos, porém cheio de gratidão e sinceridade (p.14).

O acróstico¹⁶ em homenagem aos Estados Unidos é escrito não só na língua inglesa, mescla seus versos com o português, francês entre outros.

O envolvimento direto de Faris Michaelle com a cultura norte-americana, principalmente com a língua inglesa, demonstrados brevemente nas ações e nas passagens descritas anteriormente nos fazem refletir sobre as ideias pan-americanistas¹⁷ que primavam pela solidariedade das nações do “novo mundo” com as quais o intelectual compartilhava.

As ações dele voltadas para o intercâmbio cultural possibilitando que brasileiros entrassem em contato com a cultura, aspectos da vida e a língua não só norte-americana, mas também com o esforço em divulgar a cultura brasileira para outras nações são norteadas pela crença na “cooperação integral de todos os governos e quase tôdas as instituições culturais da América” (MICHAELE, 1955, p. 20).

Faris Michaelle ainda escreve na sua primeira obra *Ensaaios Contemporâneos* (1940, p. 10)

Dia a dia, cresce o prestígio da nossa pátria no cenário continental e, mesmo, mundial. O panamericanismo, graças à ação dinâmica e culta dos dirigentes das nações do Novo Mundo, já se torna uma

¹⁶ Union, Power and Greatness, dreams of yours,
 Nossa era os concretiza con fulgor.
 Inlossing em Geluk (wat hopen wij?),
 Treulich zeigen Sie, ohne Klapperei.
 Emblema de la paz, de la fe imperio,
 Dignitá e brio segnano il criteio.
 Sanctuaire de science, terre de liberte,
 Tupâmunhançaua, iaçaicû, endê.
 Amerikaner há glaedelig Mine,
 Tóson metrióphron kai gennaioi eine.
 Et in anima sua pulchré faz,
 Sujiai, seiton to chie wo mimas. (MICHAELE, 1969, p. 88, grifos do autor)

¹⁷ Sobre o ideário panamericanista ver (CASTRO, 2007).

realidade. E uma realidade se torna benéfica influência em nosso país, em que pese aos pessimistas, ainda além dos limites do mundo ibero-americano.

Os escritos acima revelam a aproximação não só do Brasil, mas de inúmeros países do continente americano com os Estados Unidos, estreitando relações políticas e comerciais por meio da política da boa vizinhança. Ao tratar das relações internacionais na Era Vargas, anos de incerteza (1930-1937), o texto publicado no dossiê *A Era Vargas- 1º tempo - dos anos 20 a 1945*, produzido pelo CPDOC(1997), relata

O governo brasileiro acabou por se inclinar em direção ao sistema de poder norte-americano. Isso ocorreu graças a um conjunto de fatores, que incluiu os artifícios do discurso pan-americanista, a composição de interesses domésticos e o próprio esgotamento de recursos de barganha do governo brasileiro na negociação de seu alinhamento aos Estados Unidos.

Não encontramos menções diretas de Faris Michaelle ao governo de Vargas, porém o elogio indireto publicado em seu primeiro livro saudando a ação dos governantes ao se aliarem, concretizando os propósitos pan-americanistas, nos levam a questionar a imparcialidade política declarada pelo intelectual. Faris Michaelle não mencionava filiações político partidárias em seus escritos, todavia a presença de correspondências enviadas pelo Partido Social Democrático (PSD) denunciam a sua filiação ao partido. Lembramos que tal partido foi criado em junho de 1945 tendo como presidente da primeira comissão diretora, Getúlio Vargas. Faris Michaelle também teve relações estreitadas com o senador Flávio Carvalho Guimarães, ponta-grossense também membro do PSD (DAGOSTIM, 2011)

Continuando a trajetória escolar, no ensino secundário Faris Michaelle foi aluno da primeira turma do Ginásio Regente Feijó¹⁸ no ano de 1927, onde revelou seu papel de liderança cultural no Grêmio Estudantil Visconde de Taunay e no jornal de circulação escolar denominado “O Fanal” (WANKE, 1999). Mais tarde, Faris Michaelle assumiu o cargo de professor na instituição,

¹⁸ O Ginásio Regente Feijó foi criado em 28 de março de 1927 anexo ao prédio onde funcionava a Escola Normal Primária, adquirindo espaço próprio anos mais tarde. A instituição solicitada pelos cidadãos ponta-grossenses por meio dos jornais “demonstra a importância de se construir uma escola em Ponta Grossa com vistas a retirar o homem das trevas da ignorância” (MARÇAL, 2006, p. 120).

a exemplo de outro colega de turma, Raul Pinheiro Machado que se tornou diretor do Ginásio anos depois.

Formando-se em humanidades em 1931, Faris Michaelle ingressou no ano seguinte na Faculdade de Direito do Paraná. O bacharel em Direito exerceu por pouquíssimo tempo a profissão, pois não se sentiu atraído pelo trabalho na advocacia, “assim, restava-lhe o magistério, para o qual realmente tinha penhor” (WANKE, 1999, p.36).

A trajetória profissional desse intelectual foi marcada pelo magistério no Ginásio Regente Feijó e nos cursos de Letras e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e de Direito de Ponta Grossa. Entretanto, a ação de Faris Michaelle extrapolava os muros escolares, devido à sua intensa preocupação com a cultura e a educação. Algumas iniciativas na fundação e participação ativa em várias instituições¹⁹ no município de Ponta Grossa deixam transparecer os anseios e ideais do intelectual. Além das já citadas instituições ponta-grossenses, ele também se envolveu em ambientes culturais internacionais, nacionais e paranaenses, destacando-se por ocupar a cadeira número 12 da Academia Paranaense²⁰ de Letras.

A formação e a profissionalização de Faris Michaelle retratam a transição sentida no campo intelectual, em que os literatos e poetas se tornam cientistas.

A figura do literato, nos finais do século XIX e início do século XX no Brasil, já representava um ato de civismo na ação de escrever. Para Antonio Candido (2000, p 143), a partir da Independência do Brasil, a escola literária romântica imprime uma nova conformação cultural:

- a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do nativismo;
- b) desejo de criar uma literatura independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca

¹⁹ Centro Cultural Brasil – Estados Unidos (1944), o Centro Cultural Euclides da Cunha (1948), a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a Faculdade de Direito de Ponta Grossa; o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico de Ponta Grossa e Museu Campos Gerais, de 1950.

²⁰ Faris Michaelle foi o segundo ocupante da cadeira número 12, que teve como patrono Ubaldino do Amaral, fundador Euclides Bandeira, primeiro ocupante Sá Nunes e atualmente é ocupada por Ernani Straube (FREIRE; BUCHMANN; HOERNER, 2011).

de modelos novos, nem clássicos, nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria,
c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional.

Faris Michaelle insere-se nesse movimento como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, porque utilizou da literatura para abordar e discutir temáticas nacionais engajado na tarefa patriótica de construção nacional, entendida como missão dada a esse grupo de intelectuais literatos.

Todavia, o estudioso em questão também se aproxima de discussões mais científicas desenvolvendo reflexões acerca da antropologia, da etnografia a esses moldes, embora sua formação acadêmica não fosse direcionada a essa área. Buscou na FFCL-PG a sua profissionalização como professor universitário, cargo que lhe conferia reconhecimento e respaldo. Até mesmo a sua participação na Acadêmica Paranaense de Letras é um ponto a ser considerado no processo de especialização intelectual de Faris Michaelle. Tais instituições lhe permitiram o pertencimento ao campo literário e acadêmico.

A obra de Miranda de Sá (2006) *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)* nos auxilia no entendimento dessa transição na esfera intelectual: dos literatos e poetas aos cientistas. Conforme a autora,

No entanto, em fins do século XIX, a intelectualidade começou a se especializar. [...] A carreira nas letras esmerou-se na composição de obras de poesias e romances. Homens de ciência ganharam respeitáveis ares públicos de experimentação e observação da 'realidade'. Aos olhos da elite letrada fortaleceu-se a convicção de que o exercício de uma atividade profissional específica deveria ser, então, a razão primordial da dedicação aos estudos (p. 6, grifos do autor).

Nesse movimento de especialização dos intelectuais, Faris Michaelle exhibe momentos da sua trajetória intelectual em que por meio do autodidatismo procura se especializar em ciências que fogem do seu campo de formação para tornar seus estudos científicos e objetivos. Como é o caso da obra *Arabismos entre os africanos na Bahia (1968)*, na qual o intelectual assume os esforços para a concretização dos seus estudos das Ciências Sociais

“antropólogo por gosto e vocação, sabe, dentro do maior bom sendo e inconfundível objetividade” (p. 11).

Analisaremos na sequência uma das facetas da trajetória profissional de Faris Michaelle: a sua dedicação ao magistério. Profissão que não herdou do seu ambiente familiar, nem dos bancos da academia, mas pelo esforço e por acreditar que “com a razão do nosso lado, porque temos em vista uma das mais nobres tarefas, só descansaremos quando concluída, divulgada e continuada a empresa, em benefício da cultura brasileira” (MICHAELLE, 1983, p. 9).

1.1.2 O “MESTRE PONTA-GROSSENSE” NO GINÁSIO E NA UNIVERSIDADE

Dentre tantos feitos pela cultura e pela educação, Faris Michaelle ficou conhecido também como o “mestre ponta-grossense”.

Então Faris Michaelle – o querido Faris – passou a simbolizar a plêiade, a ser o mestre que a todos representava, não apenas pelo humanista no sentido histórico-literário, traço característico comum, mas porque permanecia orientando sucessivas gerações e se tornando luminar nas faculdades da Princesa dos Campos. Ensinar, realmente foi toda a sua vida. Sua obra literária e cultural é uma extensão do seu magistério (NASCIMENTO, 1977, p. 7).

As palavras acima de Noel Nascimento em homenagem póstuma a Faris Michaelle escritas em julho de 1977 na *Revista Rumo Paranaense*, a qual traz estampado na capa a face do intelectual, fazem parte do texto intitulado *O mestre pontagrossense* em que o autor, em poucas linhas, relata a memória do intelectual como professor nos tempos do Ginásio Regente Feijó.

O discurso é permeado por uma retórica de sentimentos, recordações, amizade e admiração. Contudo, nos mostra o quanto a cultura e a educação fizeram parte da vida de Faris Michaelle, visto que até os dias atuais o mesmo é lembrado desta forma. Esta é a memória deixada e construída em torno do personagem que instala a lembrança, pois “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente

evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas [...]” (NORA, 1981, p.9).

O conceito de cultura que ancora nossas análises a respeito das ações culturais e os discursos em defesa da cultura de Faris Michaelle é definido por Raymond Williams (1992) na obra *Cultura*. O autor enfatiza as dificuldades de definição do termo e reafirma as transformações dos usos do termo ao longo dos anos. Nesse sentido,

[...] há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológico e sociológico de cultura ‘como modo de vida global’ distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um ‘sistema de significações’ bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em *todas* as formas de atividade social, e (ii) o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como ‘atividades artísticas e intelectuais’, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as ‘práticas significativas’ – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 1992, p. 13 grifos do autor).

As definições expostas no sentido mais especializado de cultura nos parecem mais operacionais ao nosso objeto, pois Faris Michaelle realizou seus projetos na sua intensiva jornada da atividade intelectual produzindo obras literárias, proferindo palestras, ministrando cursos, escrevendo para a imprensa e etc.; com o propósito de transmissão da cultura.

O *mestre ponta-grossense*, como ficou conhecido na cidade, tentou de início exercer a profissão de advogado, mas como informam as notas biográficas escritas por Eno Theodoro Wanke (1999), a morte de seu pai frustrou tal intento. O moço da família precisou ficar próximo à sua mãe e à sua irmã, que tomavam conta do comércio da família. Assim, Faris Michaelle assumiu as aulas de português e de inglês no Ginásio Regente Feijó em 1937 e permaneceu até o tempo de sua aposentadoria em 1967.

A ligação de Faris Michaelle com a instituição educativa é de longa data, como já mencionamos o intelectual integrou a primeira turma do Ginásio e, depois, lecionou por 30 anos no local.

A trajetória profissional de Faris Michaelle não está marcada somente pelas aulas no ensino secundário, mas também no ensino superior. Militante

junto à comunidade pontagrossense, o intelectual participou da luta pelos cursos universitários na cidade de Ponta Grossa. De acordo com José Cercal de Oliveira (2002, p. 163),

[...] O Partido Social Democrático do Município era composto principalmente de profissionais liberais, comportando em seu comitê poucos professores. Estes difundiam junto ao governo do Estado a necessidade de se criar uma faculdade que respondesse às necessidades da população estudantil local e das proximidades de Ponta Grossa, e porque nesse período a cidade era a segunda do Estado tanto em contingente populacional quanto em representação econômica.

Faris Michaelle, apesar de se declarar apolítico, era filiado ao PSD. Em relação a esse fato, o intelectual estava inserido na busca pela concretização do projeto de desenvolvimento educacional, social e político na cidade de Ponta Grossa: torná-la em uma cidade universitária. A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa (FFCL – PG) na região dos Campos Gerais representou a inserção da cidade na política de desenvolvimento nacional pautada na expansão da educação em todos os níveis de ensino formando, principalmente, professores para suprir a demanda do extenso território nacional.

O *Tapejara* de junho de 1952 traz em letras destacadas a seguinte manchete: “Ponta Grossa, futura cidade universitária”. O texto escrito por Faris Michaelle faz uma discussão inicial sobre a importância das universidades afirmando que “[...] nos dias atuais, não podemos compreender comunidades civilizadas sem a cooperação das escolas superiores, a coroá-lhes a obra” (p.1). E, ainda continua

Ao ser aprovado o projeto (fato que não padece dúvida, pois já que são inúmeros os nomes de deputados que o apoiam), teremos, então, na Princesa dos Campos, três escolas superiores: a de Filosofia, a de Farmácia e a de Odontologia, ficando a faltar somente a de Direito para que esta valorosa comunidade passe a ter a sua Universidade, que ela bem merece, já pela evolução geral, já pela posição geográfica que apresenta. Que semelhante ideal seja realizado o quanto antes, é o que ardentemente desejamos, todos os que, desde o primeiro instante, nos associamos aos que acalentavam e acalentam, para a glória de Ponta Grossa, do Paraná e do Brasil! (p.1)

O intelectual em questão não só participou da luta para a criação da FFCL – PG, como também fez com que o projeto se efetivasse. Foi designado professor de Antropologia pela Portaria n. 213²¹ de 21 de julho de 1950. Desde então, o *mestre ponta-grossense* passou a lecionar em alguns cursos universitários que foram sendo criados, se dedicando as áreas da Sociologia, da Antropologia, da História, do Direito e das Línguas. A inserção na universidade também rendeu a ele a publicação de duas obras pela editora da instituição e uma pela Superintendência de Ensino Superior do Paraná. Certamente, a vinculação de tais obras à academia trouxeram notoriedade e legitimidade ao estudioso no campo intelectual.

O ofício de ensinar também nos faz refletir sobre o projeto moderno de Faris Michael. Professar suas ideias e compartilhar seus conhecimentos a um grupo de alunos, sejam eles do ensino secundário ou do ensino superior, fez parte do seu trabalho como intelectual. Atuando como formador de visões de mundo, o mestre ponta-grossense certamente transmitiu seus anseios e suas aspirações a um grupo de jovens responsáveis pelos rumos da nação, num país em que a reconstrução nacional enxergava suas vias de concretização pela reconstrução educacional.

Para Vieira (2011, p.38)

No horizonte retórico dos intelectuais do último quartel do século XIX aos anos 60 do século XX, identificamos a presença marcante da ideia de modernidade, que foi representada como uma espécie de éden que se conquistaria a partir de investimentos em diferentes frentes, mas de forma especial, a cultura e a educação representaram áreas estratégicas nesse projeto. A análise do discurso da intelectualidade no Brasil, nas particularidades dos agentes que se destacaram no campo educacional bem como nas redes de sociabilidade intelectual criados pelos jornais, revistas e instituições culturais confirmaram a tese, bastante difundida na área acadêmica, sobre a relação estreita entre as ideias de modernidade e a defesa de investimento em cultura e educação.

²¹ A mesma portaria também designa outros professores para tomarem posse das cadeiras especificadas: Joaquim de Paula Xavier (Geografia Humana), Leônidas Justus (Análises Matemáticas), Orlando Arthur Justus (Física Geral e Experimental), Estêvão Zeve Coimbra (Língua Latina) Dulce Nascimento Xavier (Língua e Literatura Francesa), Gabriel Mena Barreto (História da Antiguidade e da Idade Média), Fernando Machuca (Geografia Física), Ambrósio Canato (Língua e Literatura Italiana), Paschoal Salles Rosa (Língua e Literatura Espanhola), Eurico Taques Guimarães (Geometria Analítica e Projetiva).

A cultura e a educação, elementos chaves para a conquista da modernidade, estavam presentes não só na retórica de Faris Michaelle, sendo reencontradas nas suas ações. Essa e outras características que o inserem nas discussões regionais e nacionais, bem como no campo intelectual, nos remetem aos quatro aspectos elencados por Vieira (2011) que são fundamentais para concebermos os intelectuais como agentes sociais que possuem visibilidade na esfera cultural, são eles

- 1) sentimento de pertencimento ao estrato social que, ao longo do século dezenove e vinte, produziu a identidade social do intelectual;
- 2) engajamento político propiciado pelo sentimento de missão ou de dever social;
- 3) elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade;
- 4) assunção da centralidade do Estado como agente político para a efetivação do projeto moderno de reforma social. (VIEIRA, 2011, p. 3-4).

Ao nos basearmos nesse pressuposto traçado pelo autor, relacionamos as dimensões descritas acima com a trajetória de Faris Michaelle.

Em relação ao primeiro e ao segundo aspecto, notamos a liderança intelectual de Faris Michaelle aglutinando outros intelectuais em prol da cultura e da educação em instituições culturais e educativas (jornais, centros culturais, faculdades), estabelecendo laços de identidade e regras próprias de conduta nos projetos coletivos compartilhados. O personagem era e ainda é reconhecido pelos intelectuais regionais, nacionais e estrangeiros devido à sua produção intelectual e ao constante diálogo com seus pares.

O sentimento de missão social está na crença de que os ambientes culturais e educativos criados pelo intelectual seriam o baluarte da renovação e reorganização da sociedade ponta-grossense, pois tais instituições visavam conformar novas visões de mundo nos habitantes da cidade de Ponta Grossa.

No que diz respeito ao último aspecto que caracteriza o intelectual para o autor, Faris Michaelle entendia o Estado como um agente político essencial na efetivação do projeto moderno, tanto que pautado no lema “educação como salvadora da Pátria”, lutou intensamente junto aos seus pares para a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa – *lócus* da pesquisa e produção científica.

Nesse sentido, no próximo item trataremos do Centro Cultural Euclides da Cunha, empreendimento cultural que congregou a intelectualidade ponta-

grossense que buscava legitimar-se na esfera de atuação e “[...] através de intercâmbio intenso e eficiente, tornar conhecido, lá fora, o Brasil, o Paraná e, naturalmente, Ponta Grossa” (TAPEJARA, set. 1954, p. 1).

1.2 O CENTRO CULTURAL EUCLIDES DA CUNHA

O Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC) fundado por Faris Michael, o qual ocupou o cargo de presidente da instituição até 1977, iniciou suas atividades no dia 6 de maio de 1948 (DITZEL, 2007).

O CCEC foi criado com o objetivo de congregar os intelectuais pontagrossenses, tendo como finalidade estimular o intercâmbio de ideias e culturas entre os intelectuais, difundindo a diversidade da cultura brasileira para o Brasil e os outros países do continente americano e europeu, no viés dos ideários pan-americanistas que inspiravam os intelectuais.

A criação do CCEC foi comentada por inúmeros intelectuais nos jornais e em cartas enviadas à instituição e a Faris Michael. Em junho de 1952, Vieira Filho escreve na coluna perfis da cidade do *Tapejara*

Reduto dos valorosos “caboclos”, reunindo em seu seio as expressões máximas do nosso mundo cultural, vem o “Centro Cultural Euclides da Cunha” desempenhando honrosa e meritória tarefa em prol do nosso aprimoramento intelectual e na difusão do valor incontestável dos nossos homens de letras, através do intercâmbio com as mais destacadas agremiações congêneres, do Brasil e das demais nações da América (p.19).

Os euclidianos do centro de São José do Rio Pardo também se pronunciaram na carta enviada a Faris Michael em 26 de outubro de 1952, “são, vocês, um marco no progresso cultural do interior do Paraná, representando a salutar reação do próprio interior do Brasil contra a indiferença das metrópoles”.

O trecho da carta citada acima revela o esforço reconhecido dos intelectuais do interior do país serem ouvidos e não somente os grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo conforme apontam os estudos sobre os intelectuais *regionais* de Vilhena (1996). Ainda sobre essa pretensão, o

projeto de lei de julho de 1957, assinado por Oliveira Franco e publicado no *Tapejara* também expressa a intenção de projeção nacional e internacional pensada pelos intelectuais de Ponta Grossa “Fundado em 1948, por um grupo de intelectuais idealistas, o Centro Cultural “Euclides da Cunha”, sobremodo tem contribuído a que se conheça o Brasil, lá fora” (p.4).

No Estatuto do CCEC estão escritas algumas das suas atividades centrais: realização de cursos, conferências e reuniões culturais; divulgações de obras nos países americanos, publicação de um jornal trimestral (*Tapejara*), organização de uma biblioteca e realização de maratonas intelectuais.

O jornal *Tapejara* era o responsável pela divulgação as ações promovidas pelo CCEC. Na sessão de notas e notícias culturais encontramos várias chamadas para conferências²², palestras e maratonas intelectuais – que contém o nome do organizador do evento, o palestrante e as autoridades que prestigiaram o evento. A Semana Euclidiana que acontecia toda segunda semana de agosto também era noticiada da mesma forma que a maratona intelectual que envolvia “estudantes do Ensino Secundário e Normal, visando incrementar o gosto pela vida intelectual e despertar o interesse do aluno pela vida e pela obra de Euclides da Cunha” (TAPEJARA, 1951, p. 2).

O CCEC reunia uma lista significativa de sócios²³ entre os quais “[...] percebe-se que os mais conhecidos e mais conceituados professores, advogados, militares, médicos, comerciantes, artistas, escritores eram vinculados à instituição” (DITZEL, 2007, p. 65). Em julho de 1957 o *Tapejara* anuncia as primeiras euclidianas ponta-grossenses: Maria Eulina Schena, Lydia Kubiak Almeida, Ana de Barros Holzmann, Armida Frare e Neusa Castro Guimarães, todas professoras. De acordo com a nota “o fato repercutiu da melhor maneira possível, dado o real valor das mesmas e igualmente a circunstâncias de estar o Centro atingindo, cada vez mais, o seu verdadeiro objetivo” (p. 20).

Eno Theodoro Wanke transcreve um trecho da notícia que anuncia a criação do CCEC no jornal *Página literária* no dia seguinte à fundação

²² As palestras e conferencias promovidas pelo CCEC abrangiam temáticas variadas. Pelas notas e notícias culturais publicadas nas edições do *Tapejara* elencamos algumas delas: Reforma Agrária, Educação e Cultura, Abraham Lincoln, O plano rodoviário do Paraná,

²³ Entre os sócios estavam: Clyceu Carlos de Macedo, Heitor Ditzel, Reinaldo Ribas Pereira, Deodoro Alves Quintilhano, Álvaro Augusto da Cunha Rocha, Herculano Torres Cruz, Dailay Luiz Wambier.

[...] Acaba de ser fundado na nossa cidade, o Centro Cultural Euclides da Cunha, antigo sonho de vários intelectuais ponta-grossenses, somente agora concretizado. O grêmio vai preencher uma lacuna incompreensível para os nossos foros de cidade civilizada e progressista pois que, embora possuindo equipe apreciável de homens e mulheres que dedicam sua atenção à cultura em geral, não possui uma entidade para congregar os referidos elementos, de modo a tornar produtivo o seu trabalho, até agora esparso (WANKE, 1999, p. 96).

Noticiando o fato como uma ação moderna, o CCEC parecia ser uma ação civilizada e progressista para a cidade de Ponta Grossa. É a partir dessa concepção do *sonho concretizado* que elegemos o CCEC para análise, pois, como vimos anteriormente, Faris Michaelle fundou e participou de inúmeros ambientes culturais, mas o CCEC nos pareceu singular para nossas apreciações sobre o projeto moderno do intelectual, visto que a instituição partilhava propósitos incomuns entre um grupo de intelectuais independentes engajados em prol da mesma causa: promover a cultura brasileira e, também, divulgar seus nomes e seus trabalhos.

A ação empreendida por Faris Michaelle que reunia a intelectualidade ponta-grossense, admitindo a pluralidade de ideários e visões de mundo se auto declarava apolítica, neutra e imparcial.

[...] A bem da verdade, e para evitar explorações políticas, declaramos que o Centro Cultural “Euclides da Cunha”, desta cidade, entidade fundada em 1.948, e com personalidade jurídica, não tem ligação de espécie alguma com partidos políticos, nem reconhece qualquer restrição à liberdade de pensamento. Os seus estatutos são claros: entidade apolítica, sem preconceito de cor, raça, religião, classe, pensamento filosófico, etc (TAPEJARA, 1957).

A instituição criada no espírito de unicidade em torno de propósitos comuns renegava quaisquer diferenças de opções políticas, cor, credo ou raça. A crença no poder da neutralidade e da objetividade da ciência positivista fazia com que os intelectuais do CCEC pregassem o distanciamento de suas paixões (se é que é possível) para agirem com autonomia e perícia.

Sobre esse assunto, Faris Michaelle escreve aos euclidianos

O âmbito em que nossa querida instituição vem abrangendo é, por sem dúvida, dos mais amplos, pois o sentido da palavra cultura subentende os mais variados setores do conhecimento humano. De

outro lado, cabe esclarecer que, a par do levantamento do nível cultural do ambiente, há também o aspecto do intercâmbio com outras terras do Brasil, como da interpenetração com as demais nações do continente americano. Pois, agora mais do que nunca, se faz necessária uma política de estreitamento das relações culturais entre os Povos do Novo Mundo. (...) **Por isso, neste Centro, não podemos pensar, nem de leve, em restrições de qualquer espécie ou imposições dogmática de qualquer índole** (TAPEJARA, 1954, p. 1, grifos nossos)

A reafirmação constante nas páginas do *Tapejara* sobre a posição apolítica do CCEC nos chamou atenção. Em certas correspondências enviadas a Faris Michaelle também notamos algumas queixas sobre acontecimentos que burlavam a essência da instituição, em especial, a que chamamos para a ilustração é a escrita por Darly Luiz Wambier em 6 de janeiro de 1952

Prezado e querido Mestre:

Aconteceu o que eu estava prevendo, com o jantar oferecido pelo nosso centro ao eminente homem de letras e grande euclidiano Dr. Flávio Guimarães: a modesta homenagem de um grêmio eminentemente cultural foi transformada em tertúlia de girassóis... Ficara combinado que não se daria a palavra a mais ninguém senão ao nosso honrado interprete e ao homenageado. Todavia, falou quem entendeu, para fazer propaganda político-partidária. Mataram o nosso Centro, meu caro e grande Mestre! Essas razões levam-me, como um dos mais humildes fundadores da agremiação e a qual dei, modestamente, o máximo de minhas apoucadas energias, a depor nas mãos da Vossa Excelência o cargo de Tesoureiro, irrevogavelmente.

Sobre o jantar oferecido em homenagem ao Senador Flávio Guimarães, temos uma nota no *Tapejara* de fevereiro de 1952.

O Centro Cultural "Euclides da Cunha, a 5 de Janeiro último, saldou uma grande dívida para com o Exmo. Snr. Dr. Flávio Carvalho Guimarães, seu ilustre Sócio Correspondente na Capital Federal. Sua Excia., que exerce o cargo de Senador pelo Paraná, muito tem feito pela cultura em sua terra natal, Ponta Grossa. Assim é que, graças à sua eficiente ação, o Centro receberá, este ano, uma subvenção federal no valor de 50.000 cruzeiros, o que representa uma ajuda verdadeiramente apreciável. Aproveitando a sua estada nesta cidade, os euclidianos lhe ofereceram um jantar de cunho genuinamente cultural, tendo comparecido mais de uma centena de pessoas (p.16)

Wambier escreve a carta de indignação com os acontecimentos no jantar um dia após o evento, contudo a nota no jornal anuncia o jantar de cunho genuinamente cultural. Tais contradições evidentes junto ao fato de termos o conhecimento da filiação ao PSD da maioria dos integrantes do centro,

inclusive do presidente da instituição, nos fazem refletir sobre a imparcialidade auto-declarada pelo CCEC.

Um ano mais tarde, em 24 de setembro de 1952, Flávio Carvalho Guimarães envia uma correspondência para Faris Michael agradecendo carta anterior em que o intelectual gratifica os feitos do senador e informa

Estou às vésperas da apresentação de ementas ao Orçamento e se puder, de minha parte, farei esforços para que seja reservada a mesma quantia do ano anterior, para o ampliação da biblioteca do Centro Cultural Euclides da Cunha, sob as condições seguintes: nenhuma publicação, nem comentário ou publicidade, nenhum jantar ou agradecimento coletivo, porque me prejudicaria extremamente.

Assim como recomenda o político, não se tem mais evidências do recebimento ou não da verba, mas o fato do senador elencar as condições para o recebimento do auxílio já nos denuncia problemas advindos do evento criticado por Wambier, a ponto de entregar o cargo de tesoureiro do CCEC.

O acontecimento remontado acima nos chama a atenção para as contradições na trajetória intelectual, no caso de Faris Michael, a auto-declaração “apolítica”. Conforme as evidências percebidas por meio das suas relações com seus pares, bem como a filiação e participação efetiva na vida partidária do PSD; ousamos defender a hipótese de que o intelectual mantinha uma posição política conservadora que coadunava com as premissas da Era Vargas.

Ao tratar do intelectual engajado, Marilena Chauí (2006, p. 2, grifos do autor) dialogando com Pierre Bourdieu aponta “a fala pública dos intelectuais, justamente porque banalizados pela afirmação da autonomia, assume dois traços principais: a *defesa das causas universais*, isto é, distantes de interesses particulares, e a *transgressão* como referência à ordem vigente”.

Os intelectuais do CCEC viviam a intensa antinomia entre autonomia e engajamento no campo intelectual. Percebemos aqui a figura do intelectual como o personagem bidimensional de Pierre Bourdieu (1986). Nesse sentido, os intelectuais do CCEC buscavam refúgio na assertiva da neutralidade (ainda que impossível) e da objetividade para justificarem o mundo cultural autônomo, independente dos poderes religiosos, políticos e econômicos, a fim de investirem com perícia e autoridade específica na produção dos bens culturais.

O valor elevado dado à ciência pelos intelectuais do CCEC e revelado pelos manuscritos de Faris Michael e que descrevem a cultura como “a produção mais elevada do espírito humano” do mesmo jeito que as justificações de neutralidade e objetividade são pistas de que a ciência positiva, efeito da modernidade, que foi referência obrigatória para os intelectuais brasileiros nos fins do século XIX e início do século XX, estava presente no CCEC. Nessa corrente de pensamento a ciência era considerada “símbolo da cultura e da civilização ocidental, mas, especialmente, como recurso de pensamento e de ação imprescindível às mudanças que dariam ao Brasil a feição de uma nação moderna” (FERREIRA, 2007, p.1).

O CCEC certamente foi uma dessas ações coletivas típicas do início do século XX que buscava a reorganização da sociedade brasileira pelas vias da cultura e da ciência.

O CCEC, assim como a maioria dos centros culturais criados no Brasil, são resultados das exigências produzidas pela nova situação em que o Brasil depois da declaração de independência, em 1822, e adentra aos anos seguintes fortalecendo-se com o regime republicano. Era preciso criar uma cultura brasileira e/ou nacionalizá-la.

Desse modo, os intelectuais brasileiros usufruíam da literatura e da historiografia para difundirem seus projetos de nação que reforçavam o sentimento de pertencimento e identidade nacional, exaltando as “coisas” nacionais, a *brasilidade*. Alguns literatos arriscam-se em escrever a história nacional, enaltecendo personagens e hierarquizando acontecimentos, criando heróis e destacando os símbolos nacionais.

O CCEC não foge desses propósitos e suas ações partilham das mesmas premissas. O grupo de intelectuais ponta-grossenses se reúne com o intuito de divulgar seus trabalhos e seus pensamentos, descortinando Ponta Grossa e o Brasil para o restante do mundo.

Nesse sentido, o CCEC lança o *Tapejara*. O jornal cultural produzido pelo CCEC e idealizado por Faris Michael teve 24 edições de 1950 a 1976. O jornal era distribuído gratuitamente no Brasil e enviado para algumas instituições americanas e europeias que mantinham contato com o CCEC.

As páginas do *Tapejara* eram utilizadas para debater questões que estavam em discussão nacional e/ou regional. As principais temáticas tratadas

eram: a vida e obra de Euclides da Cunha, indianismo, o indioamericanismo, biografias, história de Ponta Grossa, nacionalismo, raças, mestiçagem e cultura (DITZEL, 2007).

Os escritores dos artigos publicados no jornal eram intelectuais pontagrossenses e de âmbito nacional, como por exemplo, Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, José de Alencar.

Diante dos elementos trazidos para a discussão nesse tópico, percebemos a relevância de tal instituição para o entendimento da trajetória de Faris Michaelle, bem como as evidências dos propósitos e ideais do seu projeto moderno, pois, como vimos, a instituição buscava difundir visões de mundo ancoradas no regionalismo, no nacionalismo, nas questões que tangem sob a *brasilidade*.

1.2.1 TAPEJARA “A VOZ DO BRASIL INTERIOR”

Tapejara, o jornal do CCEC, surge em setembro de 1950 para efetivar as aspirações dos intelectuais integrantes da referida instituição que tinham o propósito o intercâmbio cultural, sob a direção de Faris Michaelle. Circulando durante 26 anos, esse jornal destinava-se aos sócios e aos sócios-correspondentes do CCEC, estudantes universitários e integrantes de outras instituições culturais nacionais e estrangeiras.

O primeiro editorial anuncia a intenção do empreendimento

Veículo do Centro Cultural “Euclides da Cunha”, “Tapejara”, ao mesmo tempo que procurará divulgar a mensagem euclidiana pelo Brasil afora, desempenhará, igualmente, o papel de porta-voz da fraternidade cultural em geral entre o Brasil e seus irmãos da Indo-América, essa Indo-América tão rica em homens e ideias (TAPEJARA, 1950, p.1, grifos do autor).

O nome indígena originário do tupi significa “tape ou pé, caminho, estrada, e jará ou yara, senhor, conhecedor. Literalmente, senhor do caminho, guia, condutor...” (TAPEJARA, 1950).

O veículo de comunicação do CCEC teve 24 edições ao longo dos 26 anos de circulação. Vejamos o quadro abaixo que sintetiza a relação das edições do jornal.

Ano da edição	Número da edição	Data/Mês da Publicação	Número de páginas	Diretor
1950	1	3 de setembro	04	Faris Michaele
1950	2	dezembro	12	Faris Michaele
1951	3	março	12	Faris Michaele
1951	4	junho	12	Faris Michaele
1951	5	outubro	22	Faris Michaele
1952	6	fevereiro	16	Faris Michaele
1952	7	junho	20	Faris Michaele
1952	8	setembro	20	Faris Michaele
1953	9	janeiro	16	Faris Michaele
1953	10	maio	20	Faris Michaele
1953	11	setembro	20	Faris Michaele
1954	12	janeiro	20	Faris Michaele
1954	13	maio	16	Faris Michaele
1954	14	setembro	20	Faris Michaele
1955	15	abril	20	Faris Michaele
1955	16	dezembro	20	Faris Michaele
1956	17	junho	20	Faris Michaele
1956	18	dezembro	20	Faris Michaele
1957	19	julho	20	Faris Michaele
1958	20	setembro	20	Faris Michaele
1959	21	setembro	10	Faris Michaele
1960-1961	22	-----	16	Faris Michaele
1970	23	dezembro	12	Faris Michaele
1971-1976	24	-----	20	Faris Michaele

QUADRO 1 – RELAÇÃO DAS EDIÇÕES DO TAPEJARA
FONTE: A autora (2014)

De um modo geral, os artigos publicados no periódico versavam sobre os mais variados temas, destacando-se: Euclides da Cunha, folclore, pan-americanismo, Ponta Grossa, indianismo, nacionalismo, filosofia, biografias, raças, cultura entre outros. Os artigos eram escritos pelos intelectuais do CCEC e, também, por sócios-correspondentes que eram convidados a

contribuir com as páginas do *Tapejara*. Dentre eles, encontramos textos de Raul Gomes, Gilberto Freyre, Fernando de Azevedo, Valfrido Piloto, Luís da Camara Cascudo, Pedro Calmon.

Sobre o encantamento e o ensejo dos intelectuais do CCEC ao Euclides da Cunha tecemos algumas considerações. A vida e a obra do autor eram a inspiração dos dois empreendimentos - o CECC e o *Tapejara*. Logo na primeira edição do periódico do CCEC, Faris Michaelle enaltece o patrono Euclides da Cunha “Figura única, em nossas letras, a de Euclides da Cunha. Foi-o pela erudição, pelo temperamento, pelo estilo. Dominador incontestável da cultura ocidental” (TAPEJARA, 3 set., 1950, p.1). Aos euclidianos pontagrossenses, Euclides da Cunha representava o expoente do panorama literário nacional, principalmente por eleger o sertão e o sertanejo para sua obra, ou seja, o resgate dos elementos que foram formadores da identidade nacional. Para Ditzel (2007, p. 117) a obra de Euclides da Cunha foi “a principal fonte do nacionalismo para os intelectuais do Centro Cultural”.

Na avaliação de Garbuglio (1968, p.94) a obra de Euclides da Cunha tomou tamanho reconhecimento e adoração por denunciar os problemas nacionais de maneira incisiva, revelando uma compreensão incomum para a época sobre a realidade brasileira, “[...] Euclides descortina a partir d’Os Sertões trazendo pela primeira vez na Literatura Brasileira a imagem real do País que ele viu, possibilitando o encaminhamento de soluções para seus problemas até então ignorados e também escamoteados”.

Vale ressaltar que a quantidade de páginas do jornal foram se ampliando ao longo das edições, mas o *Tapejara* manteve durante todos os anos a mesma linha editorial composta por resenhas, poesias, artigos, notas e notícias culturais, páginas sobre o folclore e biografias. As poesias, as resenhas e as notícias eram prioridades nas seções do jornal. O jornal não possuiu nenhuma propaganda comercial ao longo dos seus anos de circulação, sobrevivendo de doações e investimentos dos sócios do CCEC e dos sócios-correspondentes que desejassem colaborar.

A impressão do jornal foi feita inicialmente pela *Gráfica Montes Pereira* e, os últimos exemplares foram organizados e impressos pela *Gráfica Planeta*. O jornal sempre foi distribuído gratuitamente pelo Brasil, pela América e em alguns países do continente europeu para as agremiações culturais

credenciadas. Sobre esse aspecto, a edição de outubro de 1951 publica *A repercussão de “TAPEJARA” pela América e Estrangeiro em geral*

“Tapejara” continua tendo a mais franca acolhida pelo Brasil e pelos países estrangeiros. Damos, hoje, a lista das pessoas, entidades culturais, órgãos de imprensa, etc., que nos honraram com notas, artigos, telegramas, cartas e palavras e estímulo em geral, aos quais consignamos nossos agradecimentos (p.21, grifos do autor).

A matéria segue citando os nomes dos intelectuais, das instituições e dos seus respectivos municípios, Estados e países. Na listagem aparecem intelectuais do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Minas Gerais, Pará, Espírito Santo, Uruguai, Peru, México, Cuba, Equador, Argentina, Estados Unidos, Itália, Portugal, Suíça, França e Bolívia. A publicação de uma matéria com essas características nos remete a mais uma estratégia de afirmação e reconhecimento do recém criado jornal, pois publicar uma lista com nomes renomados conferia legitimidade e seriedade ao empreendimento dos intelectuais do CCEC.

Anos mais tarde foi publicada outra matéria no mesmo viés, mas desta vez escrita por um sócio-correspondente. Intitulada *Um jornal diferente*, a matéria escrita por Luiz de Barros em maio de 1953 evoca os méritos do *Tapejara*.

“Tapejara” é um jornal diferente da maioria dos outros periódicos. Tem um programa cultural. Não cuida de política partidária e seu assunto predileto não é, exclusivamente, noticiário ou meros ataques pessoais. Aborda em suas colunas problemas de interesse nacional, tais como a influência do índio em nossa evolução social e a urgente necessidade de se mudar a capital federal, além de outros assuntos de igual relevância. [...] “Tapejara” tem uma diretriz, uma linha doutrinária. Intensifica a cultura. Debate problemas nacionais. Difunde os bons autores. Assim muito fará para que surja nesse país algo de novo e realmente construtor (p. 18, grifos do autor)

Ao percorrer as páginas do periódico percebemos que este meio de comunicação era a expressão do CCEC. Portanto, temos o *Tapejara* e as obras de Faris Michaele como a materialização dos ideais individuais do intelectual, bem como aqueles compartilhados com os demais integrantes da instituição. Como afirma Vieira (2007b p. 15)

Para a intelectualidade a imprensa, em geral, e o jornal, em particular, representaram um ofício, um meio de expressão e uma forma de promoção social. Ele permitiu ao intelectual, em diferentes contextos, marcar presença na cena pública para além dos espaços restritos dos círculos de letrados.

A partir da avaliação de Vieira (2007b) refletimos sobre a ação encabeçada por Faris Michael e na criação do CCEC e do *Tapejara*. Os dois feitos deixam transparecer o intento pan-americanista do intelectual em mostrar-se para a sociedade e para o mundo. Esse desejo faz parte do ideário da modernidade. Para Vieira (2007b, p.19) “o cosmopolitismo da modernidade entendeu a imprensa como ferramenta decisiva para romper com o provincianismo e instalar o debate público em dimensões inéditas”.

Assim, o *Tapejara* insere-se nesse cenário como o porta-voz do Brasil interior

“**Tapejara**”, como autêntico porta-voz do Brasil interior, o Brasil jagunço, caboclo como quer que lhe chamem, e representando o Centro Cultural “Euclides da Cunha”, também se aliou à nobre cruzada, dirigida aos concidadãos da zona rural, com o fito de fazê-los participar, ao menos, de um mínimo de conforto, sem que lhes fizesse caridade, porquanto, como bem disse o sociólogo americano Kalervo Oberg, **“eles, os caboclos são o elemento mais precioso do Brasil”**, pois ainda representam a nossa reserva efetiva de moral, generosidade e apego incomparável ao solo pátrio (TAPEJARA, 1970, p.1, grifos do autor)

Os intelectuais *regionais* ancoravam-se na imprensa a fim de difundir suas discussões e lançar-se ao mundo, independente dos grandes centros, buscando consagração.

Nesse sentido, também chamamos a atenção para o papel educativo do CCEC e do *Tapejara*. Os dois empreendimentos culturais são modalidades da educação informal. Assim, para compreendermos as ações de Faris Michael e compartilhamos da noção ampliada de educação de Pallares-Burke (1998, p.145)

[...] não obstante a crescente importância das instituições formais de educação na transmissão cultural de uma geração à outra, agências mais diversificadas e informais também podem estar envolvidas em tal processo. Romances, jornais, revistas, sermões, teatro, pintura etc. têm tido sempre sua quota de participação no processo educacional e podem, pois, ter muito a dizer sobre o modo complexo pelo qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas.

A trajetória escolar e profissional de Faris Michael e suas ações como fundador e partícipe de ambientes culturais e educativos descritas nesse capítulo, nos revelam o comprometimento do intelectual não só com as letras, mas com a organização de instituições que promovessem o desenvolvimento cultural da cidade de Ponta Grossa.

2 MODERNIDADE NA PRODUÇÃO INTELECTUAL

Nascidos dentro da cultura ocidental, saber-lhe-emos imprimir um novo rumo, dando-lhe um sentido novo, de que somente são capazes os países jovens e cheios de concórdia e espírito de conciliação, como o nosso (MICHAEL, 1940, p. 10).

A citação acima instiga nosso trabalho de investigação. O que ela nos revela? Que rumo é esse? Qual é o sentido novo necessário a um país tão jovem? Essa é uma preocupação moderna do intelectual? Seria essa a missão do intelectual?

Escritas em 1939, porém publicadas em 1940 na primeira obra de Faris Michael intitulada *Ensaio Contemporâneo (Ciência e Filosofia)*, tais palavras estão na décima página do livro, no espaço em que o autor faz algumas ressalvas ao leitor. De forma objetiva e clara, característica dos escritos do intelectual, em poucas palavras Faris Michael expressa o seu entendimento do papel de um polígrafo do interior do Estado do Paraná preocupado com os rumos da nação.

Em dois parágrafos anteriores ao citado, o intelectual se posiciona:

O que tive em mente, ao elaborar este livro, foi apenas o desejo de procurar, tanto quanto possível, contribuir para tornar claro o papel que se reservou, a nós, os moços brasileiros, na preservação e aperfeiçoamento das aquisições do mundo cultural a que pertencemos (MICHAEL, 1940, p.10).

Imprimir um novo rumo e dar um sentido novo à nação nos parece ser a missão reservada aos moços brasileiros, segundo Faris Michael. Assim, ao acreditar no potencial da Pátria, o intelectual dá ênfase à cultura e à educação,

elementos chaves para a modernização, como aspectos fundamentais para a prosperidade do país.

Sobre essa geração de intelectuais que se autodenominavam “moços”, expressando a juventude e o papel dos jovens intelectuais na cena social, Osinski (2006) ao analisar a contribuição de Guido Viário para o ensino da arte, na década de 30 até meados de 1960, no Paraná; discute a relação desse intelectual com a nova geração que compunha a revista *Joaquim*²⁴. Para a autora

O uso das expressões *geração* e a autodenominação de *moços*, para os participantes da *Joaquim*, consistia antes de tudo em uma estratégia de configurar um grupo identificado não tanto pela idade, mas pelas ideias compartilhadas, relacionando-o com o que havia de novo em termos de arte e pensamento intelectual. [...] De qualquer forma, apresentando-se como moços, os membros da *Joaquim* tinham mais possibilidades de empreender, em nível nacional, diálogos com outros intelectuais modernos e emergentes, distinguindo-se do meio cultural paranaense já bastante conhecido fora do Paraná por seu tradicionalismo (OSINSKI, 2006, p.125, grifos do autor).

No *Tapejara*, jornal do CCEC, também encontramos uma discussão sobre a missão dos moços brasileiros. O texto intitulado *Palavras à mocidade* escrito por Valfrido Piloto discursa sobre as responsabilidades da nova geração frente ao progresso da nação.

Fortes pelo caráter e pelo preparo intelectual, os jovens brasileiros estarão à altura do que há mistér construir. Não defrontamos apenas problemas nacionais, mais ou menos próximos, controláveis pela percepção imediata. Isso sabe a geração que aí se apresta para a nova era. Estará presente à juventude de hoje, a subterrânea e cabal transformação. Notadamente, os intelectuais, os estudantes, os que se destinam avolumar o aperfeiçoamento do Brasil, hão-de manter sôfregas e intrépidas as suas almas, diante da grande obra que se reserva a quantos desejem cooperar para um mundo melhor. [...] A mocidade não falhará. Dêsse húmus resplendente florescerá um Brasil feliz (TAPEJARA, 3 jun. 1952).

A juventude intelectual compactuava com o ideário da modernidade, visionando um novo ângulo para pensar o Brasil e promovendo a ruptura com o padrão tradicionalista vigente. Ou seja, aos moços imbuídos da perspectiva de

²⁴ “*Joaquim* circulou com periodicidade mensal, de abril de 1946 a dezembro de 1948, com uma edição limitada de 1000 exemplares. Foram publicados ao todo 21 números sob a editoria de Dalton Trevisan” (OSINSKI, 2006, p. 121).

missão, estava instaurado um quadro ambivalente entre o que se propunha como moderno e arcaico, o novo e o velho, o progresso e o atraso. Enfim, a eles estava reservada a tarefa de derrubada da tradição inspirada na modernidade, na “antitradição, a derrubada das convenções, dos costumes e das crenças, a saída dos particularismos e a entrada no universalismo [...]” (TOURAINÉ, 1994, p. 216).

As características mencionadas acima não são exclusivas do intelectual em questão, mas sim de toda a geração de intelectuais do início do século XX que se preocupou, em especial, com o problema da identidade nacional e das instituições. Como afirma Pécault (1990), os projetos da intelectualidade brasileira se situavam entre o cultural e o político, configurando-se como uma forma de organizar a nação, dispondo-se a colaborar com o Estado na construção da sociedade. Agindo como mediadores e “preocupando-se com a elaboração da cultura brasileira, não tinham consciência de negligenciar o problema político: estavam simplesmente convencidos de que a essência do político era o processo que conduziria ao advento de uma identidade cultural” (PÉCAUT, 1990, p.33).

Vieira (2007a) ao escrever sobre os intelectuais e o discurso da modernidade, traz alguns apontamentos que nos permitem compreender o anseio de Faris Michael e dos intelectuais que se sentiam missionários responsáveis pelos rumos da nação.

O desejo de estar em sintonia com a modernidade mobilizou, em um longo período histórico, grupos e tendências intelectuais que – a partir da crença no poder ilimitado da razão, na inexorabilidade do *télós* do progresso e na potencialidade da ciência para interpretar e intervir sobre o mundo natural e social – produziram a atmosfera intelectual da modernidade que, em diferentes ritmos temporais a partir de tradições diversas, perpassou diversas instâncias sociais e culturais (VIEIRA, 2007a, p. 380).

Portanto, o projeto da modernidade, conduzido por esses intelectuais, levava como lema a defesa da unidade nacional, buscando incessantemente a construção da identidade nacional.

A pretensão de Faris Michaelle possivelmente era que os “moços brasileiros” lessem e se inspirassem em sua obra²⁵. Todavia, sabemos das dificuldades de circulação dos livros e do grande número de analfabetos no território brasileiro neste período. Nesse sentido, falar em intelectuais nesses anos “é fundamentalmente falar em polígrafos que escrevem para um público bastante restrito: os próprios produtores de literatura, os professores e os alunos das escolas superiores, os diletantes, e, por fim, o cidadão insatisfeito” (LAHUERTA, 1997, p. 110).

Entretanto, as obras de Faris Michaelle não se restringiram à pequena cidade do interior do Paraná, nem tão pouco aos estudantes universitários que participavam das suas aulas. As obras do intelectual percorreram o país e o mundo por meio de permutas e doações com as inúmeras instituições nacionais e estrangeiras com as quais ele mantinha contato devido ao esforço do intelectual ao enviá-las aos seus pares e as instituições com que estabelecia diálogo, a fim de tornar-se conhecido e promover o intercâmbio cultural como já apontamos no capítulo anterior.

Tal estratégia de divulgação contribuía não só para a disseminação das suas ideias, mas também para o seu conhecimento e reconhecimento no campo intelectual através dos seus bens simbólicos. Ao lançar suas obras a um público leitor selecionado, enviando para intelectuais influentes e instituições de renome, Faris Michaelle fortalecia-se fazendo autopropaganda por meio das opiniões emitidas por eles.

Ilustramos a circulação das obras do intelectual amparados pelas inúmeras correspondências citando o recebimento das suas obras²⁶. Cândido Mariano da Silva Rondon, presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, enviou em 9 de julho de 1943 a seguinte carta

I – Venho acusar o recebimento dos quatro exemplares que tivestes a bondade de enviar a mim e a este conselho, do vosso livro “Titans de

²⁵ Não temos nenhuma informação sobre a tiragem dos livros publicados por Faris Michaelle. Todavia, sabemos que somente a obra *Titãs de Bronze* teve duas edições, a primeira em 1943 e, a segunda, em 1969, aumentada e revisada.

²⁶ Entre os principais correspondentes que comentavam e acusavam o recebimento das obras de Faris Michaelle estão: Valfrido Piloto, Raul Gomes, Osvaldo Piloto, David Carneiro, Mansur Guérios, Gilberto Freyre, Érico Veríssimo, Cândido Rondon, Egon Schaden, Luís da Câmara Cascudo, Tulio Vargas, Álvaro Porto Alegre, Júlio Storni, Noel Nascimento, Juan Antonio Gonzales, Concha Romero James, Artur de Almeida Torres, Fuco Gómez, Roger Bastide.

Broze – (Ritmos da América)”; bem assim agradecer-vos a oferta do que me foi endereçado e dos que destinastes ao mesmo conselho.

II – Aí encontrei ainda motivo particular de novo agradecer, ao deparar com a inspirada poesia: “Sangue Indígena”, que me dedicastes.

III – Felicitando-vos pelo trabalho artístico e pelos temas patrióticos nele versados, envio-vos meus mais amistosos saúdes, como:

Vosso concidadão atº e todo vosso ao serviço da Humanidade:

Cândido Mariano da Silva Rondon, General Presidente do C.N.P.I. (RONDON, 1943 apud MICHAELE, 1969).

Intelectuais estrangeiros também confirmavam o recebimento das obras e, saudosamente, agradeciam a doação. A seguir, o trecho de uma carta escrita pelo polígrafo equatoriano, Gonzalo Humberto da Mata²⁷, publicada na seção de opiniões dos leitores da obra *Titãs de Bronze* (1969), em sua segunda edição.

Belos, muito belos seus poemas, pelos quais se transluz seu espírito fraterno com a humanidade e consigo mesmo. Voo esplendente de originalidade encoberta seus versos de cores e emoções. Vou publicar em alguma parte seus poemas, atrevendo-me a traduzir seu “Ecuador” (MATA apud MICHAELE, 1969, p. 117, tradução nossa).²⁸.

Políticos também emitem seus pareceres sobre as obras de Faris Michaelle, como é o caso do senador Flávio Guimarães em carta enviada no dia 8 de junho de 1951

Há muito tempo a sua pessoa me está ao espírito e com ela o Manual de Conservação da Língua Tupi. Não sei o que mais admirar a inteligência do eminente autor ou a operosidade e a cultura, colocadas a serviço das letras no Brasil.

Nesse sentido, este segundo capítulo analisará um conjunto de obras escritas por Faris Michaelle nos anos de 1940 até 1983²⁹, sendo que alguns desses livros foram publicações póstumas organizadas por sua esposa com o intuito de compreender os conceitos de moderno, cultura e educação em Faris

²⁷ Gonzalo Humberto da Mata (1904-1988), escritor equatoriano, é autor das obras: *Poemas Vulcões Galope* (1932), *Caamazo Chorro* (1935), *Sumag Alpa* (1940). Outros trabalhos incluem a biografia *Ventimille Dolores* (1968), o livro de poemas *Funeral do Meu Sangue* (1954) e *Sal* (1963).

²⁸ Bellos, muy bellos sus poemas, por los que se transluce su espíritu fraterno com la humanidad y consigo mismo. Vuelo esplendente de originalidad encubrada pone en sus versos colores y emociones. Voy publicar em alguna parte sus poemas, atreviéndome a traducir su ‘Ecuador!’ (MATA apud MICHAELE, 1969, p. 117).

²⁹ Nosso recorte temporal é de 1940 a 1970, mas ao analisar as obras seguimos até 1983, pois também analisamos a última obra póstuma do intelectual.

Michaele. Além disso, as obras que compõem o acervo da biblioteca pessoal do intelectual também são alvo da nossa investigação e serão discutidas junto com as obras produzidas por Faris Michaele, pois nos revelam de onde vinha a fonte inspiradora de seu pensamento. Nosso intuito ao percorrer as palavras deixadas pelo intelectual é reconstruir, interpretar e quiçá desvendar o que Faris Michaele projetava para uma Ponta Grossa moderna, e para um Brasil moderno, dialogando mesmo distante dos grandes centros com as discussões do cenário nacional.

2.1 PERCORRENDO AS LINHAS EM BUSCA DA MODERNIDADE

Compreender os escritos de um intelectual vai muito além de ler as palavras e se apropriar dos seus significados. Nesse sentido, nos deparamos com a necessidade intrínseca de enxergar essas obras em seu contexto de produção e, até mesmo, de gestação. Para tanto, iniciamos a análise do conteúdo das obras de Faris Michaele por meio da observação das referências bibliográficas citadas pelo autor nas páginas finais de seus livros. Não tivemos dificuldades para localizá-las, pois desde a primeira obra o intelectual organiza os livros consultados pelo sobrenome e nome do autor, bem como o título da obra, local de publicação, editora e ano (exceto na publicação póstuma: *Os direitos entre os índios* – 1983). Essa atitude do intelectual nos chama a atenção, pois não era uma prática recorrente no período que os autores e obras que serviram como interlocutores fossem mencionados e referenciados seguindo rigores acadêmicos. A retórica ancorada na citação de autores reconhecidos nacional e mundialmente traziam legitimidade ao texto, além de transparecer o exaustivo trabalho de pesquisa do intelectual.

Tal escolha deve-se à relevância de mapear os autores com que Faris Michaele dialogava na escrita de seus textos. Através dessa estratégia é possível visualizarmos de que forma foram concebidos os seus textos.

Vejam, a seguir, o quadro que esboça de forma simples e clara os autores e as obras estrangeiras consultadas por Faris Michaele na produção de seus textos.

Albert Einstein	Evolução da física (1939)
Charles Darwin	Origem das espécies; Viagem de um naturalista ao redor do mundo (1959); A seleção natural e a decadência do homem (1933).
Claude Lévi-Strauss	Métodos estruturalistas nas ciências sociais (1967); Antropologia estrutural (1967); Tristes tópicos (1957); O pensamento selvagem (1970).
Emile Durkheim	Educação e Sociologia
Friderich Nietzsche	Humain, trop humain (1929)
Lucien Lefèbvre	La tierra y la evolución humana (1925)
Roger Bastide	O candomblé da Bahia (1961); Imagens do nordeste místico (1945); Sociologia do Folclore brasileiro (1949); Branços e pretos em São Paulo (1959); Sociologia e psicanálise (1948)
Sigmund Freud	Uma teoria sexual y otros ensayos (1929); La interpretación de los sueños (1929).

QUADRO 2 – RELAÇÃO DE OBRAS ESTRANGEIRAS QUE COMPÕEM A LISTA DE LIVROS CONSULTADOS NAS OBRAS DE FARIS MICHAELE
FONTE: A autora (2013)

O segundo quadro retrata um panorama geral dos autores e obras nacionais consultadas por Faris Michael e na produção dos seus textos.

(continua)

Afrânio Peixoto	História do Brasil (1944)
Alceu de Amoroso Lima	A voz de Minas (1946)
Amoroso Costa	As bases fundamentais para a matemática (1929)
Arthur Ramos	O negro brasileiro (1934); As culturas negras no novo mundo (1937); A aculturação negra no Brasil (1942); O negro na civilização brasileira; O folclore do negro no Brasil (1935); Estudos de folclore (1951); Introdução à antropologia brasileira (1943); Introdução (1947)
Caio Prado Júnior	História econômica do Brasil (1953); Formação do Brasil contemporâneo (1945)
Darcy Ribeiro	As Américas e a civilização (1970); Os índios e a civilização (1970)
Érico Veríssimo	México (1957); Solo de clarineta (1975)
Euclides da Cunha	Os sertões (1950)

(conclusão)

Fernando de Azevedo	Princípios da sociologia (1935); Cultura brasileira (1944); Ensaios (1929); Na batalha do humanismo (1952)
Fernando Henrique Cardoso	Capitalismo e escravidão no Brasil meridional (1962)
Florestan Fernandes	História geral da civilização brasileira (1960); O negro no mundo dos brancos (1972)
Gilberto Freyre	Casa grande e senzala (1933); Sobrados e mucambos (1951); Ordem e progresso (1959); Um brasileiro em terras portuguesas (1953); Aventura e rotina (1953); Problemas brasileiros de antropologia (1943); Perfil de Euclides e outros perfis (1944); Nordeste (1937); Interpretação do Brasil (1947); Sociologia (1945); região e tradição (1968); Brasis, Brasil, Brasília (1968); Novos estudos afro-brasileiros (1937); Novo mundo nos trópicos (1971)
João Ribeiro	A língua nacional (1933) O elemento negro (1939)
Luís da Câmara Cascudo	Antologia do folclore brasileiro (1956); Folclore brasileiro (1967); Made in África (1965); História da alimentação no Brasil (1968)
Luiz V. de Camões	Os lusíadas
Lourenço Filho	Juazeiro do Padre Cícero
Mário de Andrade	Música no Brasil (1941); Compêndio de história da música (1936); Pequena história da música (1944); Música, doce música (1963);
Mário Barreto	Novos estudos da língua portuguesa (1921); Novíssimos estudos da língua portuguesa (1924);
Pedro Calmon	História da casa da torre (1958); História da literatura baiana (1949); História social do Brasil; História do Brasil (1939)
Rocha Pombo	História do Paraná (1929) História do Brasil (1948)
Roquette Pinto	Ensaio de Antropologia brasileira (1933)
Rui Barbosa	A república (1920)
Valfrido Piloto	Rocha Pombo (1953)
Visconde de Taunay	Filologia crítica (1921)

QUADRO 3 - RELAÇÃO DE AUTORES E OBRAS DE AUTORES BRASILEIROS QUE COMPÕEM A LISTA DE LIVROS CONSULTADOS POR FARIS MICHAELE
FONTE: A autora (2013)

O conjunto de obras mencionadas nos quadros data do início do século XX até meados dos anos 70. Evidente que algumas publicações são anteriores a essa data, mas consideramos as datas das publicações adquiridas pelo

intelectual. Nota-se que a quantidade de obras brasileiras é grande, isso se dá pela extensiva circulação de ideias no território brasileiro, principalmente, no início do século XX, desencadeada pelo advento da República que provocou certa efervescência cultural e política, modificando a ambiência cultural brasileira.

O Brasil vivia um período de inquietação latente, as cidades respiravam um ar urbano junto à industrialização crescente. Era a ordem e o progresso, proclamados pelo regime republicano, alavancando a modernização do país. No texto *A imagem da cidade moderna: o cenário e seu avesso*, Aracy Amaral (1994) referindo-se a cidade de São Paulo, destaca que “Tudo parecia contribuir para um clima de fé no presente e no futuro. Uma grande massa migratória mudava, aos poucos, a atmosfera da cidade, a fala de seus habitantes, assim como o seu comportamento” (p.90-91).

As cidades mudavam o seu cenário: construção de avenidas, alargamento das ruas, bondes elétricos e automóveis ocupando os espaços urbanos, estradas de ferro escoando produções e transportando pessoas, teatros, cafés, fotografias e cinemas construíam o *estado de espírito moderno*. Todavia, o “outro lado da moeda” também começou a aparecer na mesma proporção: problemas de habitação, saneamento básico, desemprego e a pobreza denunciavam as contradições do mundo moderno (NUNES, 2003, p. 374). Nas palavras de Milton Lahuerta (1997, p. 110) “ainda que por linhas tortas, caminhávamos para o moderno”.

Frente às contradições, “o intelectual moderno assumiu a missão de desmistificar, interpretar, controlar e, sobretudo, intervir sobre o mundo natural e social” (VIEIRA, 2007a, p. 381). A intelectualidade brasileira passa a construir interpretações buscando formas diversas de ler o Brasil, seja pela raça, pela geografia, enfim por aquilo que era considerado como autenticamente brasileiro, configurando a *brasilidade*. Nesse sentido, o período é próspero na produção editorial, intensificando a circulação de jornais, revistas, boletins e obras, que serviram de veículos disseminadores de visões de mundo e promotores das mazelas da modernidade. Élide Rugai Bastos, ao refletir sobre as produções dos intelectuais brasileiros nas décadas de 1920 e 1930, destaca que

[...] os autores buscam respostas à indagação: Afinal, o que é o Brasil, que país é este? São marcados pela necessidade de discutir o problema da formação, característico da produção intelectual dos países periféricos (BASTOS, 1986; p.75, *grifos do autor*).

Essas obras abordam, em geral, as seguintes temáticas: histórias panorâmicas da nação, valorização das raízes da cultura nacional através do índio e do negro, a língua, o folclore, a etnologia e a antropologia. Tais temáticas também fizeram parte das ocupações e preocupações de Faris Michaelle, assim como de tantos outros intelectuais da época.

Faris Michaelle também participa da empreitada da escrita da história panorâmica, colaborando com 129 páginas no terceiro volume da obra *História do Paraná* (1969). O intelectual escreveu sobre a presença do índio e a formação étnica do povo no Estado paranaense. Nos dois textos, vemos a preocupação latente do autor em trazer informações sobre as tribos que habitavam o território paranaense, a língua e a literatura desses povos, aspectos da cultura material e costumes tanto dos povos indígenas quanto dos imigrantes que vieram habitar as terras da erva-mate. O restante da referida obra trata do folclore paranaense, aspectos da música e da imprensa, da Universidade Federal do Paraná e, por fim, das personalidades filhas do Estado.

Nesse mesmo viés, o intelectual também colaborou com a *Biografia de vila velha* (1975), abordando mitos indígenas e aspectos históricos da região de Ponta Grossa. As duas publicações em parceria com outros autores nos revelam a importância do regionalismo para o intelectual, elemento importante na perspectiva modernista. Para Velloso (1993), as questões regionais aqueciam os debates dos intelectuais modernistas.

A perspectiva de análise é extrair do singular os elementos capazes de informar o conjunto. Portanto, a visão do conjunto cultural é que deve direcionar a pesquisa do regional. [...] O regionalismo aparece como uma mediação necessária para se atingir a nacionalidade, assegurando o ingresso do país na modernidade (VELLOSO, 1993, p. 97-98).

Sobre este aspecto, Antônio Cândido, ao escrever sobre a literatura e a cultura de 1900 a 1945, evidencia a oscilação da produção intelectual do período regida pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, a tensão entre

o local e a herança dos padrões europeus. Ora os intelectuais dedicavam sua escrita às questões regionais, ora confundiam-se enquadrando as particularidades nos moldes europeus.

O intelectual brasileiro, procurando identificar-se a esta civilização, se encontra todavia ante particularidades de meio, raça e história nem sempre correspondentes aos padrões europeus que a educação lhe propõe, e que por vezes se elevam em face deles como elementos divergentes, aberrantes (CANDIDO, 2006, p. 117).

Portanto, os intelectuais passaram a valorizar o que era autenticamente brasileiro, dedicando seus estudos ao país. Para Ruben George Oliven (2001, p. 4) essa tendência já vinha aparecendo desde a segunda metade do século XIX nas obras pertencentes à escola indianista da literatura brasileira, atingindo o seu apogeu nos romances de José de Alencar na valorização das raízes culturais: índio, vida rural, etc. Entretanto, o autor destaca que, assim como já mencionamos, “a forma de tratar a questão é importada: o romantismo europeu”. Retratando o índio com o estereótipo de um bom selvagem, todavia, a realidade denunciava a dissonância entre o mundo real e o mundo das idéias.

Mais tarde, a tradição européia que ditava as regras da produção brasileira e contaminava as tentativas de superação foi fortemente criticada pelo chamado Modernismo brasileiro, “movimento que surgiu em São Paulo com a famosa Semana da Arte Moderna, em 1922, e se ramificou depois pelo País, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo” (CANDIDO; CASTELLO, 1978, p. 7).

A Semana da Arte Moderna é um marco quando falamos da modernidade no Brasil, pois como afirma Ronaldo Brito (1983, p. 14) “A Semana de 22 representou o primeiro esforço organizado para olhar o Brasil moderno. E, por isso, num certo sentido, também para construir o Brasil moderno”. Sem dúvidas, o episódio foi o catalisador da renovação, envolvendo grandes nomes da literatura brasileira como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda e tantos outros. Os intelectuais, na figura dos “cidadãos insatisfeitos”, se esforçavam para desfazer os laços com a Europa e, por isto, buscavam “com

nossa vanguarda – a afirmação da identidade nacional, a *brasilidade*” (BRITO, 1983, p.15, *grifos do autor*).

A libertação dos moldes acadêmicos, promovida pelos modernistas, revela novas temáticas para os escritos, trazendo uma “adesão profunda aos problemas da nossa terra e da nossa história contemporânea” (CANDIDO; CASTELLO, 1978, p.9). Nesse sentido, os intelectuais munidos, dessa “liberdade”, passam a expressar por meio do seu vocabulário e das escolhas das temáticas suas visões de mundo e, principalmente, a realidade brasileira.

Acreditamos que essa vertente influenciou a obra de Faris Michael, pois o intelectual

[...] transpirava o Brasil por todos os poros. Estudava e analisava minuciosamente tudo que dissesse respeito ao Brasil e à sua gente. Um dos estudos que mais absorveram durante toda a sua vida era do índio e do caboclo. O interesse, parece, começou com os estudos de filologia, ainda adolescente, quando descobriu a riqueza e as possibilidades do tupi (BARK, 1977, p. 1).

Assim como o contexto nos mostra o envolvimento dos intelectuais com as temáticas nacionais a fim de afirmar a *brasilidade*, percebemos que Faris Michael se conectou a esse movimento, trazendo para suas obras tais características temáticas. Podemos dizer que o intelectual ganhou reconhecimento e se firmou no campo intelectual e literário, compartilhando e relacionado-se a partir de determinadas regras e estratégias do jogo na sua atuação, bem como na sua extensiva produção de bens simbólicos, conforme o conceito de *campo* de Pierre Bourdieu.

Dito de outra forma, a produção intelectual de Faris Michael não se constitui isoladamente, mas sim nas relações com os movimentos e transformações que afetaram o campo intelectual. O movimento a qual nos referimos é o modernista e as transformações são frutos da modernidade, entendida aqui como o conjunto de ideários relacionados à “ação edificante da razão que, através da ciência, da tecnologia, da instrução e das políticas sociais universaliza um novo modo de pensar e sentir a realidade” (VIEIRA, 2007a, p. 381).

Nesse sentido, Faris Michael assumindo o papel de intelectual, revela através de seus escritos as suas intenções a respeito do seu projeto moderno.

Ao que nos parece, mostrar o Brasil e a cultura brasileira aos brasileiros e aos estrangeiros era uma das aspirações do intelectual, pois suas obras sintonizadas as características modernistas, disseminavam os elementos que compunham a *brasilidade*.

Os ideias nacionalistas são encontrados na extensiva obra de Faris Michael e também nas suas ações. O CCEC, por exemplo, já transparece na escolha do nome da instituição a brasilidade, elegendo Euclides da Cunha como patrono e inspirador do grupo de intelectuais. Para o intelectual, Euclides da Cunha “sempre desdenhou o pedantismo vulgar da mestiçada que, na metrópole brasileira, o rodeava, deixando claro preferir, ao seu, o convívio do sertão” (TAPEJARA, 3 set. 1950). O mestre inspirador de Faris Michael, Euclides da Cunha, elaborou um discurso científico sobre o Brasil, buscando solucionar os graves problemas nacionais, versando sobre o meio e a raça, mais especificadamente, sobre a formação racial brasileira. Nesse sentido, o índio toma centralidade na obra de Euclides da Cunha. O que não é diferente na obra de Faris Michael. Entretanto, o intelectual em questão também traz à cena o negro, distanciando-se das preocupações centrais dos modernistas.

Ao observarmos os artigos escritos por Faris Michael elencamos inúmeros deles que fazem referência ao caráter nacional, exaltando as coisas da Pátria, de modo especial, o indianismo³⁰.

As evidências trazidas neste espaço de discussão são reveladoras no sentido de nos demonstrar a conectividade de Faris Michael com as preocupações nacionais, como por exemplo, o movimento modernista. Ora aproximando-se das discussões, ora distanciando-se. É fato que o intelectual assumiu a tarefa patriótica e científica de contribuir para a construção da identidade nacional, buscando nas raças e nas línguas a essência do povo brasileiro, enaltecendo a cultura brasileira e difundindo-a pelas Américas e pela

³⁰ Euclides da Cunha, *Tapejara e Indo-América, A canção do exílio e sua tradução para o Tupi, Indo-Americanismo em marcha, O Pan-Americanismo e o Brasil, O índio e a literatura brasileira, O sangue indígena na constituição do povo brasileiro, À língua tupi, Classificação das raças indígenas, O indianismo. Uma página de Ameríndios e Africanos, Formação das raças e o problema da evolução. Um problema da antropologia biológica, Devemos estudar a língua dos selvagens do Brasil?, Tapejara, a voz do interior e A etnia cabocla existe e é bem brasileira* são alguns dos títulos dos artigos que trazem reflexões acerca da construção da identidade nacional.

Europa. As próximas páginas são dedicadas à *brasilidade* que tomou conta da obra do intelectual.

2.2 A *BRASILIDADE* NA OBRA DE FARIS MICHAELE: APROXIMAÇÕES E TENSÕES NO CAMPO INTELECTUAL

A dedicação ao magistério, lecionando cursos da língua Tupi, a obra *Manual de conservação da língua Tupi* (1951) e *Tupi e Grego* (1973), são algumas das evidências, do ponto de vista temático, do movimento modernista, pois imbuídos do desejo de exaltar as coisas do país, os intelectuais também procuravam se aproximar do “modo de falar dos brasileiros”, aproximando-se das línguas indígenas. Um fato curioso na obra de Faris Michaelé é a tradução feita pelo intelectual do *Hino Nacional e da Canção de Exílio* de Gonçalves Dias para o Tupi na seção de trovas indígenas da obra *Titãs de Bronze* (1969 – 2.ed.).

Nas reflexões sobre o movimento modernista, Antônio Candido e J. Aderaldo Castello (1978) mencionam que estas características se devem à inspiração dos modernistas na etnografia e no folclore. “No índio e no mestiço, viram a força criadora do primitivo; no primitivo, a capacidade de inspirar a transformação da nossa sensibilidade, desvirtuada em literatura pela obsessão da moda européia” (CANDIDO; CASTELLO, 1978, p. 11). Ou seja, os escritores potencializaram o elemento nativo promovendo-o a símbolo nacional.

O índio ganhou um espaço significativo na produção intelectual de Faris Michaelé, assim como a etnografia e o folclore, tanto que grande parte das suas obras, exceto a primeira, aborda de alguma forma a temática do índio, seja diretamente sobre ele ou apropriando-se das línguas indígenas.

O índio da obra do intelectual difere do índio descrito e caracterizado por José de Alencar, o bom selvagem. Faris Michaelé rebelava-se contra essa imagem criada sobre os povos indígenas.

Em boa verdade, o número de sociólogos e antropólogos conscientes, substanciais e em dia com a ciência, é relativamente grande, embora no Brasil, em parte, se nos apresentem os “apegados” a certos *clichês*, estereótipos ou marca despicienda dos tempos da

colônia e do nefasto imperialismo racista do século XX (MICHAELE, 1982, p. 3, *grifos do autor*).

Para Faris Michaelle, ainda que estivesse na moda falar sobre os índio, muitos ainda olhavam para esses povos como “‘pobre diabo’, *sem fé, nem lei e nem rei*, à moda quinhentista, incapaz de *criar e desenvolver* qualquer espécie de complexo” (MICHAELE, 1982, p.1, *grifos do autor*). A abordagem feita pelo intelectual era outra e os referenciais bibliográficos apresentados no segundo quadro nos dão pistas dos autores com os quais ele dialogava nas suas produções.

Entre tantos autores citados, iniciamos a análise pelo que mais se destaca devido à quantidade significativa de suas obras nas referências bibliográficas das obras de Faris Michaelle: Gilberto Freyre. As obras de Gilberto Freyre também compõem o acervo da biblioteca pessoal de Faris Michaelle representadas por 33 títulos.

Inseridas no horizonte do movimento modernista, as obras de Gilberto Freyre representaram um marco no pensamento social brasileiro, pois significaram a renovação interpretativa da cultura brasileira. Pois como afirma Ruben George Oliven (2001, p. 5)

Foi na década de 30, com Gilberto Freyre, que se criou uma nova visão racial do Brasil, em que o país passa a ser visto como uma civilização tropical de características únicas, como a mestiçagem e a construção de uma democracia racial. Na visão de Freyre, a mistura racial não era um problema, mas sim uma vantagem que o Brasil teria em relação a outras nações.

Essa nova visão racial proposta por Freyre concretiza-se por meio da substituição, ou pelo menos tentativa, do conceito de raça pelo conceito de cultura, e da introdução da ideia avançada de meio geográfico, voltando-se para uma perspectiva ecológica (VELOSO, 2000). Tal concepção avança em relação aos estudos de Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues. Oliveira Vianna e Arhur Ramos que

preocupados em explicar a sociedade brasileira através da interação da raça e do meio geográfico, eram profundamente pessimistas e preconceituosos quanto ao brasileiro, que é caracterizado como apático e indolente, e à nossa vida intelectual, destituída de filosofia e ciência e eivada de um lirismo subjetivista e mórbido. A única solução

visualizada era o embranquecimento da população por meio da vinda de imigrantes europeus (OLIVEN, 2001, p. 5).

Na obra com publicação póstuma *Os direitos entre os índios* (1983), Faris Michaelle critica a escrita da história do Brasil a partir dos interesses dos brancos invasores, típica do imperialismo cultural português:

Parece, até, que os cronistas, historiadores e polígrafos de nossa formação, num titânico esforço etnocentrista, aberrando de todas as normas de razoável humanidade e princípios elementares de justiça, se uniram dramaticamente, para diminuir, aviltar e mesmo negar os efetivos méritos do indígena brasileiro. No meio deles, apenas uns poucos, na medida do possível, procuraram dizer a verdade. A imensa maioria prosseguiu nos achincalhes, infâmias e distorções, características do *Imperialismo Cultural Lusitano*, sempre movido por outros imperativos (MICHAELE, 1983, p. 7, *grifos do autor*).

Nas palavras de Faris Michaelle “*não há brasileiro que não se sinta orgulhoso do sangue indígena*” (MICHAELE, 1969, p. 13, *grifos do autor*). Para o intelectual, o índio foi a base da população brasileira e, contrário as afirmações simplistas e reducionistas, Faris Michaelle menciona alguns intelectuais de “sangue indígena” que contribuem significativamente no terreno intelectual e político do país.

Também, no terreno intelectual e político, vem essa sub-raça nos brindando com vultos do porte de Coelho Netto, Capistrano de Abreu, Diogo Feijó, Floriano Peixoto, Euclides da Cunha, José Verríssimo (sic), Humberto Campos, Silvio Hómero (sic) e inúmeros outros do norte e sul da nação (MICHAELE, 1969, p. 12).

Ao aclamar os povos indígenas, Faris Michaelle abre sua coletânea de poesias na obra *Titãs de Bronze* como uma homenagem ao índio, dedicada à memória de Ronald de Carvalho e Manoel Bonfim

Índio pradeiro, de tomahawk,
que uivas como um furacão;
Índio soturno da praia agitada,
gigante da pedra e do mago da ciência;
Índio fibroso as serra andina,
que os astros dominas da aurora do mundo;
Índio invencível da falda e do bosque,
amigo da vida e amante do brio;
Índio, meu índio,
por seres assim,
por seres quem és,
não vejo a América sem ti.

1943 (MICHAELE, 1969, p. 21).

No *Tapejara* também encontramos alguns artigos escritos pelo intelectual que ocupam-se do indígena como objeto de estudo. Na edição de junho de 1956, Faris Michaelle faz uma reflexão sobre o índio e a literatura brasileira, alertando

Quem quer que se disponha a tratar do índio em face da literatura brasileira, deverá, forçosamente, estar ao corrente dos novos requisitos, exigidos pela apreciação literária, os quais, sem dúvida, se inspiram nos mais modernos e racionais critérios científico, isto é, terá que usar de métodos objetivo e relativista, culturalmente falando (TAPEJARA, jun. 1956).

Os trechos da obra de Faris Michaelle trazidos para a análise nos mostram que ao eleger o índio como uma “porta de entrada” para falar da cultura brasileira, Faris Michaelle, assim como os modernistas fizeram, buscava compreender a tradição em sua contemporaneidade, voltando, por exemplo, às tribos indígenas e às suas línguas para traçar o entendimento do tempo presente. Para Antonio Candido (2006, p. 126), resultado do movimento modernista que rompeu com o estado das coisas, “o primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. Isso, na literatura, na pintura, na música, nas ciências do homem”.

Segundo Mariza Veloso (2000, p. 368, *grifos do autor*)

É por essa mesma razão que os chamados “explicadores do Brasil”, Gilberto Freyre, com *Casa-Grande e Senzala*, Sérgio Buarque de Holanda, com *Raízes do Brasil*, e Caio Prado Júnior, com *Formação do Brasil Contemporâneo*, voltam-se ao período colonial e buscam reconstituir e analisar o processo histórico através do qual se constituiu a sociedade brasileira. Todos buscavam uma interpretação contemporânea da sociedade, utilizando o que se convencionou chamar de argumento colonial: os modernistas voltaram-se ao estudo do passado, sem serem passadistas, traço que singulariza o movimento modernista brasileiro.

Essas obras citadas acima que, também, fazem parte do conjunto de obras consultadas por Faris Michaelle, de três autores da mesma geração que buscaram formular interpretações do mesmo problema: a cultura brasileira. Em diferentes ângulos e direcionamentos, uns pelas vias da história, outros pelas

vias da sociologia, nos proporcionando visões utópicas, nostálgicas e panorâmicas da nossa cultura. Fernando Novais (2000) escreve no texto introdutório da obra *Formação do Brasil contemporâneo* de Caio Prado Júnior:

No conjunto, esses autores, ainda que em direções diferentes e até contrastantes, legam-nos sugestões, análises e contribuições tão fecundas, que suas obras se inscrevem indelevelmente no panorama da cultura brasileira. Contribuíram para que entendêssemos o Brasil, isto é, entendêssemos a nós mesmos, deixando de ser, como disse um deles, “estrangeiros em nossa própria terra” (NOVAIS, 2000, p. 1118, *grifos do autor*).

O ardor de conhecer o país inaugurado por essas obras ensaísticas, também influência diretamente a obra de Faris Michaelle ao tratar da “raça-martir”: o negro. Na obra *Arabismos entre os africanos na Bahia* (1968), Faris Michaelle explica logo na apresentação do livro

Antropólogo por gosto e vocação, sabe dentro de maior bom-senso e da mais inconfundível objetividade, contribuir, exemplarmente, para a reabilitação do negro, sem que se torne, como é curial entre nós, necessário hostilizar em outras estirpes que entraram na formação do povo brasileiro, principalmente a ameríndia (p.11).

Inspirado nos ensinamentos de Gilberto Freyre, o intelectual busca nos seus estudos a “alma brasileira”. Sem o intuito de exaltação do negro, Faris Michaelle afirmou

[...] o afro-negro é um ser como outro qualquer: nem abjeto verme, nem deus todo poderoso... Por isso, devemos encará-lo naturalmente, sem etnocentrismos e sem prevenções, mas, também, sem exaltações paradoxais ou usurpações maldosas, no atinente a outras estirpes paradoxais, como se costuma fazer, entre nós, o Brasil, onde o sangue caboclo parece ter desaparecido do mapa (MICHAELE, 1968, p. 18-19, *grifos do autor*).

Tal concepção deriva das tendências modernas da antropologia, principalmente do legado de Franz Boas, que substituiu a noção biológica de raça para a noção de cultura. Nesse ponto, encontramos algumas tensões entre Freyre e Michaelle. No texto intitulado *Tendências modernas da antropologia*, publicado na obra *Breve introdução à Antropologia Física*, Faris Michaelle discorre sobre as contribuições dos estudos biológicos para os destinos da Antropologia. Com esse propósito, o intelectual critica as

apropriações exageradas de Roquette Pinto e Gilberto Freyre. Vejamos: “Nem o mendelismo puro pode ser aplicado ao homem, como tende o Sr. Roquette Pinto, e nem a variabilidade humana é tão grande, como quer o Sr. Franz Boas, representado, no Brasil, pelo Sr. Gilberto Freyre” (MICHAELE, 1968, p. 23).

A obra de Faris Michaele parte do equilíbrio entre essas duas correntes: nem tão biológica, nem tão cultural, pois como o próprio intelectual defende, “essa mistura ou fusão de corpo e espírito que torna possível a compreensão da verdadeira natureza do fenômeno do homem, do conjunto das suas realizações, criações e ilimitada capacidade de modificar a face das coisas” (MICHAELE, Faris, 1968, p. 25).

Dessa forma, de acordo com Jonathan de Oliveira Molar (2011, p. 11-12) “Faris acusava Freyre de realizar uma leitura do Brasil a partir da tradição histórica da monocultura do engenho nordestino, desse modo, destaca sobremaneira a influência do negro na cultura nacional”.

Todavia, as desavenças teóricas de Faris Michaele e Gilberto Freyre sinalizadas por Molar (2011) não excluíram os postulados Gilberto Freyre da obra Faris Michaele. Tanto que os intelectuais eram correspondentes e em grande parte sua produção intelectual, Faris Michaele dialoga e compartilha dos ideias do antropólogo e historiador nordestino. Vale lembrar que os estudos sobre o negro não foram influenciados somente pela vertente de Freyre, mas, também, pelos estudos de Arthur Ramos, Florestan Fernandes, Roquette Pinto, Roger Bastide, Nina Rodrigues, entre outros.

Nas páginas do *Tapejara* de setembro de 1952, encontramos a transcrição de uma palestra proferida por Faris Michaele no encerramento da Semana Euclidiana em comemoração ao cinquentenário de *Os sertões*, que foi transmitida pela *Rádio Clube Pontagrossense*. A fala do intelectual intitulada *Euclides da Cunha, Arthur Ramos e Gilberto Freyre* tece críticas a esses autores por depredarem a obra de Euclides da Cunha, o seu inspirador. Faris Michaele justifica a opção feita em fazer alguns comentários e contestar as críticas que foram dirigidas a obra cinquentenária, elegendo os dois autores para a discussão, pois

São duas figuras tidas como autênticos tabus, de que não há de discordar, já que, dizem seus áulicos, ninguém, antes deles, e talvez ninguém, depois deles, terá tido a originalidade e o desplante de pensar por conta própria, de enxergar além do vicioso círculo das anotações apressadas e dos ditirambos da velha e caduca erudição, enfim, da realmente negativa ciência do homem dentro dos moldes clássicos, quase sempre de resultados desfavoráveis ao nosso Brasil (TAPEJARA, set. 1952).

Faris Michaelle inicia suas críticas por Arthur Ramos.

Inimigo declarado, por vocação e persuasão, do caboclo e de seu antepassado indígena; espírito dos mais versáteis e menos intransigentes de sua época agitada; enfim a cultura das mais vastas em extensão e ilusórias em profundezas; o emérito psicanalista parecia ser a própria encarnação da incoerência. Como sói acontecer aos que muito procuram impressionar, bastas vezes, atribuía aos outros as suas próprias imperfeições. Que era incongruente, intolerante, parcial e, por vezes, superficial, um simples deletrear de seus livros fora suficiente para não-lo confirmar. Era psicanalista convicto, isto é, esposava um ponto de vista tipicamente do século XIX, mecanicista, sumamente simplista e absorvente, pois tudo procura explicar através de uma só das facetas da sociedade e, paradoxalmente, dizia adotar o método histórico-cultural, de tendências relativistas, um tanto místico, e quase sempre de resultados sujeitos a comprovação científica. [...] Era, portanto, um obsedado e um iconoclasta (TAPEJARA, set. 1952).

A crítica ferrenha a Arthur Ramos deve-se “às injúrias assacadas à memória de Euclides da Cunha” (idem) publicadas no segundo volume de *Introdução à Antropologia Brasileira*. Na obra *Arabismos entre os africanos na Bahia* (1968), Faris Michaelle também critica Arthur Ramos.

Arthur Ramos, muitas vezes, apontou a massa popular da África dita negra como sendo realmente pura. Aliás, muita coisa, nos livros de Mestre Ramos, não é mais que reprodução de Nina Rodrigues e Manuel Querino, principalmente o aspecto religioso, como está contido em “*A Raça Africana*”, do último dos autores mencionados: é a *salah*, o *assumy*, o *açubá*, o *alassári*, o *almagariba*, etc (MICHAELLE, 1968, p.60, *grifos do autor*).

No mesmo viés, Faris Michaelle atacou Gilberto Freyre por apontar defeitos e fragilidade na obra de Euclides da Cunha.

Assim, resumindo, temos os seguintes defeitos, incorreções ou imperfeições de Euclides da Cunha e sua obra-prima: nada tinha de helênico; demonstrava a mania de engrandecer e glorificar, em repentes esculturais, ou seja, a tendência ao monumentalismo; não gostava das formas arredondadas, que lembram as curvas femininas; redigia com dificuldades, e “Os Sertões” constitui livro de

colaboração; foi um generalizador apressado, incapaz de uma grande caracterização; em suma, uma cultura falha, em todos os terrenos, a quem devemos fazer restrições em nossa perigosa mania dos aplausos incondicionais (TAPEJARA, set. 1952).

Faris Michaelle já tinha publicado comentários sobre Gilberto Freyre no *Tapejara* anteriormente, em fevereiro de 1952. Na seção de notas e notícias culturais, *A última de Gilberto Freyre*, o intelectual escreve “Mestre Gilberto Freyre, que sempre foi considerado razoavelmente exemplar em seus trabalhos, está descambando para o ridículo com as suas predileções raciais esquisitas” (TAPEJARA, fev. 1952).

No mesmo texto que Faris Michaelle acirrou rivalidades com alguns autores, o mesmo também elogiou Roger Bastide. Para o intelectual, o “brilhante sociólogo francês” afirmou que “lendo Euclides, ele se acha mais em casa do que quando lê Machado de Assis” (TAPEJARA, set. 1952).

Certamente, a partir das críticas mencionadas acima, percebemos que a leitura que Faris Michaelle fez da obra de Euclides da Cunha foi outra, pois cada um leu em época distinta e com objetivos de estudos diferentes. Para o intelectual em questão, o livro de Euclides da Cunha era um dos expoentes da literatura universal, um clássico, a “Bíblia da Nacionalidade” (TAPEJARA, set. 1952).

Faris Michaelle também escreve sobre o papel de Nina Rodrigues na sistematização das pesquisas e estudos dos negros. Para ele, “Raimundo Nina Rodrigues foi, indubitavelmente, o iniciador dos estudos africanistas, cientificamente falando” (MICHAELE, Faris, 1968, p. 82). O diferencial de Nina Rodrigues, segundo Faris Michaelle, era a preocupação científica em compreender os costumes, os credos e o linguajar dos negros

[...] Nina Rodrigues era honesto, diferente, portanto, dos modernos compiladores e apaixonados para-cientistas, dos “dois pesos e duas medidas”. Tendo convivido com africanos natos, que ainda conservavam bem nítida a imagem da pátria distante, com seus costumes, credos e linguajar, soube ele colher material suficiente para elaboração de vários livros (MICHAELE, 1968, p. 83, grifos do autor).

É compreensível a admiração de Faris Michaelle por trazer o negro a cena, entretanto é preciso relativizar certos elogios. Renato Ortiz (1986) na obra *Cultura brasileira e identidade nacional* denuncia a ideologia da

supremacia racial do mundo branco que permeou as interpretações sociais tecidas a partir do meio e da raça. Para Ortiz (1986) a análise dos estudos revela que

1) as raças superiores se diferenciam das inferiores; 2) no contato inter-racial e na concorrência social vence a raça superior; 3) a história se caracteriza por um aperfeiçoamento lento e gradual da atividade psíquica, moral e intelectual (ORTIZ, 1986, p.20)

Nesta perspectiva a raça ou a mistura da raça era um problema para o país. Portanto, visto a superioridade na raça branca, o negro e o índio eram empecilhos ao processo civilizatório. Sobre este aspecto Ortiz (1986, p.20) acrescenta “é interessante notar que os estudos de Nina Rodrigues sobre as culturas negras decorrem imediatamente das suas premissas racistas”.

Ao que nos parece, Faris Michaelle tinha conhecimento dessa repercussão não tão virtuosa dos estudos de Nina Rodrigues, pois logo após o ensejo declara

Pouco importa que se diga que ele era racista ou cheio de preconceitos, como demonstrou em “**As Raças Humanas e a Responsabilidade Criminal no Brasil**”. De um modo geral, essa era a atitude dos pesquisadores, naqueles tempos de colonialismo e proveitos econômicos da raça branca (MICHAELLE, 1968, p. 82, grifos do autor).

Parece que Faris Michaelle assim também fez, pois notamos que nos seus estudos sobre os índios e negros, o intelectual mergulha na cultura do grupo, buscando incessantemente compreender os costumes, crenças e, principalmente, o linguajar, como um bom filólogo. Na própria obra *Arabismos entre os africanos na Bahia*, na qual o intelectual tece considerações sobre os negros, a sua principal preocupação é em permear-se pelos vários setores da cultura com o intuito de atingir um deles: o linguístico. Da mesma forma, o autor se posiciona nos estudos sobre os índios, visto que escolhe adentrar a esses estudos por meio das línguas indígenas.

Os contrapontos aqui discutidos nos revelam as tensões do campo intelectual e literário, já que este espaço, como já vimos, é caracterizado por força e luta. As discordâncias teóricas demonstradas sutilmente por Faris Michaelle não impediam o diálogo dele com esses intelectuais, mas imprimiram

características próprias ao pensamento do intelectual que ora compartilhava ideias e ora delas se distanciava.

Os estudos referentes às línguas também fizeram parte da obra de Faris Michaelle, elemento simbólico e material que serve de pilar para a formação da nação. Assim como as outras temáticas aqui discutidas, essa também fez parte da construção da identidade nacional.

Para Thereza Maria Zavarese Soares (2009, p. 706)

[...] as línguas nacionais são línguas vernáculas que servem ao Estado e ao mercado da comunicação de massa, cujo uso constrói os sentidos da cultura nacional, como os valores que estabelecem e definem a consciência e a identidade nacionais – o que fica evidente na manifestação extrema do sentimento nacional: o patriotismo.

Faris Michaelle dedicou-se às línguas indígenas, intensivamente ao tupi, alegando a significativa proporção de tribos que falam tal língua. Além do mais, várias expressões tupis ganharam uma feição moderna utilizada para “traduzir os inventos e requintes culturais do chamado branco ou civilizado” (MICHAELLE, 1973, p. 8, grifos do autor).

O intelectual buscou no “primitivo” e/ou nos “primórdios”, assim como os modernistas fizeram, as explicações para o presente. No que diz respeito à língua, Faris Michaelle adentrou aos estudos lingüísticos em meio a riqueza dos elementos morfológicos, como, por exemplo, os sufixos, infixos, desinências, prefixos e etc, a fim de perceber os traços que formaram nosso “jeito de ser brasileiros”, as nossas raízes, a brasilidade.

José Luiz Fiorin (2009) no artigo intitulado *A construção da identidade nacional brasileira*, discute algumas obras que serviram de base para a construção da identidade nacional brasileira. Neste artigo, Fiorin destaca o romance de José de Alencar, *O guarani*, o qual provavelmente fez parte das leituras de Faris Michaelle, pois consta no acervo da sua biblioteca pessoal, como uma representação da questão da nacionalidade

O romance *O guarani*, de José de Alencar, concebe um mito de origem da nação brasileira. [...] O Brasil seria, assim, a síntese do velho e do novo mundo, construída depois da destruição do edifício colonial e dos elementos perversos da natureza. Os elementos lusitanos permanecem, mas modificados pelos valores da natureza americana. [...] *O guarani* mostra, além da fundação da nacionalidade, outra fundação, a da língua falada no Brasil. [...] Não

se trata do português tal como é falado em Portugal, mas de um português modificado pela natureza brasileira. A língua falada no novo país é um reflexo, na sintaxe e no léxico, das suavidades e asperezas da natureza da América. É uma fusão também da cultura com a natureza (FIORIN, José Luiz; 2009, p. 120, *grifos do autor*).

Faris Michaelle, assim como fez José de Alencar, também se aproximou da língua falada no Brasil. Alencar não falou do Tupi, mas falava do português modificado no Brasil, questionando os padrões de dependência da metrópole, ainda que de forma ensaística e tímida. Tal concepção que inspira os intelectuais brasileiros a dedicarem seus estudos às línguas indígenas, que eram plurais, mostra as singularidades do nosso país, demonstrando a paisagem típica do Brasil. Como afirma José Luiz Fiorin (2009, p. 121) “A independência linguística dos padrões portugueses era tão importante quanto a independência política”.

Para Faris Michaelle, o tupi era a “esquecida fala brasileira”, a fala dos nativos. Na obra *Titãs de Bronze* (1969, p. 53), o intelectual publica uma poesia sobre *O idioma Tupi*.

Sagrada poranduba de esplendores,
Nas vozes tuas, ouço a da floresta,
És o atavio das cunhãs em festa,
De um povo altivo, canta louvores.

O soturno ar que portas e os primores,
Que o ritmo de teus claros sons atesta,
Recordam o guerreiro, a ação funesta
Da luta, e da Natura os mil pavores.

O nome eu te venero, eterna chama,
Que da desdita foste a grande herdeira,
Teu puro brilho a Pátria, imensa aclama.

Magna obra de Tupã, com a bandeira, (12)
Pelo espaço alastrando a lusa fama,
Fizeste a glória de uma raça inteira!

No *Tapejara* de setembro de 1959, Faris Michaelle publica o seguinte texto: *Devemos estudar a língua dos selvagens do Brasil?* No texto, o intelectual elenca nove razões pelas quais o Tupi deve ser ensinado, criticando os “mestres do asfalto” referindo-se aos sociólogos de gabinete do Rio de Janeiro. Aqui percebemos a luta dos intelectuais regionais preocupados em mostrar que o Brasil, país de um território continental, tinha uma diversidade

incomparável que não poderia ser esquecida ou pormenorizada pela hegemonia dos grandes centros. Entre as várias razões destacam-se: filológica, geográfica, histórica, sociológica, folclorista, científica, literário, diplomático e patriótico. Dessa forma, o intelectual buscou fazer um “esclarecimento suficiente e argumentação razoável para fulminar qualquer possível crítica ou gesto mais ou menos sarcástico, da parte de qualquer pseudo-sociólogo ou etnólogo” (TAPEJARA, set. 1959).

O autor ainda denuncia que o tupi era mais utilizado pelos bandeirantes do que o português. “O português era somente o idioma oficial” (MICHAELE, 1973, p. 30). Essa fala nos revela o esforço de Faris Michael e em se aproximar da realidade brasileira, pois como é consenso entre nós, a história oficial de cunho positivista da época mascarava tais aspectos.

Nesse sentido, a obra de Faris Michael e debruçou-se sobre a língua entendendo esta num horizonte maior que uma mera forma de expressão, mas, sim, como a representação dos seus valores sociais, morais, políticos e culturais. Dito de outra forma: a expressão de uma nacionalidade.

As temáticas tratadas aqui: índio, negro e língua; chamam nossa atenção para as questões da formação da cultura brasileira, elementos que se tornaram chaves da modernidade e do processo de modernização do Brasil. Buscando elementos que nos identificassem como uma nação independente e com particularidades que nos aproximassem ou diferenciasssem das demais nações atestaríamos que éramos modernos.

Pelos elementos apresentados em nossas análises ousamos afirmar que Faris Michael e estava em sintonia com o movimento modernista iniciado no Brasil com a Semana da Arte Moderna.

Admitindo que o estilo é algo amplo, resultado de relações extremamente complexas, entre o ser humano e seu meio, e que as características intelectuais de qualquer pessoa dependem da combinação das circunstâncias sociais com aptidões, tem-se que mais que a expressão genialidade, o estilo discursivo ou literário é parte da vida e vincula-se ao ajuste entre as formas de captação do passado, as críticas que se procede em relação ao meio e a adequação disto às propostas gerais – políticas, sociais e econômicas – estabelecidas no tempo (MEIHY, 1994, p. 40-41).

Faris Michael e viveu e escreveu a modernidade no seu tempo, estreitando as relações com os seus pares e revelando, através dos seus

escritos, seus pensamentos e críticas sobre as temáticas que estavam em voga no momento.

Diante do exposto, percebemos que os empreendimentos de Faris Michaelle que engendraram o projeto moderno do intelectual não estavam desconexos das discussões nacionais, embora fossem carregados do regionalismo. Assim como seus escritos revelam a proximidade com o movimento modernista, também deixam transparecer a luta do personagem em prol da construção da identidade nacional, alicerçada nas raízes das culturas indígenas e negras. Ser moderno para o intelectual em questão é pensar o presente repensando o passado, buscando nele as continuidades e inovações.

2.3 CULTURA E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE FARIS MICHAELLE

Ao contrário do que pensamos e apesar de toda a trajetória de Faris Michaelle estar marcada pelo magistério e pela vinculação às instituições culturais e educativas, não temos registros de publicações que tratam especificadamente sobre a temática da educação. Faris Michaelle não gestou nenhum saber pedagógico sistematizado, quiçá uma teoria pedagógica.

Portanto, a ideia de educação com a qual iremos trabalhar não é restrita a educação formal, enquanto aprendizagem escolar circunscrita a um âmbito pedagógico, porém envolve direta e indiretamente os processos e recursos didáticos, buscando a formação e a perpetuação de opiniões e visões de mundo frente às mudanças econômicas, políticas e culturais que atingiram a sociedade brasileira. Ou seja, uma noção ampliada de educação, a qual já apontamos anteriormente nesse texto, que admite a participação efetiva de outras agências diversificadas e informais (jornais, revistas, televisão, etc.) que também ensinam (PALLARES-BURKE, 1998).

Dentro desses princípios, buscamos nessas linhas refletir sobre o entendimento do intelectual acerca da cultura e da educação, cultivadas na atmosfera modernizante de acirrado debate em torno da formação cultural do povo brasileiro e da construção da identidade nacional.

No conjunto de obras escritas por Faris Michaelle, encontramos apenas um capítulo do livro *Breve introdução à Antropologia Física* (1961) em que o autor define o que compreende pelo conceito de cultura:

É o estudo das obtenções e aquisições que o homem realiza na sociedade, quer materiais, quer espirituais, e que transmissíveis ininterruptamente, de geração a geração. Tudo o que somos e o que, coletivamente, fazemos, tenderá a passar a outras gerações, feito o respectivo processo de peneiramento, para a sobrevivência do que conforme fôr aos padrões tradicionais. [...] Finalmente, os estudos raciais e culturais, quando conjunta e devidamente empreendidos, podem ajudar aos povos na sua política de harmonia, paz e progresso, pois estabelecerão normas razoáveis para a convivência internacional, auxiliando, do mesmo passo, na obra de dignificação e melhor compreensão do homem e suas realizações (MICHAELLE, 1961, p. 58-60).

A citação acima nos revela a acepção antropológica do termo utilizado pelo autor. Tal concepção transparece a preocupação dos antropólogos, desde o século XIX, em estudar a diversidade cultural, a qual ocupava grande parte dos estudos de Faris Michaelle. A eles interessava questionar a natureza dos comportamentos culturais, se a raça e o meio influenciavam na cultura, sobre a evolução das culturas, entre outras questões. Para ilustrar essa assertiva, recorreremos ao prefácio da obra *Titãs de Bronze* (1943)

A palavra **cultura** é, agora, tomada noutro sentido. Armas, instrumentos, habitações, tudo é decifrado e em tudo ela aparece. São os investigadores da escola histórico-cultural (Schmidt, Frobenius, Graebner, Boas, etc.) quem não-lo afirmam. E esta relatividade cultural não está claramente contida na história dos povos? Os bárbaros de ontem não são os “civilizados” de hoje? O mal nosso tem consistido justamente em olharmos as culturas alheias, partindo do nosso próprio estágio, que, em última análise, não é senão um verdadeiro acúmulo de aquisições e obtenções das culturas mais diversas (MICHAELLE, 1943, p.14, grifos do autor).

Por meio dessa definição de cultura de Faris Michaelle, bem como o aporte teórico utilizado pelo autor na obra em que discute o conceito, acreditamos que ele compartilhava das premissas estabelecidas no campo da Antropologia na época. As intenções dos estudos e das ações empreendidas por ele buscavam desvendar a cultura brasileira através do estudo das línguas e das raças, assumindo a diversidade cultural do país, a fim de contribuir para a construção da identidade nacional.

Em poucas palavras os objetivos das ações culturais e educativas empreendidas por Faris Michaelle eram “ajudar aos povos na sua política de harmonia, paz e progresso”. O sentido de ajuda está intimamente ligado ao papel de guia na construção do processo de modernização da sociedade brasileira, característica da intelectualidade da época, os quais se julgavam os mais capacitados para conhecer o Brasil e indicar os rumos para a nação.

Nas palavras de Nicolau Sevcenko (1980, p. 68) o intelectual

Inspirado por um sentimento, consciente ou não, de superioridade intelectual, ele não poderia deixar de se traduzir em um anseio paternalista de fundo autoritário, um desejo de exercer tutela. Tratava-se de roubar o rebanho aos maus pastores para conduzi-los triunfalmente, sob sua custódia, a Canaã prometida.

Dada a missão, os intelectuais influenciados pelo ideal da *brasilidade* e pela modernidade, percebiam na cultura e na educação áreas estratégicas para educar as camadas populares e garantir o progresso e a ordem da nação.

Fica claro na definição de Faris Michaelle, a importância dada à política de harmonia, paz e progresso não só nacional, mas também internacional. Sobre esse aspecto, encontramos na obra *Titãs de Bronze* (1943), livro de poemas em homenagem à união dos países do continente americano, o esforço do personagem, imbuído do espírito pan-americanista, em selar a amizade entre os países do mesmo continente, mesmo em épocas turbulentas, porque

É que, nesta hora grave para a Cultura Ocidental (o que vale dizer Humana), não há de titubear em matéria de aproximação e amizade internacionais, mormente, em se tratando de países do mesmo Hemisfério. Daí a necessidade de se proceder uma mobilização geral de meios e esforços que as facilitem. Todos, assim, passam a contribuir com uma parcela de boa vontade (MICHAELLE, 1943, p. 9).

A hora grave que o autor comenta está relacionada à superioridade e ao exclusivismo racial que acirravam o racismo, colocando a raça branca em relação de superioridade as outras.

Nas páginas do *Tapejara* encontramos dois textos escritos pelo intelectual que discorrem sobre a cultura. O primeiro intitulado *Cultura e males sociais* foi publicado na edição de janeiro de 1952. Nele o autor faz uma crítica

aos governos, aos eruditos e aos representantes máximos de diferentes credos que inspirados no marxismo buscam soluções gerais

Partindo aprioristicamente da suposição de que a história não passa de mera questão de lutas de classes, e de que tudo gira em torno do fator econômico, os seus sequazes tudo querem subordinar a essa faceta da sociedade, única e exclusivamente a ela (TAPEJARA, jan. 1952).

No mesmo texto, o autor ainda conclui tecendo mais críticas

Cultura, portanto, é palavra sinônima de democracia, regime de expressão do pensamento, de crítica sadia e construtiva, pois ninguém pode vangloriar-se de estar inteiramente com a verdade, e todo e qualquer regime que tal proíba, deve ser combatido por todo o ardor, por aqueles que realmente não tem vocação para escravos. Ademais, para a solução dos males hodiernos não é imprescindível que todos tenham que pensar pela cabeça do chefe de fancaria, às vezes, eles próprios falhos de lastro cultural suficiente. Mas, o melhor meio de opormos um forte dique a essas ideologias, consiste, sem dúvida alguma, na reparação das INJUSTIÇAS SOCIAIS, como manda o sagrado código da solidariedade humana, fruto da experiência da espécie e de um ensinamento sublime que transcende a mesma. Enquanto tal se não fizer, estaremos vivendo em frequentes sobressaltos e em perigo estará a nossa paradoxal cultura do Ocidente (TAPEJARA, jan. 1952, grifos do autor).

Faris Michael ao estudar as raças debruçou-se sobre os inferiores, como ele mesmo afirmava. A crítica aos “mestres do asfalto” está presente em todas as suas obras, pois para o autor era a partir da solidariedade entre as culturas e o conhecimento e o respeito das nossas raízes culturais que amenizariam as injustiças sociais.

Na obra Tupi e Grego (1973) o intelectual novamente escreveu

Aos falsos eruditos, líderes intelectuais e cientistas de um olho só, o índio continua a ser das espécies mais rasteiras, mais canibalescas e, por todos os títulos, mais avessas à civilização. Não há raças superiores nem inferiores, dizem, mas, no que toca ao índio brasileiro, aí se nos depara, por sem dúvida, um caso genuíno e insofismável de inferioridade. Ora, essas sandices devem acabar, de uma vez por todas, para DIGNIFICAÇÃO da ciência antropológica brasileira (MICHAEL, 1973, p. 8-9, grifos do autor).

Nas passagens trazidas para o texto percebemos a indignação do intelectual aos discursos criados para justificar as posições dominantes de determinados grupos sociais, concedendo privilégios a uns e impedindo outros.

Em outro texto também publicado no Tapejara, Faris Michaelae fala da importância da música afirmando “aliada íntima da dança e do canto, ela, porém transcende o domínio próprio da arte, indo entrelaçar-se com os diversos ramos da ciência” (TAPEJARA, dez. 1953).

Assim como a sua preocupação com a relevância da música para a arte, cultura e vida social; Michaelae também lutou por outras instâncias que diversificassem a cultura da cidade de Ponta Grossa: biblioteca, palestras, conferências, maratonas intelectuais, cursos de extensão, jornal cultural, etc.

Octávio Ianni no texto *Idéia de um Brasil moderno* escreve sobre os esforços da intelectualidade da época em compreender a cultura e transmiti-la

Todo o empenho está em compreender o presente, em suas raízes próximas e distantes. Por isso, em diferentes épocas, o pensamento social debruça-se sobre o passado, tentando descobrir segredos do presente. Mas sempre se revela o fascínio pela modernidade como idéia, forma ou ilusão, sem questionar de onde vem, para onde vai. As últimas modas provenientes dos centros culturais dominantes da Europa e Estados Unidos podem ressoar em alguns centros culturais brasileiros, como novas verdades que substituem outras. Há para alguns os quais a última novidade européia ou norte-americana pode representar o novo paradigma para pensar, filosofar, explicar, criar (IANNI, 1992, p.45).

Sintonizado aos ideais da modernidade e conectado as matrizes teóricas estrangeiras (QUADRO 1), Faris Michaelae iniciou seu trabalho social, cultural e educativo com a fundação do Centro Cultural Inter-Americano que, mais tarde, passou a se chamar Centro Cultural Brasil-Estados Unidos em 1944. O centro criado em colaboração com os seus pares foi fruto “de puro idealismo, pois, apesar de os alunos pagarem mensalidade (as quais deviam ser empregadas em aluguel e manutenção do Centro), tanto Adhemar Moraes como o dr. Faris nada recebiam pelas aulas dadas” (WANKE, 199, p. 91). Além das aulas de língua estrangeira moderna, o inglês, Faris Michaelae também lecionava um curso de Tupi moderno.

Outro empreendimento cultural encabeçado por Faris Michaelae foi o Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), em 1948. O CCEC foi “uma sociedade civil destinada a congregar intelectuais, prestando-lhes apoio cultural e moral, cooperando, assim, para o desenvolvimento da literatura, das ciências e das artes, bem como estimular o intercâmbio de idéias com o resto do país e das Américas” (ESTATUTO do CCEC, 1948).

A criação de tais centros culturais nasce no Brasil junto ao movimento de nacionalização cultural, inspiradas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de construir uma história e uma identidade nacional. Para Lilian Schwarcz (2000, p.99) “[...] o estabelecimento carioca cumpria o papel que lhe foi reservado [...] construir uma história da nação, recriar o passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidade em personagens e eventos até então dispersos”.

Paulatinamente, a exemplo do IHGB, instituições similares vão se espalhando pela imensidão territorial brasileira e congregando intelectuais que, mesmo estando afastados dos grandes centros, buscavam acompanhar as discussões sobre as questões emergentes da sociedade brasileira.

Enfim, Faris Michaelle entendendo a cultura como um conjunto de manifestações, obtenções e aquisições realizadas pelos homens transmitidas de geração a geração pretendia que esta ligada à atividade educacional fosse capaz de aproximar os brasileiros da realidade da sua nação. O intelectual ao longo da sua trajetória acreditou que a cultura e a educação eram os principais elementos transformadores da sociedade pontagrossense e brasileira.

Podemos afirmar que o projeto moderno de Faris Michaelle buscava efetivação e era disseminado pelas vias da cultura e da educação, pois a sua atuação como fundador e partícipe de ambientes culturais e a trajetória profissional marcada pelo magistério, fizeram com que parte da sua vida fosse dedicada a esses compromissos. As ações culturais e educativas corroboravam para a construção do projeto nacional. Através das aulas do *mestre-pontagrossense* era possível conhecer as raízes da cultura brasileira: os índios, os negros. O Centro Cultural Euclides da Cunha também se encarregou da tarefa de difundir a cultura brasileira ao Brasil e ao mundo. Conservar a cultura regional e nacional é o ponto crucial do projeto moderno de Faris Michaelle.

A trajetória profissional ligada à carreira docente de Faris Michaelle fez com que o teórico exercesse o papel de disseminador cultural não só por meio dos escritos, mas também pelo compartilhamento das suas opiniões, entendimentos e visões de mundo com uma geração de professores que ali se formaram.

Apesar de não ser nossa pretensão discutir a concepção de educação do intelectual, trazemos as evidências de que principais obras estrangeiras e nacionais³¹ que serviram de base para o Movimento pela Escola Nova brasileiro faziam parte do acervo da biblioteca pessoal de Faris Michaelle (CAMPOS; MARCHESE, 2010). Isso não nos é suficiente para afirmar que ele foi um professor adepto aos ideários escolanovistas, contudo é uma pista para fomentar pesquisas posteriores que levem a cabo tal hipótese.

³¹ Tais obras que foram basilares no Movimento pela Escola Nova brasileiro, que compõem o acervo pessoal do intelectual em questão, estão descritas em dois quadros resultantes da investigação da Iniciação Científica intitulada *Diálogo de Faris Michaelle com a Escola Nova (2010-2011)*, sob a orientação do Prof.^o Dr.^o Névio de Campos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho apresentado, nossa tarefa foi percorrer a trajetória intelectual de Faris Michaelle, buscando pistas nas suas ações e produções sobre as suas discussões da cultura e da educação sintonizadas com as ideias da modernidade. Nesse sentido, nosso trabalho trouxe à luz um intelectual *regional*, pouco conhecido na cidade onde atuou e talvez completamente desconhecido pelo restante do país, mas que seu estudo revelou questões importantes para a compreensão da geração de intelectuais que pensaram o Brasil no século XX, principalmente o Brasil interior.

Desse modo, nosso esforço inicial pautou-se na análise da formação e da profissionalização do intelectual. Desde a infância percebemos a dedicação do personagem à cultura. Mais tarde, mesmo formando-se em Direito, Faris Michaelle optou pelo magistério como sua profissão. E, assim, iniciou a luta como um homem organizador da cultura.

Percorrendo o contexto histórico da cidade de Ponta Grossa, conflitamos a memória criada em torno do intelectual e seus feitos, mostrando que Faris Michaelle foi, sem dúvidas, um nome importante para o desenvolvimento cultural e educativo do município. Entretanto, antes mesmo da sua presença já havia intenções nesse sentido. Também vale lembrar que os empreendimentos de Faris Michaelle não foram ações isoladas e individuais, embora o mesmo assumisse inúmeras vezes a frente dos projetos. As ações eram sempre coletivas com apoio de inúmeros intelectuais.

Sem dúvida, o Centro Cultural Euclides da Cunha foi um ponto culminante nas inúmeras ações empreendidas por Faris Michaelle. A agremiação cultural com a finalidade de intercâmbio cultural foi reveladora para que compreendêssemos o veio pan-americanista que tanto inspirou o intelectual *regional* à lançar-se ao Brasil e ao mundo. O ensejo ao patrono da instituição e a sua obra também nos trouxeram entendimentos relevantes sobre o nacionalismo e a opção do intelectual pelos estudos dos povos indígenas.

A ação de Faris Michaelle ao fomentar a criação da referida instituição cultural estava sintonizada com outras ações com o mesmo objetivo que foram inauguradas no extenso território brasileiro e que, assim como o CCEC,

buscavam reorganizar a sociedade brasileira por meio da ciência e da educação.

O desejo de Faris Michaele estava em consonância com o que pretendiam os *moços*, a juventude intelectual, que assumiu a missão de construir a nação e modernizá-la desprendendo-se daquilo que travava o progresso.

Faris Michaele buscou nas raças e nas línguas a essência da cultura brasileira, difundindo em com seus estudos e reflexões científicas a formação da cultura brasileira. O personagem se ancorou em inúmeros trabalhos da perspectiva do movimento modernista brasileiro de autores de renome para compor sua obra, mas não deixou de questioná-los, aproximando-se e distanciando-se das premissas que moveram as discussões sobre as temáticas da nacionalidade no século passado.

Portanto, o projeto moderno de sociedade que buscamos compreender ao longo desse trabalho está intimamente ligado com aos ideais da modernidade que estavam em voga no país. Isto é, o esforço de Faris Michaele era em prol da cultura e da educação, elementos esses que tornavam possível a concretização dos anseios em defesa da unidade nacional, da identidade nacional, da *brasilidade*, daquilo que fosse genuinamente brasileiro e que pudesse nos representar diante as outras nações.

Ser moderno para Faris Michaele era assumir a vocação messiânica de ir em busca das nossas raízes, do ideal da brasilidade, exaltando as temáticas nacionais nas suas ações e produções a fim de conhecer o Brasil e a diversidade da cultura brasileira.

Ser moderno para Faris Michaele era agir na coletividade, congregando intelectuais em torno de projetos culturais que visavam o intercâmbio cultural com os Estados do Brasil, com as Américas e com a Europa; bem como o benefício cultural para a própria comunidade por meio de palestras, conferências, divulgação em periódicos, biblioteca, entre outros.

Enfim, Faris Michaele mesmo distante dos grandes centros assumiu a tarefa patriótica e científica de contribuir para a construção da identidade nacional, buscando nas raças e nas línguas a essência do povo brasileiro, enaltecendo a cultura brasileira e difundindo-a pelas Américas e pela Europa. Para tanto, o intelectual investiu em diversas estratégias de auto-promoção em

busca do reconhecimento e afirmação no campo intelectual brasileiro em formação na época analisada. Faris Michaelle esforçou-se para divulgar suas obras e torná-las conhecidas no Brasil e no restante do mundo, escreveu um número significativo de cartas e as envia para intelectuais de renome com o intuito de manter diálogo com seus pares, reuniu intelectuais em grupos para divulgar seu modo de pensar e se fortalecer demonstrando notoriedade em outras instituições. A empreitada intelectual de Faris Michaelle se constituiu em uma jornada de trabalho intensa, pois o mesmo teve que produzir o seu próprio púlpito para proferir com legitimidade o seu discurso.

FONTES

ARQUIVO

Sala do Acervo Centro Cultural Euclides da Cunha, do Laboratório de Pesquisa em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ARTIGOS DE JORNAIS E REVISTAS

BARK, Ali. Faris Michael, o bom e o sábio. **Rumo Paranaense**, Curitiba, jul. 1977.

BARROS, L. Um jornal diferente. **Tapejara**, Ponta Grossa, mai. De 1958.

BITTENCOURT, M. T. P. Panamericanismo: como organizar o intercâmbio cultural entre o Brasil e as nações americanas. **Tapejara**, Ponta Grossa, out. de 1953.

D'OLIVEIRA, Nelson Saldanha. A visita do mestre. **Rumo Paranaense**, Curitiba, jul. 1977.

GROTT, M. Biografia do Dr. Faris Antônio Salomão Michael. **Tapejara**, Ponta Grossa, jun. de 1952.

MICHAELE, F. A repercussão de tapejara pela América e estrangeiro em geral. **Tapejara**, Ponta Grossa, dez. de 1950.

_____. Cultura e males sociais. **Tapejara**, Ponta Grossa, jan. de 1953.

_____. Maratona intelectual euclidiana. **Tapejara**, Ponta Grossa, jun. de 1951.

_____. Ponta Grossa, futura cidade universitária. **Tapejara**, Ponta Grossa, jun. de 1952.

_____. Euclides da Cunha, Arthur Ramos e Gilberto Freyre. **Tapejara**, Ponta Grossa, set. de 1952.

_____. Tapejara. **Tapejara**, Ponta Grossa, 3 de set. de 1950.

_____. Euclides da Cunha. **Tapejara**, Ponta Grossa, 3 de set. de 1952.

_____. Arte, cultura e vida social. **Tapejara**, Ponta Grossa, dez. de 1953.

_____. Aos euclidianos. **Tapejara**, Ponta Grossa, mai. de 1954.

_____. Faculdade de direito de Ponta Grossa. **Tapejara**, Ponta Grossa, set. de 1954.

_____. O panamericanismo e o Brasil. **Tapejara**, Ponta Grossa, abr. de 1955.

_____. O índio e a literatura brasileira. **Tapejara**, Ponta Grossa, jun. de 1956.

_____. O dia da independência dos Estados Unidos. **Tapejara**, Ponta Grossa, jul. de 1957.

_____. O centro cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. **Tapejara**, Ponta Grossa, jul. de 1957.

_____. O independence Day em Ponta Grossa. **Tapejara**, Ponta Grossa, set. de 1959.

_____. Devemos estudar a língua dos selvagens do Brasil. **Tapejara**, Ponta Grossa, set. de 1959.

_____. Tapejara, a voz do Brasil interior. **Tapejara**, Ponta Grossa, dez. de 1970.

NASCIMENTO, Noel. O mestre pontagrossense, **Rumo Paranaense**, Curitiba, jul. 1977.

OLIVEIRA FRANCO. Declarando de utilidade pública o centro cultural Euclides da Cunha. **Tapejara**, Ponta Grossa, 4 de jul. de 1957.

PILOTO, Osvaldo. Faris Michael. **Minerva – Revista da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa**, Ponta Grossa, n. 2, p. 5-7, 1968.

PILOTO, Valfrido. Tupi e grego, do professor Michael e a Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Diário do Paraná**, p. 2, 7 mar. 1974.

_____. Palavras à mocidade. **Tapejara**, Ponta Grossa, jun. de 1952.

SANTOS, V. R. dos. Tapejara e o euclidianismo. **Tapejara**, Ponta Grossa, out. de 1951.

TABORDA, V. J. Faris Michael: lídimo expoente da cultura brasileira. **Rumo Paranaense**, Curitiba, jun. de 1977.

VIEIRA, F. Centro cultural Euclides da Cunha. **Tapejara**, Ponta Grossa, out. de 1952.

OBRAS DE FARIS MICHAELE

MICHAELE, Faris Antônio Salomão. **Ensaio contemporâneo** (ciência e filosofia). Curitiba: Editora Guaíra Limitada, 1940.

_____. **Titãs de Bronze**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1969.

_____. **Manual de conservação da língua tupi**. Ponta Grossa: Edições Euclidianas, 1951.

_____. **Breve introdução à antropologia física**. Curitiba: Superintendência do Ensino Superior do Paraná, 1961.

_____. **Arabismos entre os africanos na Bahia**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1968.

_____. **Tupi e grego**. Ponta Grossa: Cadernos Universitários, 1973.

_____. **Gauchismos do prata e gauchismos do Brasil**. Ponta Grossa: Edição do Autor, 1976.

_____. **O direito entre os índios do Brasil**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1979.

_____. **Cepa esquecida**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 1983.

OBRAS COM A COLABORAÇÃO DE FARIS MICHAELE

SOARES, Olavo. **Biografia de Vila Velha**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 1975.

EL-KHATIB, Faissal. **História do Paraná**. 4 volume. Curitiba: Gráfica Editora Paraná Cultural, 1969.

OBRAS SOBRE FARIS MICHAELE

WANKE, Eno Theodoro. **Faris Michaele, o tapejara. Uma biografia**. Rio de Janeiro: Edições Plaquette, 1999.

OUTROS DOCUMENTOS

Estatuto do Centro Cultural Euclides da Cunha, 1948.

MANUSCRITO. Flávio Guimarães, Rio de Janeiro, 24 de set. de 1952.

MANUSCRITO. Flávio Guimarães, Rio de Janeiro, 8 de jun. de 1951.

MANUSCRITO. Cândido Mariano da Silva Rondon, Rio de Janeiro, 9 de jul. de 1943.

MANUSCRITO. Darly Luiz Wambier, Ponta Grossa, 6 de jan. de 1952.

Portaria n. 213 de 21 de jul. de 1950

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. A imagem da cidade moderna: o cenário e seu avesso. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Modernidade e modernismo no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1994, p. 89-95.

ANDRADE, M. L. Dario Vellozo e a escola moderna: a renovação do pensamento educacional no Paraná (1906-1918). In: VIEIRA, C. (Org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

BASTOS, É. R. **Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1986.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BOUTIER, J.; JULIA, D. **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

BLOCH, M. **Apologia da história ou Ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRITO, R. A semana de 22: o trauma do moderno. In: TOLIPAN, Sérgio et. al. **Sete ensaios sobre o modernismo**. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1983, p. 9-17.

BURKE, P. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 7-37.

CAMPOS, N.; MARCHESE, E. Faris Michael: trajetória de um intelectual moderno. In: **Olhar de Professor**, Ponta Grossa 13 (1), p. 185-199, 2010.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. Modernismo. In: _____. **Presença da literatura brasileira**. São Paulo: Difel, 1978, p. 7- 33.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CHAVES, N. B. **A cidade civilizada**. Discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa/PR – Década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

_____. **Entre “preceitos” e “conselhos”: discursos e práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa/PR (1931-1953)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, 2011.

CARNEIRO, C. F. G.; OLIVEIRA, J. C. de. Edificações escolares em Ponta Grossa a partir da gestão da “coisa pública” de Albary Guimarães. In: **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Lingüística, Letras e Artes. Ponta Grossa**, vol. 13, n. 1, p. 97-110, 2005.

CARVALHO, S. M. B. de. **A formação do professor de história na Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual de Ponta Grossa de 1950 a 1970**: propostas curriculares e memórias docentes. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, 2010.

CARVALHO, M. V. C. . Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias. In: Natália Gil; Matheus da Cruz e Zica; Luciano Mendes de Faria Filho. (Org.). **Moderno, Modernidade e Modernização**: a educação nos projetos de Brasil - séculos XIX e XX (volume 1). 1ed.Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, v. 1, p. 13-34.

CHAUÍ, M. Intelectual engajado: uma figura em extinção? In: NOVAIS, A. **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DAGOSTIM, Maristela Wessler. **A república dos conselhos: um estudo sobre a transformação da elite política paranaense (1930-1947)**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciência Política-PPGCP), Universidade Federal do Paraná, 2011.

DAROS, M. D. . Desenvolvementismo e políticas educativas no Brasil: nos anos de 1950/1960: transnacionalização e modernização. In: GIL, Natália;ZICA, Matheus da Cruz; FARIA FILHO, Luciano. (Org.). **Moderno, Modernidade e modernização**: a educação nos projetos de Brasil: século XIX e XX. 1ed.Belo Horizonte: Mazza Editora, 2012, v. 1, p. 185-204.

DITZEL, C. H. M. **Imaginário e representações**: o integralismo dos Campos Gerais (1935-1955). Ponta Grossa: UEPG, 2007.

_____. O Arraial do fogo e da cultura: os euclidianos ponta-grossenses. Ponta Grossa, 1998. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

FERREIRA, L. O. O ethos positivista e a institucionalização da Ciência no Brasil no início do século XIX. **Revista de Estudos Culturais**, v. 4, ano IV, n. 3, 2007.

FONSECA, T. N. e. História da Educação e História Cultural. In:_____. **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso., v. 1, p. 115-126, 2009.

HOLZMANN, E. **Cinco histórias convergentes**. Curitiba: Requião, 1966.

LAHUERTA, M. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: DE LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (orgs.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. (p. 93-114).

MEIHY, J. C. S. Monteiro Lobato e o outro lado da rua. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Modernidade e modernismo no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1994. (p. 39-56).

MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu e educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Pensadores e educação, v.4)

NOVAIS, F. Texto introdutório à Formação do Brasil contemporâneo de Caio Prado Júnior. In: **Os interpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000, vol. III.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Editora da PUC, 1981, p. 7-28.

NUNES, C. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, E. M.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (p. 371-398).

OLIVEIRA, J. C. de. **Educadores ponta-grossenses – 1850-1950**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.

IANNI, O. **A ideia de Brasil moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

OLIVEN, R. G. Cultura e modernidade no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15, p. 3-12, 2001.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

OSINSKI, D. B. Guido Viário: modernidade na arte e na educação. Curitiba, 2006. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná.

PALLARES-BURKE, M. L. A imprensa periódica como empresa educativa no século XIX. **Caderno de Pesquisa**, 1998: 144-161.

PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PINTO, E. A. **A população de Ponta Grossa a partir do Registro Civil (1889-1920)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, 1980.

PIZZETTI, S. Os fundamentos epistemológicos e metodológicos do conhecimento histórico: algumas reflexões entre o passado e futuro. **História Social**. Campinas-SP, n. 10, p. 13-34, 2003.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em Revista**. Dossiê em História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolar. Curitiba, Editora UFPR, n.18, 2001, p.13-28.

SÁ, D. M. de. **A Ciência como Profissão**: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz, 2006.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVCENKO, N. O Fardo do Homem Culto: Literatura e Analfabetismo no Prelúdio Republicano, **Revista de Cultura Vozes**, n. 9, novembro de 1980.

SILVA, H. R. da. História Intelectual: condições de possibilidades e espaços possíveis. In:_____. **Fragmentos da história intelectual**: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002.

SILVA, K.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, R. **A arte como princípio educativo**: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SOARES, T. M. Z. Língua e identidade nacional: a construção de imaginários pelas políticas lingüísticas. **Cadernos do CNFL**, vol. XIII, n. 4, 2009.

SOUZA, V. S. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o 'contextualismo linguístico' na perspectiva da Quentin Skinner. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v.5, n.4, out./nov./dez./2008. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br> Acesso em: 06 ago. 2012.

SOUZA, E. F. de. **Intelectuais, modernidade e discurso educativo no Jornal Diário dos Campos (1907-1928)**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010.

STORTI, W. M. R. **Educação árabe em Curitiba**: a escola islâmica do Paraná. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE), Universidade Federal do Paraná, 2011.

TOURAINÉ, A. Apresentação; Nascimento do sujeito. In: _____. **A crítica da modernidade**. Tradução Elia Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

VARGAS, T.; HOERNER, V.; BÓIA, W. **Academia Paranaense de Letras**: biografias. Curitiba: Academia Paranaense de Letras, 2011.

VELOSO, M. Gilberto Freyre e o horizonte do modernismo. **Sociedade e Estado** (UnB Impresso), v. XV, p. 25-50, 2000.

VELLOSO, M. P. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 89-112, 1993

VIEIRA, C. E. O Movimento da Escola Nova no Paraná: trajetória e ideias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar em revista**, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 18, p. 53-73, 2001.

_____. Intelectuais e o discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927). In: BENCOSTTA, M. L. A. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007a.

_____. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre a imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, M. A. T. de (Org). Cinco estudos em história e historiografia da educação. São Paulo: Autentica, 2007b.

_____. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenções, Tradições e escrita da História da Educação no Brasil. Vitória-ES. 2011a. Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenções, Tradições e escrita da História da Educação no Brasil.

_____. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil.. In: ALVES, C.; LEITE, J.L.. (Org.). **Intelectuais e história da educação no Brasil**: poder, cultura e políticas. 1ed.Vitória: EDUFES, 2011b, v. 1, p. 25-54.

VIEIRA, C. E.; ROBALLO, R.O. B. História e história da educação no projeto de formação de professores na década de 30 no Brasil: problematizando as noções de Afrânio Peixoto. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 32 (2): 243-259, jul./dez. 2007.

VILHENA, L. R. Os Intelectuais Regionais. Os Estudos de Folclore e o Campo das Ciências Sociais nos Anos 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n. 32, outubro, 1996

_____. **Projeto e missão:** o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997.

WILLIAMS, R. **Cultura.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZULIAN, R. W. A victoriosa rainha dos campos: Ponta Grossa na conjuntura republicana. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 03, p. 37 – 76, 1998.

APÊNDICES

MICHAELE, Faris Antônio Salomão. **Ensaaios contemporâneos** (ciência e filosofia). Curitiba: Editora Guaíra Limitada, 1940.

Ensaaios Contemporâneos (Ciência e Filosofia) publicada em 1940 pela Editora Guaíra, embora escrita nos anos de 1930, é resultado de uma reunião dos trabalhos de Faris Michaelle, uns já publicados e outros inéditos, conforme informa o autor logo nas primeiras páginas reservadas ao diálogo com o leitor.

O livro possui 205 páginas dedicadas “a sagrada memória” de seu pai e a sua mãe, “síntese das virtudes cristãs”, como prova de gratidão. Logo após o protocolo inicial, uma lauda é reservada a esclarecimentos ao leitor, seguida dos capítulos propriamente ditos. Vale destacar que a obra não possui prefácio e o índice encontra-se no fim do livro.

Impressa no formato brochura, a obra é dividida em 15 capítulos. Cada capítulo disserta sobre uma temática, muitas vezes, independente das demais. Ora o autor discute questões da filosofia, ora da matemática, e até mesmo da lingüística e sociologia. Um fato curioso é que nas páginas finais seguem os apêndices escritos na língua inglesa. Ao final da obra há um espaço reservado às referências dos livros consultados, organizados por capítulos. O texto é repleto de extensivas notas de rodapé, concentradas ao término de cada capítulo.

A primeira obra do autor tem um caráter de divulgação filosófica. Todavia, Faris Michaelle trata das relações entre as ciências e do mundo científico moderno, discute a influência da Teoria da Relatividade nos campos do conhecimento, analisa obras e pensamentos de alguns estudiosos, como por exemplo, James Jeans, Arthur Stanley Eddington e Alfred North Whitehead. A literatura e a lingüística também ganham espaço na obra quando o autor faz um levantamento da literatura japonesa, expõe alguns pontos da influência da língua portuguesa nas línguas orientais e tece algumas considerações sobre o dialeto americano.

Na relação de livros consultados destacamos alguns nomes citados e lidos por Faris Michaelle, são eles: Albert Einstein, Frederich Nietzsche, Charles Darwin, Sigmund Freud, Rui Barbosa, Mário Barreto, Visconde de Taunay, João Ribeiro e Lucian Lefébvre.

MICHAELE, Faris. Titãs de Bronze . Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1969
--

A segunda obra de Faris Michaelle ,publicada em 1943 com reedição no ano de 1969, que acrescenta vinte poemas inéditos, *Titãs de Bronze*, reúne poemas escritos nas quatro principais línguas faladas no continente americano: inglês, espanhol, português e tupi.

A obra é, segundo o autor, “uma homenagem sincera e simples à indissolúvel União Panamericana” (MICHAELE, 1943, p.9). Essa homenagem faz parte do sonho de irmanar os povos americanos, buscando a integração e o intercâmbio cultural entre as nações. Se na primeira obra o autor não menciona nenhuma questão de raça e formação étnica, *Titãs de Bronze* já inicia com um poema dedicado ao índio. E, assim, o livro segue rimando versos sobre a Argentina, Paraguai, México, Nicarágua, Costa Rica, Guatemala, Porto Rico, Chile Honduras, Colômbia, Cuba, Uruguai, Equador, República Dominicana, Panamá, Haiti e, não poderia faltar o Brasil e o Estados Unidos que para ele era “[...] a Querida Pátria de nossos sonhos, a Grande Pátria dos ideias e do humanitarismo, refúgio do Saber e da Dignidade, aí se acham, traduzidas num acróstico e num verso, singelos ambos, porém cheios de gratidão e sinceridade” (MICHAELE, 1943, p. 14).

O autor também dedica algumas páginas da segunda edição às trovas indígenas, traduzindo a famosa Canção de Exílio de Gonçalves Dias e o Hino Nacional Brasileiro para o Tupi. Outro fato curioso do livro é a homenagem prestada em forma de poesia a Edgar Allan Poe, Willian Shakespeare e Euclides da Cunha.

MICHAELE, Faris. Manual de conservação da língua tupi . Ponta Grossa: Edições Euclidianas, 1951.

Quase dez anos mais tarde é publicada a terceira obra de Faris Michael: *Manual de Conservação Tupi* (1951) das Edições Euclidianas (Biblioteca Brasília). Com uma introdução breve, o autor faz algumas reflexões que justificam o estudo e a importância do Tupi para interpretarmos “os nomes representantes dos três reinos da natureza e a própria história da pátria, em seus múltiplos episódios e fatos decisivos” (MICHAELE, 1951, p. 10).

Dessa forma, o autor apresenta a língua indígena e suas peculiaridades em vinte lições que iniciam por um quadro de vocabulário seguido de uma nota explicativa, depois um exercício em tupi e, por fim, a tradução. Tal livro de caráter prático e didático é resultado da sistematização das aulas que Faris Michael proferia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, na cadeira de Tupi.

MICHAELE, Faris. **Breve introdução à antropologia física**. Curitiba: Superintendência do Ensino Superior do Paraná, 1961.

Outra produção de Faris Michael data do ano 1968 e é intitulada *Breve introdução à antropologia física*. A obra didática é feita sob a encomenda da Superintendência do Ensino Superior do Paraná. Assim como o Manual de conservação da língua Tupi, é resultado da sistematização das aulas proferidas na disciplina de Antropologia Física nos cursos de História e Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa. Esse livro traz o entendimento e a interlocução de Faris Michael a respeito dos conceitos de cultura e ciência.

MICHAELE, Faris. **Arabismos entre os africanos na Bahia**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1968.

Em 1968 é publicada obra que, ao nosso ver, é a mais inusitada e curiosa: *Arabismos entre os africanos na Bahia*. A obra reúne uma série de artigos escritos no jornal, inspirados na “*Raça-Mártir*” com a pretensão de tornar mais conhecida a figura do escravo muçulmano.

Dividindo o texto em seis capítulos, o autor mostra seu ofício de antropólogo e lingüista “[...] no sentido de situar o muçulmi, em relação ao conjunto das manifestações espirituais da história do povo brasileiro” (MICHAELE, 1968, p. 12).

MICHAELE, Faris. **Tupi e grego**. Ponta Grossa: Cadernos Universitários, 1973.

Anos mais tarde, em 1973, é publicada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, na coleção Cadernos Universitários, a obra *Tupi e Grego*. Também resultado das aulas do curso de língua Tupi, o livro datilografado é composto por doze lições didáticas. Nas explicações iniciais, Faris Michaelle argumenta a respeito da relevância do estudo da língua Tupi.

MICHAELE, Faris. **Gauchismos do prata e gauchismos do Brasil**. Ponta Grossa: Edição do Autor, 1976.

Em 1976, um ano antes da sua morte, Faris Michaelle publica o pequeno livro intitulado *Gauchismos do prata e gauchismos do Brasil*. A obra que presta homenagem ao primeiro centenário da obra gauchesca “*Martín Fierro*”, de José Hernandez, é uma publicação “atrasada”, segundo o intelectual, pois “o poema tornou-se, de repente, o livro mais lido da América” (MICHAELE, 1976, p. 1), completando o centenário no ano de 1972. Faris Michaelle justifica o atraso ao seu estado de saúde.

Na obra de poucas páginas divididas em oito capítulos, o autor se debruça sobre o Estado do Rio Grande do Sul, analisando o vocabulário de Martín Ferro, que revela os gauchismos da região sul do Brasil e da região do Prata.

MICHAELE, FARIS. **O direito entre os índios do Brasil**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1979.

Nos anos seguintes, em 1979 e em 1983, encontramos duas publicações póstumas de Faris Michaelle, organizadas por sua esposa Amélia Oberg.

Também impresso pela Universidade Estadual de Ponta Grossa nos Cadernos Universitários, *O direito entre os índios do Brasil* é publicado em 1979. O texto com poucas páginas, revela a luta do intelectual ponta-grossense em defesa dos povos indígenas, que eram considerados menores na legislação brasileira.

MICHAELE, Faris. *Cepa esquecida*. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 1983.

O último e o mais recente livro de Faris Michaelle, publicado em 1983, é *Cepa esquecida*. A ilustração trazida na capa do livro chama a atenção do leitor, pois assim como no título, a palavra cepa significa “tronco de videira ou de linhagem, família”. A imagem retrata o rosto de um indígena e abaixo do seu pescoço saem ramificações que imitam uma árvore e suas raízes.

A obra já estava escrita três anos antes da morte de Faris Michaelle. Entretanto, como sua publicação é posterior, sua esposa escreve as palavras iniciais e Eno Theodoro Wanke faz uma evocação de Faris Michaelle. O restante do livro divide-se em introdução, três capítulos, anexos e bibliografia.

Cepa esquecida fala do índio, do negro e do caboclo, fazendo um levantamento da distribuição dos grupos étnicos brasileiros nos diferentes Estados e, ao final, trazendo uma extensiva lista de personagens conhecidos no cenário nacional, seguidos por pequenas biografias que evocam a contribuição de tais autores de sangue indígena, negro e caboclo. O texto da obra é rico em detalhes e informações que revelam o exaustivo processo de pesquisa do autor, pois além de uma relação que excede 600 livros consultados que somam 26 páginas de referências bibliográficas, o autor também expõe uma relação de jornais, revistas, cartas e outros documentos utilizados.

Entre os autores consultados se destacam: Afrânio Peixoto, Alceu de Amoroso Lima, Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro, Roquette Pinto, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Gilberto Freyre,

Lourenço Filho, Mário de Andrade, Pedro Calmon, Rocha Pombo, Roger Bastide e Sérgio Buarque de Holanda.